



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação

Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo de ensino-aprendizagem das crianças: o Papel do Educador Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação

Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre na área de Educação Social e Intervenção Comunitária

Jéssica Sofia Pedro Martins

Orientador: Professor Doutor Paulo Coelho Dias

Coorientadora: Professora Doutora Perpétua Santos Silva

Junho de 2022

Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação de Santarém
Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária

**Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo
de ensino-aprendizagem das crianças: o Papel do Educador
Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação**

Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre na área de Educação Social
e Intervenção Comunitária

Jéssica Sofia Pedro Martins

Orientador: Professor Doutor Paulo Coelho Dias

Coorientadora: Professora Doutora Perpétua Santos Silva

Junho de 2022

Agradecimentos

Em primeiro lugar queria deixar o meu agradecimento aos meus orientadores Professor Doutor Paulo Dias e Professora Doutora Perpétua Silva pelas aprendizagens e orientação.

À minha mãe, Élia Pedro e ao meu pai, António Martins por tudo o que me ensinaram ao longo da vida e que sempre me acompanharam e apoiaram incondicionalmente.

Ao meu irmão, Leandro Martins pelo carinho e por me incentivar a nunca desistir.

Ao meu namorado, Pedro Henriques por estar sempre presente e pelo apoio demonstrado nos melhores e piores momentos.

À minha amiga, Letícia Oliveira pela disponibilidade, pela amizade e companheirismo.

À restante família e amigos por acreditarem sempre em mim e me darem força para continuar.

Não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que participaram direta ou indiretamente neste estudo e deixar um agradecimento muito especial à Educadora Social Patrícia Filipe por todo o apoio e auxílio para que este estudo fosse realizado da melhor maneira à distância.

A todos um muito obrigado!

Resumo

A presente dissertação aborda a questão da importância da relação entre a escola e a família no processo de ensino-aprendizagem das crianças, procurando também perceber o papel do Educador Social na escola enquanto mediador dessa relação. Este trabalho corresponde a um estudo de caso realizado numa escola do ensino básico, no distrito de Santarém.

Face ao objeto de estudo da dissertação, o tema foi devidamente contextualizado, apresentando-se, assim, o conceito de família e a sua importância na educação. Do ponto de vista teórico, foi também apresentado o papel do educador social como mediador no contexto escolar.

Metodologicamente, procedeu-se a um estudo de natureza mista, à vez qualitativa ou quantitativa, em função dos objetivos de estudo, tendo para isso sido realizada observação direta e indireta, nomeadamente, inquérito por questionário e por entrevista.

Os principais resultados deste estudo foram que, nesta escola em específico, de uma maneira geral, os pais procuram acompanhar o progresso dos seus filhos na escola. Todos os envolvidos consideram que a relação entre a escola e a família é imprescindível, existindo uma boa comunicação e atividades que a escola realiza em conjunto com a família. Relativamente à educadora social, conclui-se que esta tem um papel ativo sendo uma interlocutora privilegiada na ligação entre a escola e a família.

Concluimos que com a participação dos pais na escola, as crianças sentem-se mais motivadas e por essa razão a relação entre a escola e a família torna-se relevante para o processo de ensino-aprendizagem das crianças e que a educadora social tem um papel ativo na escola.

Palavras-chave: Relação entre escola-família, papel do educador social na escola

Abstract

This dissertation approaches the issue of the importance of the relationship between school and family in the teaching-learning process of children, also seeking to understand the role of the Social Educator in school as a mediator of this relationship. This work corresponds to a case study carried out in an elementary school, in the district of Santarém.

In view of the object of study of the dissertation, the theme was properly contextualized, thus presenting the concept of family and its importance in education. From the theoretical point of view, the role of the social educator as a mediator in the school context was also duly presented.

Methodologically, a mixed study was carried out, either qualitative or quantitative, depending on the study objectives, for which direct and indirect observation was carried out, namely, a questionnaire survey and interview.

The main results of this study were that, in this particular school, in general, parents try to follow the progress of their children in school. All those involved consider that the relationship between the school and the family is essential, with good communication and activities that the school carries out together with the family. Regarding the social educator, it is concluded that she has an active role, being a privileged interlocutor in the connection between the school and the family.

We conclude that with the participation of parents at school, children feel more motivated and for that reason the relationship between school and family becomes relevant to the teaching-learning process of children and that the social educator has a role active at school.

Key Words: School-family relationship, role of social educator in school.

Índice geral

Agradecimentos	iii
Índice de gráficos.....	ix
Índice de tabelas	x
Lista de abreviaturas	xi
1. Introdução.....	1
2. Fundamentação Teórica	5
2.1. Abordagem ao conceito de família	5
2.2. Breve revisão sobre a parentalidade	7
2.3. A relação escola-família.....	10
2.3.1. Os diferentes campos da educação	10
2.3.1.1. Educação formal	11
2.3.1.2. Educação informal	12
2.3.1.3. Educação não-formal.....	14
2.3.2. Funções sociais da família e da escola.....	15
2.3.3. A importância da relação entre a escola e a família	20
2.4. Educador social como mediador em contexto escolar	25
2.4.1. O papel do Educador Social.....	25
2.4.2. O Educador Social em contexto escolar	29
2.4.3. O Educador Social como mediador	33
3. Metodologia.....	36
3.1. Amostra	36
3.2. Plano de observação.....	40
3.2.1. Recolha bibliográfica.....	41
3.2.2. Inquérito.....	41
3.3.2.1. Inquérito por questionário.....	41
3.3.2.2. Inquéritos por entrevista	44

4.	Apresentação dos resultados	49
4.1.	Acompanhamento do progresso dos filhos na escola	50
4.2.	Relação entre a escola e a família.....	55
4.3.	Comunicação entre a escola e a família	62
4.4.	Atividades na escola em conjunto com a família	69
4.5.	Atuação da educadora social na escola	71
4.6.	Metodologias e estratégias da educadora social na escola selecionada.....	74
5.	Conclusão	76
6.	Referências	84
7.	Anexos	88
A.	Questionário às famílias dos estudantes	88
B.	Guião de entrevista aos professores titulares de turma	93
C.	Guião de entrevista à coordenação da escola.....	96
D.	Guião de entrevista à Educadora Social	99
E.	Autorização para entrevista-conversa e captação de som	100
F.	Guião de entrevista-conversa com os estudantes	101
G.	Transcrição das entrevistas.....	102
G.1.	Transcrição da entrevista - Educadora Social	102
G.2.	Transcrição de entrevista – Professora do 1º ano e coordenadora.....	107
G.3.	Transcrição de entrevista - Professora do 2º ano.....	111
G.4.	Transcrição de entrevista – Professora do 3º ano	116
G.5.	Transcrição de entrevista – Professora do 4º ano	122
G.6.	Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 1º ano	128
G.7.	Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 2º ano	133
G.8.	Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 3º ano	138
G.9.	Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 4º ano	141
H.	Análise individual de conteúdo das entrevistas.....	145

H.1. Análise de conteúdo da entrevista à Educadora Social.....	145
H.2. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 1º ano e coordenadora	152
H.3. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 2º ano	158
H.4. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 3º ano	164
H.5. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 4º ano	172
H.6. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 1º ano.....	179
H.7. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 2º ano.....	182
H.8. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 3º ano.....	185
H.9. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 4º ano.....	188
I. Análise geral de conteúdo das entrevistas.....	191
J. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho nas tarefas escolares com sexo do respondente.....	213
K. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho nas tarefas escolares com ajuda o seu filho a estudar para os testes.....	215
L. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho a estudar para os testes com a relação dos pais.....	217
M. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho a estudar para os testes com a formação do pai e da mãe.....	219
N. Relação entre as variáveis: valorização das aprendizagens do filho com o sexo do respondente.....	222
O. Relação entre as variáveis: frequência com que entra em contacto com a escola com a relação dos pais	224
P. Relação entre as variáveis: frequência com que entra em contacto com a escola com formação do pai e da mãe.....	226

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Sexo do inquirido.....	43
Gráfico 2 - Ano de escolaridade do educando.....	44
Gráfico 3 - Sexo dos alunos entrevistados	48
Gráfico 4 - Auxílio nas tarefas escolares do educando	51
Gráfico 5 - Auxílio no estudo para os testes do educando	52
Gráfico 6 - Valorização e elogio das aprendizagens do educando	53
Gráfico 7 - Frequência com que a escola ou professora entra em contacto com os pais	66
Gráfico 8 - Frequência com que os pais entram em contacto com a escola ou com a professora	67
Gráfico 10 - Representantes de pais.....	68
Gráfico 11 - Atividades realizadas na escola em conjunto com a família	69

Índice de tabelas

Tabela 1 - Sexo e idades dos Encarregados de Educação inquiridos	37
Tabela 2 - Nível de escolaridade dos pais e mães das famílias inquiridas.....	38
Tabela 3 - Profissões dos pais e mães das famílias inquiridas	39

Lista de abreviaturas

ES - Educador/a Social

AEC – Atividades Extracurriculares

CEB – Ciclo do Ensino Básico

APCER – Associação Portuguesa de Certificação

SGQ – Sistema de Gestão de Qualidade

APQ – Associação Portuguesa para a Qualidade

EFQM - European Foundation for Quality Management

ATL - Atividades de Tempos Livres

1. Introdução

A realização deste trabalho desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

A presente dissertação tem como tema a Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo de ensino-aprendizagem das crianças: o Papel do Educador Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação. Neste sentido, o que se pretendeu com este estudo, foi tentar perceber quais os padrões de ligação que existem entre a escola e a família e o seu impacto na trajetória estudantil dos alunos; compreender de que modo as famílias e a escola podem estabelecer uma relação mais efetiva e permanente entre si, e também entender que papel desempenha o Educador Social em contexto escolar enquanto mediador desta relação entre a escola e a família.

Relativamente às motivações, este tema foi eleito uma vez que o contexto escolar sempre nos despertou bastante interesse, para além disso, a intervenção do Educador Social é muito vasta, incluindo em contexto escolar. No entanto, no nosso país, ainda não são muitas as escolas que apresentam Educadores Sociais nas suas equipas de trabalho. Por sua vez, através da leitura de um texto relacionado com o papel do Educador Social em contexto escolar¹, esse interesse de investigação aumentou ainda mais, tendo esse estudo salientado algum do relevante trabalho que é desenvolvido pelo Educador Social no contexto escolar.

Da nossa parte, imaginamo-nos, num futuro profissional, a intervir nesta área e neste contexto e, portanto, para nós, a presente dissertação constitui uma mais-valia pessoal e profissional por permitir aprofundar mais detalhadamente este tema e perceber as diversas funções que o Educador Social pode ter em contexto escolar e o seu papel na mediação da relação entre a escola e a família.

Por sua vez, a temática investigada pode ser importante para as escolas, para as famílias e também para os Educadores Sociais. Num primeiro momento, como é evidente, teve maior impacto na escola onde o estudo foi realizado, mas, mais tarde, poderá ser uma

¹ Taborda, M., & Dias, P. (2015). A prática do Técnico Superior de Educação Social em escolas TEIP. Revista da UI_IPSantarém-Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, 390-417.

inspiração e ponto de partida para outras pessoas realizarem estudos deste tipo noutras escolas do país.

No que concerne ao contexto de intervenção, o estudo foi realizado numa Escola do Ensino Básico do 1º ciclo, no distrito de Santarém, integrando os estudantes do 1º ciclo, ou seja, do 1º ao 4º ano de escolaridade, as suas famílias, os professores titulares das turmas, a diretora pedagógica e, também, obviamente, a Educadora Social que desenvolve a sua intervenção nesta escola.

De forma a delinear a natureza do estudo sobre a importância da relação entre a escola e a família no processo ensino-aprendizagem das crianças, bem como o papel do Educador Social na escola enquanto mediador dessa relação, são apresentados os seguintes objetivos gerais e específicos.

Perceber os padrões de ligação existentes entre a escola e a família e o seu impacto na trajetória estudantil dos alunos

Perceber como é que os pais acompanham o progresso dos filhos na escola

Entender a perspetiva dos professores a respeito da relação entre a escola e a família, bem como a relação família e aluno em termos do processo ensino-aprendizagem das crianças

Entender de que forma as famílias podem cooperar para uma relação mais efetiva e permanente com a escola

Saber o tipo de comunicação que existe entre a escola e a família

Conhecer se existe algumas atividades na escola em conjunto com a família e, caso existam, o que se pretende com elas

Compreender a atuação do educador social em relação à mediação entre a escola e a família

Conhecer o dia-a-dia do educador social dentro da escola

Compreender as metodologias e estratégias utilizadas pelo educador social na escola selecionada, desde logo no que respeita a interação escola família, procurando perceber o sentido desta atuação

Através deste estudo, o que se pretendeu foi reunir informações relevantes para dar resposta aos objetivos apresentados e compreender melhor esta temática investigada.

Nesta introdução apresentámos o tema desta dissertação, identificámos as nossas motivações pessoais para a escolha do referido tema, apontámos a sua relevância e também os seus objetivos gerais e específicos.

Posto isto, seguir-se-á a fundamentação teórica onde foram abordadas as temáticas da abordagem ao conceito de família; a breve revisão sobre a parentalidade; a relação escola-família, mais concretamente os diferentes campos da educação, as funções sociais da família e da escola e a importância da relação entre a escola e família; e, por fim, apresentamos o papel do Educador Social como mediador no contexto escolar, onde falamos sobre o seu papel enquanto profissional; em contexto escolar e também como mediador, especialmente, na relação escola-família.

Seguidamente, apresentamos a metodologia, na qual são identificados a amostra e os procedimentos metodológicos utilizados nesta dissertação com vista a alcançar os objetivos que nos propusemos.

No ponto seguinte, apresentamos os resultados obtidos na investigação incidindo nas seguintes dimensões: acompanhamento do progresso dos filhos na escola; relação entre a escola e a família; comunicação entre a escola e a família; atividades na escola em conjunto com a família, atuação da educadora social na escola e, por fim, metodologias e estratégias da educadora social na escola selecionada.

No seguimento dos resultados, apresentamos a conclusão, onde apuramos, essencialmente, o nível de consecução dos nossos objetivos, os pontos a destacar, as limitações do estudo e sugestões para futuros trabalhos. Logo de seguida, enunciaremos

as referências bibliográficas utilizadas ao longo da dissertação e, por último, apresentamos os anexos relevantes elaborados ao longo da realização deste estudo.

1. Fundamentação Teórica

Neste capítulo, pretende-se apresentar uma revisão da informação obtida mediante a consulta e análise bibliográfica de autores considerados relevantes, de modo a delinear os conceitos base e princípios orientadores para o entendimento do tema em estudo.

Desta forma, serão abordados em primeiro lugar, os temas de abordagem ao conceito de família e uma breve revisão sobre a parentalidade. Em seguida iremos abordar a relação escola-família, dividido pelos subtemas dos diferentes campos de educação, as funções sociais da família e da escola e a importância da relação entre a escola e a família. Por fim, vamos falar sobre o Educador Social como mediador em contexto escolar, mais especificamente dividido pelos seguintes subtemas: o papel do Educador Social, o Educador Social em contexto escolar e o Educador Social como mediador.

1.1. Abordagem ao conceito de família

Neste capítulo será apresentada a perspetiva de diversos autores sobre o conceito de família, bem como a importância que os pais têm na educação dos filhos.

Deste modo, começamos por dizer que, na perspetiva de Caniço et al. (2010) o termo família é proveniente do latim “familus” e que tem o significado de “servidor”.

De acordo com Oliveira e Marinho (2010) a família é considerada o primeiro âmbito educacional do ser humano e também é a principal responsável pela forma como o sujeito se relaciona com o mundo, com base na sua localização na estrutura social.

Os mesmos autores, referidos anteriormente, salientam ainda que, apesar de haver discussões em relação a possíveis definições de família e a procura de um conceito comum, ainda não existe uma definição que seja aceite e adotada consensualmente pelos estudiosos da área, pelas instituições governamentais e também pela sociedade.

Dessa forma, o termo família remete-nos para a inclusão de vários modelos de família, para além do modelo tradicional. Atualmente, existe uma vasta diversidade de famílias tendo em conta a multiplicidade cultural e a orientação sexual. Assim sendo, na perspetiva de Oliveira e Marinho (2010) considera-se como referência de famílias aquelas que são compostas por, pelo menos, por um adulto e uma criança ou adolescente.

Por outro lado, na concepção de Sousa e Sarmiento (2010), apesar das grandes alterações em termos de conceitualização que a instituição familiar tem vindo a sofrer, devido às dinâmicas, mudanças e reorganizações que se têm verificado, o conceito de “família” é entendido como um grupo de indivíduos unidos, geralmente, por laços de sangue, que por sua vez constitui o primeiro contexto onde a criança constrói as suas primeiras experiências.

A intervenção dos pais na educação dos filhos, de acordo com Picanço (2012), é essencial, na medida em que dar apoio e cuidados adequados ao filho é uma responsabilidade da família, sendo algo muito exigente. No entanto, segundo as referências do mesmo autor, muitas vezes os pais estão envolvidos com outros problemas profissionais, pessoais, económicos ou financeiros, e acabam por não dar atenção aos seus filhos, o que por sua vez, acaba por levar a um afastamento entre pais e filhos, o que não é saudável e se deve tentar evitar.

Para Sousa e Sarmiento (2010), cabe à família a responsabilidade de dar orientação e desenvolver competências que permitam à criança integrar-se na sociedade e adquirir um quadro de referências culturais que servirá de base para as suas relações e interações sociais.

Em concordância podemos dizer que “As regras e os limites impostos pelos pais às crianças incidem nestas de forma decisiva, realçando nestas um leque de capacidades diversificadas e benéficas, como fatores de segurança, capacidade explorativa, de autoconfiança e socialização” (Jesus, 2012, p. 24).

Conforme o entendimento de Dias (2017), baseando-se em Berger e Luckmann, a socialização primária das crianças diz respeito às primeiras experiências e aos primeiros significados que a criança adquire no contexto familiar. Por essa razão, a socialização primária é a mais intensa e forte, o que condiciona as socializações subsequentes. Em concordância, Sá (2014) diz-nos que as primeiras relações estabelecidas no seio da família são determinantes e criam modelos operantes internos que o indivíduo, ao longo da sua vida, mobilizará na sua relação consigo mesmo e com os outros.

Também é na socialização primária que, de acordo com Dias (2017), referenciando Bernstein, a criança adquire a aprendizagem linguística, ou seja, é no contexto familiar que a criança tem o primeiro contacto com a linguagem. Nesta temática, também Lidz (1970) nos diz que a transmissão da linguagem tem um papel importante

no processo de impregnação cultural, de certo que aprender a falar é inato nos humanos e neste sentido, uma das tarefas da família é transmitir à criança as bases da linguagem falada numa determinada sociedade. Este assunto torna-se relevante, uma vez que a aquisição da linguagem permite que seja possível a conexão com os outros indivíduos e também a construção do seu tipo de codificação linguística, que iremos abordar mais à frente.

Para Picanço (2012) é necessário que os pais se integrem na vida escolar ativa dos seus filhos, de maneira a conseguirem dar o apoio que eles precisam no seu crescimento escolar. Neste âmbito, Mendes (2012) refere que o envolvimento dos pais na educação dos filhos é um direito e uma responsabilidade e que a participação ativa dos pais no processo de aprendizagem, possibilita um melhor desenvolvimento das crianças.

1.2. Breve revisão sobre a parentalidade

Para Simões (2011), a parentalidade é entendida como o processo de socialização que compreende o conjunto de atividades desempenhadas pelos indivíduos, que por sua vez, assumem um papel e funções parentais, para responder às necessidades dos seus filhos tendo em consideração a promoção do seu desenvolvimento harmonioso. Neste sentido, o estilo educativo parental engloba a relação emocional estabelecida entre os pais e a criança, os sistemas de crenças, as práticas educativas e os comportamentos dos pais.

De acordo com Negrão (2021), a parentalidade:

envolve assegurar a saúde e a segurança dos nossos filhos e filhas. Amá-los, cuidá-los, aceitá-los, encorajá-los e orientá-los. E ainda transmitir-lhes valores sociais e culturais, ajudá-los a desenvolver competências e recursos, de modo a tornarem-se crianças, jovens e depois adultos competentes e capazes de atingirem os seus objectivos. As mães e os pais, por vezes outros cuidadores, oferecem às crianças um contexto de protecção e cuidado onde podem desenvolver-se física, cognitiva, emocional e socialmente de forma positiva (p. 3).

Importa referir que, segundo Negrão (2021), a parentalidade é influenciada por diversos fatores nomeadamente: as experiências com os respetivos progenitores; as circunstâncias em que se encontram; as características da personalidade; as expectativas e práticas que os pais e mães absorvem e perspetivam do seu meio; as crenças pessoais e

socioculturais; a relação conjugal; a rede de apoio; os serviços disponíveis e outras situações de vulnerabilidade ou desigualdade.

Na perspectiva de Cruz (2014) a parentalidade consiste numa experiência muito gratificante para o ser humano, porém, também é considerada uma tarefa bastante complexa, uma vez que há momentos extremamente exigentes, desgastantes e frustrantes. Nesta perspectiva, Negrão também dá o seu contributo citando que “Ser mãe ou pai não está apenas associado a prazer e recompensas. Ser mãe ou ser pai, por muito competentes que sejamos, também é lidar com frustrações, medos, falhas e desafios.” (Negrão, 2021, p.4).

Na atualidade, para Negrão (2021), emergem imensos desafios e dificuldades de ser mãe e pai, sobretudo a dificuldade na conciliação entre a vida familiar e profissional; o ritmo de vida cada vez mais acelerado, a sensação de falta de tempo e a dificuldade de gerir situações da vida. Neste sentido, podemos afirmar que também as crianças, por vezes, têm o horário bastante preenchido com atividades que lhes deixam pouco tempo para aproveitar o tempo em família; a sobrecarga de informação é também um enorme desafio na parentalidade pois leva ao questionamento sobre qual a melhor forma de educar os seus filhos; “a cultura da culpa” pois existe cada vez mais pressão e os pais sentem-se culpados por não estarem a realizar o que deviam, sendo isto imposto pela sociedade; a parentalidade digital, ou seja, a dúvida sobre como gerir os hábitos de interação dos filhos com a tecnologia. Outro desafio para a parentalidade mencionado pelo autor é a saída de casa dos filhos, nesta fase, os pais podem sentir tristeza e sensação de perda.

Também a recente pandemia Covid-19 é um desafio na parentalidade, pois, os pais vêm-se confinados com os filhos e a exercer a sua função profissional através do teletrabalho, tornando-se difícil a gestão em simultâneo das tarefas de todos os coabitantes, dentro do mesmo espaço e, por vezes, ao mesmo tempo.

A parentalidade não se trata simplesmente da influência dos pais em relação aos filhos, esta deve de ser compreendida como um processo de construção conjunta, como complementa Simões (2011) ao definir a parentalidade “*como um conjunto de processos interativos em que os pais e a criança reagem perante as características disposicionais e comportamentais de cada um, enquadrado num determinado ambiente que também tem influência*” (Simões, 2011, p.1). Ou seja, este processo é mútuo e recíproco, uma vez que

o comportamento parental e o percurso do desenvolvimento das crianças estão interligados.

Os laços afetivos, como refere Negrão (2021), são suportados por uma vinculação segura que permitem estabelecer relações saudáveis com o meio envolvente. Portanto, quando existe uma relação positiva e que inclui o estabelecimento de regras e limites as crianças e/ou jovens apresentam uma maior segurança, autoestima, saúde psicológica e também uma maior aptidão para terem relações positivas com outros e também um melhor desempenho escolar. Por outro lado, uma relação negativa com cuidados desajustados potencia uma serie de consequências igualmente negativas entre as quais: físicas, psicológicas, entre outras, nomeadamente maior risco de insucesso e abandono escolar precoce.

As crianças, de acordo com Simões (2011), possuem uma predisposição inata para formar uma relação de vinculação, normalmente, com os seus cuidadores primários. Acontece que com a vinculação, a criança estabelece um laço afetivo com a figura privilegiada, que permite que se sinta segura e protegida. Nessa sequência, a criança tem a predisposição para procurar e manter proximidade com esta figura de vinculação. A autora acrescenta ainda que “Durante os primeiros anos da sua vida, através das interações que estabelece com os seus cuidadores primários, a criança cria expectativas sobre a sua disponibilidade e responsividade, que servem como base para a elaboração dos modelos internos dinâmicos” (Simões, 2011, p.2). Os modelos internos dinâmicos mencionados, referem-se às representações mentais que a criança tem sobre si e sobre os outros.

Consoante a conceção de Cruz (2014), os pais procuram educar adequadamente os seus filhos, utilizando comportamentos parentais positivos. Estes comportamentos têm como finalidade fomentar o desenvolvimento da criança e a gestão dos seus comportamentos de forma positiva. Ainda que não exista uma forma única, nem uma receita para a parentalidade positiva, pode-se salientar cinco fundamentos educativos na atuação dos pais com os seus filhos, sendo eles: a satisfação das necessidades básicas; a satisfação das necessidades de afeto, confiança e segurança, a organização de um ambiente familiar estruturado, a organização de um ambiente familiar positivo e estimulante e, por fim, a supervisão e disciplina positiva.

Simões (2011) também refere que a criança em idade escolar passa por várias transformações cognitivas, emocionais e sociais, o que leva a alterações na relação entre

os pais e os filhos, uma vez que os pais não são a única fonte de influência no desenvolvimento das crianças.

1.3. A relação escola-família

Parece-nos significativo para o estudo perceber a influência que as famílias têm no processo de ensino-aprendizagem dos seus educandos e compreender como é ou não desenvolvido o processo de articulação entre a escola e a família

Este tópico encontra-se dividido em três partes principais, na primeira investigou-se sobre os diferentes campos da educação, mais especificamente a educação formal, informal e não-formal; na segunda parte procurou-se perceber as funções sociais que a família e a escola exercem e na terceira parte, abordou-se a importância da relação de colaboração entre a escola e a família.

1.3.1. Os diferentes campos da educação

A educação para Martins (2014) é um fenómeno social complexo e diversificado que por sua vez abrange a formação do cidadão numa democracia ativa e participativa, por outras palavras, a educação prepara o ser humano para o seu desenvolvimento, ao longo da vida e para a vida em sociedade enquanto cidadão. No entendimento de Gaspar (2002), a educação diz respeito ao processo de desenvolvimento da capacidade intelectual da criança e do ser humano, com uma conotação ampla e abrangente.

É certo que quando falamos em educação, de acordo com Taborda e Dias (2015), a nossa ideia remete-nos instantaneamente para as aprendizagens que são realizadas em contexto educativo, mas as aprendizagens ocorrem a partir do momento em que o indivíduo nasce e ocorrem de diversas maneiras, entre as quais essa dimensão educativa, por eles designada por formal, é apenas uma das formas possíveis. É através da educação que adquirimos e desenvolvemos as competências pessoais, sociais e científicas, por sua vez, é através destas mesmas competências que nos conseguimos integrar e adaptar constantemente numa sociedade em permanente mudança.

Uma vez que esta dissertação estabelece uma ligação entre a escola, a família e a intervenção do educador social, parece-nos pertinente abordar a temática da educação que envolve os campos diferenciados da educação formal, informal e não-formal.

1.3.1.1. Educação formal

Numa primeira instância vamos abordar o conceito de educação formal, bem como perceber os seus objetivos.

A educação formal, para Gohn (2006), consiste na educação que é desenvolvida nas escolas, com conteúdos programáticos e académicos e os educadores neste campo são os professores. Em concordância Gaspar (2002) menciona que a educação formal é oferecida nas escolas através de cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas. Acrescenta ainda que a escola é uma instituição muito antiga e a sua origem está ligada ao desenvolvimento da civilização e ao conhecimento.

Cotanda e Aranda (2003) acrescentam que a educação formal está ligada à ideia de obrigatoriedade, na medida em que se tenta, cada vez mais, que esta seja gratuita e obrigatória, de forma a garantir maior formação para as pessoas.

Na perspetiva de Gohn (2006), o território onde ocorrem os processos educativos é a escola, ou seja, instituições regulamentadas por lei, certificadoras e organizadas por diretrizes nacionais. A educação formal acontece em ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente. Na mesma linha de ideias, Gaspar (2002) indica a escola como o espaço físico onde se transmitem e partilham conhecimentos na educação formal.

Relativamente aos seus objetivos, Gohn (2006), destaca as aprendizagens de conteúdos sistematizados, normatizados por leis, formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver várias habilidades e competências, desenvolver a criatividade, perceção e motricidade, entre outras.

Esta educação, de acordo com Gohn (2006) pressupõe tempo, local específico, profissionais especializados, estruturação de atividades, regulamentos e leis, órgãos superiores, entre outros. Os resultados que são esperados da educação formal são a aprendizagem efetiva, a certificação e titulação que qualificam o indivíduo a seguir para

graus superiores. Gaspar (2002) também aponta que a escola apresenta como tarefa a transmissão regular e disciplinar de conhecimentos que por sua vez se encontram em conteúdos separados por área uniformes e distintas, divididos por disciplinas.

Na perspectiva de Pinto (2015), as transformações sociais, políticas, económicas e culturais que têm ocorrido ao longo das últimas décadas, têm posto à escola novos desafios complexos, tanto a nível estrutural como pedagógico, como por exemplo o uso crescente e intensivo do digital e das tecnologias, o acesso fácil à informação, a inclusão, a escolaridade obrigatória até ao 12º ano, entre outros. Neste sentido, é essencial repensar em novas formas de motivar os estudantes para a aprendizagem de novos conhecimentos e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Relativamente a estes novos desafios que a sociedade enfrenta atualmente, de acordo com o decreto-lei 55/2018, tendo em conta a globalização e o desenvolvimento acelerado das tecnologias, cabe à escola o desafio de preparar os alunos para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas e para a resolução de problemas que ainda se desconhecem. Neste sentido, e na incerteza quanto às novas oportunidades do futuro, torna-se fundamental que os alunos desenvolvam competências para o questionamento de saberes estabelecidos, integrar conhecimentos emergentes, comunicar eficientemente e resolver problemas complexos.

É nesta linha de ideias que Pinto (2015) acrescenta que é na escola que são procuradas respostas para as novas necessidades educativas emergentes, porém perante as dificuldades latentes de adaptação da escola, nota-se a necessidade de procurar outras vias educativas, em articulação com esta.

1.3.1.2. Educação informal

A educação informal, de acordo com Gohn (2006), ocorre através das aprendizagens ao longo do processo de socialização, como por exemplo na família, no bairro, com os amigos, entre outros, onde emergem aprendizagens de valores, culturas próprias e sentimentos. Na ideologia de Gaspar (2002), na educação informal, os conhecimentos são partilhados através das interações socioculturais que ocorrem espontaneamente, sendo que por vezes os próprios participantes tenham consciência do

processo e a sua condição é apenas haver alguém que saiba e haver alguém que queira ou precise de saber.

Para Cotanda e Aranda (2003), a educação informal está ligada à ideia da emoção, uma vez que nestes contextos, entre amigos, família, vizinhança, todo o tipo de referências manifesta-se em prol das emoções. Neste ambiente, a intenção educativa não é explícita, no entanto, é através do âmbito informal que se exerce maior influência “educativa”.

Neste caso, os agentes educadores no processo da construção do saber, de acordo com Gohn (2006) são os pais, a família, os amigos, os vizinhos, os colegas de escola, etc. e os espaços educativos são a casa onde mora, o condomínio, os sítios que frequenta, a igreja ou o local de culto onde se vincula a sua crença religiosa, entre outros. Isto significa que a educação informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências ou pertencimentos herdados.

Os seus objetivos passam pela socialização dos indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e expressar no uso da linguagem, de acordo com valores e crenças de grupos que frequenta ou pertence por herança, ou seja, está relacionado com o processo de socialização dos indivíduos (Gohn, 2006).

Ao contrário da educação formal, Gohn (2006) aponta que a educação informal não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados, na medida em que estes são transferidos através das práticas e experiências anteriores do passado. Concordantemente, também Gaspar (2002) diz-nos que a educação informal não tem lugar, horário nem currículo.

Na perspetiva de Gohn (2006), a educação informal é um processo permanente e não organizado que atua no campo das emoções e sentimentos. Desta forma, não há resultados esperados, pois eles simplesmente se processam de acordo com o desenvolvimento do senso comum dos indivíduos, que orienta a sua forma de pensar e de agir naturalmente.

1.3.1.3. Educação não-formal

Na perspectiva de Gohn (2006), a educação não-formal é um processo que ocorre em várias dimensões. Esta educação é a que se aprende nos processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos do quotidiano; aqui o educador é o “outro”, aquele com que interagimos; neste âmbito, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora da escola, em locais informais e onde há processos interativos internacionais e ocorre em ambientes e situações interativas, construídas coletivamente por determinados grupos. Geralmente, a participação dos indivíduos é optativa, contudo ao participar há uma intencionalidade na ação, de aprender e de transmitir ou trocar saberes.

Cotanda e Aranda (2003) referem que a educação não-formal sempre existiu em toda a história do desenvolvimento do conhecimento, embora não tivesse sido atribuído esse nome, para estes autores, a educação não formal procura dar repostas às necessidades concretas, às mudanças sociais e aos problemas que são gerados a partir das mesmas, através desta educação trabalha-se numa perspectiva de dinamização social.

Para Gohn (2006) a educação não-formal pretende capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, abrir janelas de conhecimento e potenciar as relações sociais. Os seus objetivos são gerados no processo educativo de acordo com os interesses e necessidades. Em concordância, Martins (2014) diz-nos que as aprendizagens não formais permitem enriquecer o desenvolvimento pessoal, social e profissional do indivíduo e ao mesmo tempo, promover a convivência e o diálogo.

A educação não-formal não é organizada por idades ou conteúdos, esta atua em relação aos aspetos subjetivos do grupo no coletivo, trabalha e forma a cultura política do grupo, desenvolve laços de pertença e ajuda a construir a identidade coletiva do grupo, este campo da educação pode também promover o desenvolvimento da autoestima e do empowerment do grupo (Gohn, 2006).

Para Pinto (2007), assumir a educação não-formal num ponto de vista social, educativo e político, possibilita o posicionamento de uma estratégia e política educativa determinada, que por sua vez ocorre das práticas e processos já existentes, valorizando o que é específico e complementar do sistema educativo formal.

Os seus resultados passam pela construção de concepções sobre o mundo, contribuição para um sentimento de identidade com uma determinada comunidade, forma o indivíduo para a vida e para as suas adversidades, resgata o sentimento de valorização de si próprio, dá condições ao indivíduo para que desenvolva sentimentos de autovalorização, de rejeição de preconceitos e de respeito pelas diferenças (Gohn, 2006).

Na ideologia de Gohn (2009), a educação não-formal fundamenta-se na área da formação para a cidadania e neste contexto surgem as temáticas da educação para a justiça social, educação para os direitos, educação para a liberdade, educação para a igualdade, educação para a democracia, educação contra a discriminação e educação pelo exercício de cultura e manifestação das diferentes culturas. Neste ponto de vista, a educação não-formal consiste num ambiente concreto de formação com aprendizagens de saberes para a vida em coletivo.

As práticas de educação não-formal desenvolvem-se:

nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social, especialmente no campo das Artes, Educação e Cultura. (Gohn, 2009, p. 31)

Podemos concluir que “Observando então as finalidades da educação não formal, facilmente se compreende o facto de ela ser o campo de atuação primordial do Educador Social.” (Taborda e Dias, 2015, p.395)

1.3.2. Funções sociais da família e da escola

No que concerne às funções sociais, apesar das famílias apresentarem formas diferentes, para López (2001) o conceito de família diz respeito à instituição mais universal e presente em todas as culturas conhecidas. Com efeito, sendo a família uma instituição social, tem como funções promover a saúde, a educação, a inserção laboral, o lazer, entre outras, que formam a vida plena das crianças. Uma das funções fundamentais da família em relação à criança é a socialização, pois a família atua como mediadora entre a criança e a sociedade, é o primeiro e mais importante modelador cognitivo e emocional. É na família que a criança recebe informação sobre si mesma, inicia a formação de seu

autoconhecimento, configura a sua autoestima em relação aos valores que nela são vividos, moldando assim as suas atitudes e configurando os seus padrões de comportamento.

Neste sentido, a família contribui para a formação da criança enquanto pessoa e sendo um meio fundamental para o desenvolvimento da mesma, importa referir que de acordo com Dias (2017), baseando-se em Berger e Luckmann, a socialização primária é fundamental no processo de desenvolvimento global da criança e especificamente da sua aprendizagem, ligada à socialização secundária, como iremos abordar melhor mais adiante. Isto acontece por causa da plasticidade que as crianças têm, no período de vida no qual se desenvolve a socialização primária. De facto, a elevada plasticidade, ao longo dos primeiros cinco ou seis anos de vida, leva a que a criança interiorize o mundo já objetivado pelos outros que lhe servem de modelo e orientam um processo de aprendizagem das normas, regras e valores, entre outras coisas. Neste processo, a compreensão do valor intrínseco dessas normas ou valores sociais, em termos de uma escala de bem ou de mal social, é ainda difícil para as crianças, pelo que tanto se podem adquirir do mesmo modo normas com valor cultural como outras de natureza contracultural e a pungência dessa aquisição será a mesma, com reflexos positivos ou negativos para a socialização secundária, ou seja, para os processos subsequentes de integração na sociedade. Por estarem numa fase muito ávida de compreensão do real, dado que as crianças se apresentam quase como que recipientes vazios, mas com elevado potencial de aprendizagem, elas captam o mundo ao seu redor de forma muito intensa, servindo essas primeiras aprendizagens como referência para as posteriores e, por isso, condicionando-as decisivamente (Dias, *op. cit.*).

Sobre a aquisição da linguagem, Dias (2017) fazendo referência a Bernstein, diz-nos que este processo é chamado de socialização linguística, que, por sua vez, é influenciada pela classe social dos indivíduos, decorrendo nomeadamente, do seu capital cultural, pois é este que define o tipo de codificação linguística. O autor mencionado anteriormente refere que alunos de classes sociais mais baixas possuem um código restrito, com um vocabulário limitado conducente a um nível de raciocínio pouco abstrato, ao contrário dos alunos de classes mais altas, que apresentam um código elaborado de linguagem.

Segundo Gomes (1992), baseando-se também em Berger e Luckmann, a socialização secundária corresponde aos processos subsequentes que, por sua vez,

introduzem o indivíduo já socializado em novos setores do mundo de uma determinada sociedade, ou seja, a criança vai interagindo e adquirindo papéis sociais determinados pelas relações sociais que vai estabelecendo e a sociedade em que está inserida, este é o tipo de socialização que se processa na escola.

Neste sentido, importa referir que segundo Gomes (1992) a socialização é um processo que requer sempre mediadores entre o mundo físico e social e a criança. Dessa forma, os adultos são os encarregados de educá-la, de modo a estabelecer as condições iniciais de vida da criança.

Isto leva-nos à capacidade dos alunos conseguirem perceber e descodificar a mensagem do professor, que, por sua vez, segundo Dias (2017), depende do código linguístico utilizado pelo professor ser compatível com aquele que a criança desenvolveu no seu meio familiar. Como, tendencialmente, o professor utiliza o código elaborado os alunos provenientes das classes média e alta, onde este código predomina, estarão mais bem preparados do que os seus colegas das classes baixas, possuidores do código restrito. Assim sendo, é possível encontrar ainda, alguma relação entre a classe social e a aprendizagem.

Oliveira e Marinho (2010), fazendo referência a Guzzo, dizem-nos que o significado da palavra educar passa por promover e assegurar o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais e morais, sendo que essa tarefa faz parte da responsabilidade dos pais.

Para os autores, a educação é uma responsabilidade que a família tem para com a criança e a sua função é de orientar o desenvolvimento e aquisição de comportamentos considerados adequados, de acordo com os padrões sociais de uma determinada cultura, tendo assim, como tarefa, promover a socialização das crianças, incluindo a aprendizagem dos padrões comportamentais, atitudes e valores aceites pela sociedade.

No ponto de vista de Leite (2015), este considera que é tarefa da família favorecer o desenvolvimento integral da criança e promover a sua saúde, proteção e bem-estar, bem como, criar um ambiente propício para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento e orientação continua no que diz respeito aos hábitos de estudo e às tarefas escolares.

Por outro lado, Oliveira e Marinho (2010) mencionam que a escola é uma instituição que tem como papel a socialização do saber sistematizado, quer isto dizer, do conhecimento elaborado e da cultura. Neste sentido, a contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito está ligada à aquisição do saber culturalmente organizado e às diversas áreas de conhecimento.

Assim sendo, segundo Saramago (2001) o ambiente escolar é considerado o segundo agente de socialização mais importante a seguir à família, pois o ambiente escolar, de acordo com as suas características de acessibilidade, permite favorecer um canal de contacto com outras dimensões da vida social das crianças.

Para além do que já foi referido, Leite (2015) acrescenta ainda que a escola também tem como funções apresentar e discutir os programas existentes na escola e destacar os progressos das crianças, em diferentes níveis aos seus pais ou responsáveis e também esclarecer as normas adotadas, os métodos de ensino e de avaliação e a abertura de espaços para permitir a participação ativa dos pais.

Tal como refere o Martins et al. (2017), o mundo atual coloca vários desafios à educação dado o aumento exponencial tanto do conhecimento científico como tecnológico. Assim, a escola sendo um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento de competências, tem de se ir adaptando e reorganizando às mudanças do mundo atual cada vez mais aceleradas. Neste processo, a lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (1997) que veio reafirmar a importância de garantir o acesso ao sistema educativo o mais cedo possível e deste modo, declarou a educação pré-escolar como o primeiro momento da educação básica. Posteriormente, como complemento à referida lei, surgiram as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) que nos apresenta os objetivos globais pedagógicos no jardim de infância e defendendo também, que apesar da legislação do sistema educativo incluir a educação pré-escolar a partir dos 3 anos, a educação em creche considera-se um direito da criança, de acordo com a Recomendação do Conselho Nacional de Educação. Este foi um marco nomeadamente para o bem-estar das crianças e conseqüentemente para o seu sucesso educativo pois veio permitir que todas possam ter acesso a “uma educação de infância de qualidade, num percurso que permita a equidade educativa e pedagógica desde o nascimento, a par com a família e numa crescente integração de serviços” (Martins et al., 2017, p. 8).

Também o decreto-lei 55/2018, veio reforçar esta ideia, uma vez que o “Governo Constitucional assume como prioridade uma política educativa centrada nas pessoas que garanta a igualdade de acesso à escola pública, promovendo o sucesso educativo e igualdade de oportunidades” (p.2928).

Na mesma lógica de ideias, para Oliveira e Marinho (2010) a escola e a família têm objetivos e papéis diferentes, no entanto completam-se entre si, na medida em que ambos têm a tarefa de preparar as crianças e jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade. Em concordância, Martins et al. (2017) referem que é determinante o compromisso e empenho, além dos professores e de todos os que trabalham na escola, das famílias e encarregados de educação, pois são um elo fundamental para a educação das crianças.

Segundo este ponto de vista, de acordo com Sousa e Sarmiento (2010), atualmente, é cada vez mais necessária uma intervenção educativa assente numa dinâmica de interação e corresponsabilização entre as diversas instituições educativas onde a criança vivencia experiências, fortalecendo assim, uma formação global de educação para a cidadania. Assim sendo, numa perspetiva multidimensional, importante para o desenvolvimento das crianças, cabe aos pais estarem atentos e envolverem-se de forma positiva na vida escolar dos seus educandos. Por outro lado, compete à escola, enquanto sistema que aceita os novos desafios e mudanças, incentivar e promover esse envolvimento, estabelecendo diversas formas de comunicação e colaboração, onde se desenvolva uma confiança mútua e estratégias adequadas e significativas para envolver as famílias na escola, no sentido de estabelecer relações positivas entre estas duas instituições às quais compete a partilha de responsabilidades na educação e formação das crianças.

Porém, devido às mudanças que ocorrem, na sociedade e também no âmbito escolar, observa-se que “O funcionamento e as orientações familiares concretizam-se a partir de uma determinada medição, de um lado a posição da família na estratificação social e, de outro, os anseios, os procedimentos educativos e a relação com o nível de escolaridade dos filhos.” (Leite, 2015, p. 56).

Sem dúvida que a escola e a família devem estabelecer parceria entre si. Todavia, é fundamental que as funções de ambas as instituições não se confundam, uma vez que se complementam mutuamente. Seguindo as ideias de Leite (2015), esta parceria deve

intervir no progresso das funções cognitivas dos alunos, através da orientação de práticas pedagógicas adequadas para a aquisição de novos conhecimentos.

Neste âmbito, a autora dá o seguinte exemplo (Leite, 2015):

considera-se que o ensino é uma atribuição prioritariamente da escola, esta, porém, divide essa responsabilidade com as famílias, quando prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. Em um contexto de pais pouco escolarizados, com jornadas de trabalho extensas e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, essa divisão pode mostrar-se ineficaz. Por isso, da mesma forma como procura diagnosticar as dificuldades pedagógicas dos alunos para atendê-los de acordo com suas necessidades individuais, a escola deve identificar as condições de cada família, para então negociar, de acordo com seus limites e possibilidades, a melhor forma de ação conjunta. Assim como não é produtivo exigir que um aluno com dificuldades de aprendizagem cumpra o mesmo plano de trabalho escolar dos que não têm dificuldades, não se deve exigir das famílias mais vulneráveis aquilo que elas não têm para dar. (p. 64).

1.3.3. A importância da relação entre a escola e a família

Primeiramente, podemos dar ênfase à problemática que diz respeito às classes sociais, pois acontece que, segundo Dias, Hormigo, Marques, Pereira, Correia e Pereira (2017), apoiando-se na análise bourdieusiana, a família tem influência na escolha do percurso escolar do indivíduo, na decorrência da sua classe social e dos recursos que têm disponíveis. Por outro lado, no que diz respeito às classes médias, estas investem muito mais na escolarização, uma vez que têm mais recursos financeiros e culturais e porque, na sua generalidade, o seu percurso escolar foi decisivo na posição profissional que ocupam na sociedade e, por esta razão, condicionam os seus descendentes a desenvolver percursos que valorizam a escola. No que diz respeito às classes mais elevadas, estas não investem tão fortemente na formação, como se verifica nas classes médias, uma vez que o sucesso escolar é visto como algo natural e que não estão dependentes disso, tendo em conta que já desempenham posições dominantes na sociedade. De acordo com Pereira (2013) os hábitos da escola são semelhantes aos das classes mais privilegiadas o que, por sua vez, pode influenciar o afastamento dos indivíduos pertencentes aos estratos mais desfavorecidos, na medida em que estes não se identificam com os seus ensinamentos.

Com isto, na perspetiva de Pereira (2013) quando as famílias determinam os percursos escolares dos seus educandos, fazem-no de acordo com um conjunto de fatores, tais como as vantagens, os custos e os riscos que elas percecionam nesses percursos em relação aos ganhos que lhes trarão. Portanto, apesar de todos os indivíduos terem acesso e direito à educação, a verdade é que nem todos chegam à escola em situações iguais, pois nem todos têm as mesmas oportunidades devido aos diversos fatores referidos anteriormente.

Oliveira e Marinho (2010) referem que, numa perspetiva sociológica, as famílias são consideradas as grandes responsáveis pelas discrepâncias escolares, sendo necessário, para o bom funcionamento das escolas, as famílias adotarem as mesmas estratégias de socialização utilizadas nas escolas. Já num olhar psicológico, os autores citam o seguinte “Ganha status natural a crença de que uma «boa» dinâmica familiar é responsável pelo “bom” desempenho do aluno” p.102.

De acordo com Aguilar (2012, citado por Silva, 2003) muitas vezes os pais são encarados pela escola como o grupo de controlo. No entanto, numa visão progressista, os pais têm de ser vistos como parceiros. As escolas nem sempre estão habituadas a partilhar as responsabilidades, mas a participação dos pais deve significar a criação de uma cultura participativa e mais democrática e não um maior controlo dos professores.

Nesta mesma perspetiva, Leite (2015) menciona que é no contexto familiar e escolar que o indivíduo se prepara para a integração na sociedade. Por esta razão, a escola e a família são referências fulcrais para a formação da criança, assim sendo, é essencial que haja uma aproximação de ambos os contextos para uma ação coletiva que se complemente mutuamente.

Segundo Sousa e Sarmiento (2010), a escola não poderá desempenhar o seu papel se não puder contar com o apoio da família, pois é a família quem conhece melhor as potencialidades e características específicas dos seus educandos, sendo assim um ator fundamental para dar a conhecer à escola e aos professores, informações fundamentais para o desenvolvimento de projetos e estratégias mais adequadas.

Consoante Picanço (2012) é bastante importante dar-se mais atenção à parceria entre a escola e a família, pois é a partir dessa relação que os pais e os alunos conseguem desempenhar o seu papel de forma mais segura e motivada, considerando o bom percurso e progresso na vida escolar e familiar. Aguilar (2012) vai ao encontro do que foi dito

anteriormente, afirmando que atualmente reconhece-se que uma maior proximidade e cooperação entre as famílias e as escolas conduz a um melhor desempenho escolar dos alunos. Reforçando ainda dizendo que “esta interação permite aos pais acompanharem mais de perto o trabalho elaborado diariamente e também facilita a comunicação com os seus filhos.” (Leite, 2012, p. 25).

No mesmo alinhamento do que temos vindo a ver, para Picanço (2012) existe uma necessidade de construir uma relação entre a escola e a família, de modo a planear, estabelecer compromissos e acordos para que o aluno tenha uma educação com qualidade, tanto em casa como na escola. Aguilar (2012) defende que neste sentido, as famílias podem tomar iniciativas de participar mais na escola, propondo atividades, criando assim um clima de cooperação. Quando os pais participam na vida escolar dos seus filhos, estes acabam por ficar mais motivados o que contribui para a diminuição do insucesso escolar. No entanto, este comportamento é observado nas classes médias e altas, o que não se verifica nas classes baixas.

Em contrapartida, Leite (2015) considera que a parceria entre a escola e a família deveria partir dos professores, provendo práticas de aproximação dos pais à escola, sensibilizando para a importância do seu envolvimento na vida escolar do seu educando e para a sua missão de educador da formação básica da criança no meio social. Contudo,

percebe-se que a família está transferindo sua função social, em termos de formação dos filhos, para a escola. Com isso a própria escola às vezes chega a perder o seu foco e a família a sua função. Portanto, é necessário que seja bem analisada a relação família e escola quanto à influência no processo ensino aprendizagem, para que ambas possam se planejar, assumindo dessa forma o compromisso para com a educação de seus filhos e educandos. (Leite, 2015, p. 53).

Picanço (2012) refere que não existe uma única forma correta de envolver os pais e que dessa forma, as escolas devem procurar oferecer oportunidades variadas para que exista essa relação, entre escola e família, de modo que se adapte às características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogénea.

Neste seguimento, a mesma autora ainda nos diz que é importante que a família e a escola se unam com vista a conseguirem ajudar os alunos, com o objetivo de os tornar cidadãos ativos e capazes de agir na sociedade dos nossos dias. Em conformidade, Jesus

(2012, p. 23) aponta que “para que haja uma boa relação entre os membros pertencentes à família e à escola é necessário que ambos se respeitem e comuniquem de forma a haver ambiguidade e uniformidade para que a criança atinja o máximo desenvolvimento como pessoa e cidadão”.

Sousa e Sarmento (2010) dizem-nos que o sucesso educativo das crianças está relacionado com a maneira como a escola e a família desenvolvem a sua relação e o seu trabalho comum, entendendo que o grau e o tipo de envolvimento das famílias dependem diretamente da representação que estas têm da escola. Torna-se então essencial promover a relação entre a escola e a família, uma vez que essa relação tem um impacto positivo na integração, motivação e desempenho da criança. Os autores ainda complementam a ideia dizendo que a criança se sente mais motivada em relação à escola e à sua aprendizagem, o que influencia o seu sucesso. Já os pais sentem-se mais apoiados uma vez que esta relação proporciona o acesso a mais informação e suporte; por outro lado, os professores, perante a atitude positiva dos pais aos lhes fornecerem melhor informação sobre os alunos, veem o seu trabalho facilitado. No que diz respeito à comunidade, existem vantagens em termos do desenvolvimento de valores de igualdade e democracia. Por esta ordem de ideias, esta relação traz benefícios para todos os intervenientes.

Atualmente, Aguilar (2012) menciona que a escola é o local onde os alunos passam a maior parte do seu tempo. Por essa razão, torna-se cada vez mais necessário que a escola conheça a família do aluno e o que se passa em casa, de modo a acompanhar de forma mais eficaz o aluno, assim como é essencial que a família conheça como o filho se está a desempenhar na escola e, deste modo, o acompanhe nas suas atividades escolares. Dessa forma, o ideal seria que a escola e a família desenvolvessem diálogos constantes e fluentes, de modo a partilhar os sucessos e carências do aluno, contribuindo assim, para o seu sucesso.

Com a mesma perspetiva, Leite (2015) refere que se torna fundamental que a escola conheça os alunos e as famílias com as quais lida, principalmente, que conheça as características e particularidades que marcam a trajetória de cada família e criança, para que dessa forma, a escola avalie e construa propostas educacionais compatíveis com a realidade das pessoas com quem está a lidar.

Também Jesus (2012) afirma que na prática profissional é fundamental a interação entre a escola e a família das crianças, pois essa ligação pode influenciar o

desenvolvimento das crianças, na medida em que os pais ficam a conhecer o trabalho que é elaborado na escola com o professor e dessa forma, têm mais oportunidades de dar continuidade a esse mesmo trabalho em casa e a estimular a criança nesse sentido, de modo que o seu desenvolvimento seja mais eficaz.

Sem esquecer também que, atualmente, para algumas famílias, a sua participação na escola, de acordo com Leite (2015) representa um desafio perante as alterações estruturais pelas quais a família vem passando, uma vez que, alguns pais ainda estão distantes da cultura escolar dos seus filhos, e, dessa forma, a integração na comunidade escolar revela-se complexa.

No entanto, é importante haver a parceria entre a escola e a família, pois, para Leite (2015) é desta forma que o rendimento escolar das crianças aumenta, o comportamento social melhora, as habilidades são desenvolvidas e facilita a aquisição de normas e valores necessários para a vida educacional dos alunos. Colmatando assim esta perspetiva, “Só numa relação de parceria entre família e escola, independente da classe social, é que se consegue uma participação dos pais. A escola como promotora dessa participação, precisa antes de tudo, conhecer um pouco das famílias, observando seus comportamentos e atitudes, e, através da compreensão e do respeito, procurar estratégias adequadas às necessidades da família sem discriminá-las com critérios sociais de classe.” (Leite, 2015, p. 58).

Do ponto de vista de Mendes (2012) a escola e a família devem de fazer uso das suas competências para promover o sucesso educativo das crianças. Neste sentido, surgindo como um dos seus papéis, o educador social pode favorecer a cooperação no estreitamento da relação entre a escola e a família, não só trabalhando em conjunto com os estudantes, pais e professores, como também desenvolver e envolver um trabalho em rede com outros profissionais e, eventualmente, estabelecendo parcerias com outras instituições, na medida em que o sucesso educativo só é exequível com o trabalho de todos.

Na perspetiva de Sousa e Sarmento (2010), não se pode considerar ou esperar que a relação entre a escola e a família seja fácil, por imensas razões, entre as quais se ressaltam as desigualdades culturais, contudo não é impossível, e como já constatámos as vantagens são muitas.

A mesma autora acrescenta ainda que, no âmbito das suas competências, o educador social pode fazer a diferença, pois este profissional pode trabalhar tanto com os alunos como com as suas famílias, fazendo a ponte, permitindo melhorar o conhecimento da realidade social dos alunos e promovendo a participação ativa dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos filhos, tal como desenvolveremos com mais detalhe já seguidamente.

1.4. Educador social como mediador em contexto escolar

Relativamente a este capítulo começamos por contextualizar o surgimento e o papel da educação social. De seguida, abordamos o papel do educador social em contexto escolar e, por fim, procuramos entender o papel do educador social como mediador na relação escola-família.

1.4.1. O papel do Educador Social

Em primeira instância, é importante abordar um pouco sobre o surgimento da Educação Social. Nesse âmbito, Azevedo e Correia (2013) indicam que a educação social surgiu, sobretudo, pela consciência de que o trabalho social precisava de novas medidas e políticas educativas, na medida em que o assistencialismo não dava as respostas necessárias para as necessidades da intervenção social. Para além disso, foi através da Declaração Universal dos Direitos Humanos que se suscitou o interesse pelos ideais humanitários o que, por sua vez, foi decisivo para o aparecimento da Educação Social.

Em concordância Rotger (1997) diz-nos que o conceito de educação social está fortemente ligado ao âmbito social e ao carácter pedagógico. Acrescenta ainda que, na prática, torna-se essencial não perder de vista os direitos humanos, pois estes são a referência mais efetiva para as políticas socioeducativas; “solo cuando aseguremos el cumplimiento de los derechos humanos podremos afirmar que las políticas sociales son legalmente legítimas.” (Rotger, 1997, p. 14).

Um outro fator decisivo para o surgimento da educação social, para Azevedo e Correia (2013), foi a mudança do conceito de educação, o que deixou de ser um património exclusivo da escola e passou a ter novas funções e dimensões sociais, surgindo

os conceitos de educação formal, informal e não-formal que abordámos no capítulo anterior.

Contudo, a profissão de educador social ainda é relativamente recente em Portugal. Assim sendo, na perspetiva de Azevedo (2011), ainda não se conseguiu adquirir o reconhecimento pleno do seu espaço de intervenção junto de outros intervenientes, o que leva a que muitos profissionais se sintam desmotivados no desempenho da sua prática profissional.

Em relação ao seu quotidiano profissional, o educador social atua, através de uma perspetiva pedagógica, em vários contextos socioeducativos, entre o quais:

Educação e Desenvolvimento Comunitário (instituições educativas, autarquias, associações, ONG, centros culturais, centros de atividades desportivas, lazer e turismo, centros de formação, etc.); Serviço Educativo (bibliotecas, museus, fundações, autarquias, centros de interpretação, centros de difusão científica, cultural e ambiental, etc.); Serviços sociais (centro de recursos no contexto da deficiência, estabelecimentos prisionais, centros de saúde, hospitais, lares de acolhimento de crianças, jovens e idosos, etc.). (Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social, 2020, p. 18 e 19).

O código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social procura estabelecer princípios e regras no âmbito da ética profissional. Este documento assume que a atividade profissional do Educador Social está relacionada com:

(a) A transmissão, formação, desenvolvimento e promoção da cultura; (b) gestão de redes sociais, contextos, processos e recursos socioeducativos; (c) mediação social, cultural e educativa; (d) conhecimento, análise e investigação dos contextos sociais e educativos; (e) desenho, implementação e avaliação de programas e projetos em qualquer contexto educativo; (f) gestão, direção, coordenação e organização de instituições e recursos educativos. (Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social, 2021, p. 2)

Este documento refere ainda que o Educador Social é formado com base em diversas experiências e conhecimento científico, desde a Pedagogia Social, Psicologia, Sociologia, entre outros. Os diversos saberes adquiridos pelo educador social ao longo da sua formação, que deve ser contínua, possibilitam a produção de conhecimento teórico,

metodológico e técnico, criando assim um vasto conhecimento resultante da praxis profissional e da teoria.

Na sua prática profissional, o educador social, de acordo com a Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (2021), deve reconhecer os limites da sua competência não atuando em situações para as quais não está qualificado, devendo assim encaminhar as situações para outros profissionais competentes para as necessidades que estão fora do seu âmbito de intervenção. O educador social deve ainda ser um profissional objetivo e prudente, quer seja na sua ação, quer na passagem de informação a outros colegas, no que diz respeito a relatórios psicopedagógicos e sociais, tendo sempre o dever de manter o sigilo profissional. Deve, ainda, não usar e abusar da boa-fé das pessoas que acompanha para benefício próprio ou de outros e tem o dever de colaborar em todas as iniciativas que sejam benéficas para a profissão.

O Técnico Superior de Educação Social, segundo a Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (2021), não deve estabelecer relações profissionais com elementos do seu meio familiar ou amigos. Tem, também, o dever de respeitar sempre o outro enquanto indivíduo único tendo em conta os valores da pessoa com quem vier a exercer a sua atividade profissional.

A identidade do educador social, para Azevedo e Correia (2013), manifesta-se pela sua polivalência técnica, pela pluralidade de funções e pela diversidade de contextos de trabalho. Por esta razão, este profissional intervém pedagogicamente com os indivíduos, grupos ou comunidades, na expectativa de prevenir e reestruturar os problemas sociais.

De acordo com Noguero e Solís (2003) a ação do educador social passa por conseguir a participação de todos os membros do grupo de forma a alcançar a transformação da realidade. Trabalhar para esta finalidade pressupõe a criação de um processo de ensino-aprendizagem de uma série de valores, atitudes e estratégias que estejam de acordo com o espírito crítico, a participação ativa, entre outros.

Na mesma linha de pensamento, o exercício das funções do educador social, pressupõe a existência de um conjunto de valores e princípios éticos que representam uma referência tanto para a própria identidade do educador social como para o auxílio na tomada de decisões profissionais nos contextos de intervenção (Azevedo e Correia, 2013).

Para Mateus (2012) o educador social cria pontes entre o indivíduo, a família, as instituições e a sociedade em geral, executando o papel de interlocutor privilegiado, indicando caminhos para a solução de problemas vivenciados e sentidos nos contextos nos quais intervém.

Por sua vez, consoante a perspectiva de Baía (2021) o educador social é um profissional que estuda cada caso como um caso único, o que significa que não faz uma generalização da sua atuação em relação às pessoas com quem trabalha, mesmo que estas apresentem a mesma faixa etária ou a mesma problemática. O autor salienta que “cada sujeito é um ser individual que tem as suas características, o seu percurso de vida pessoal, as suas dificuldades, e por isso deve de ser tratado como ser único que é.” (Baía, 2021, p. 36).

Também é importante referir, como mencionam Romans, Petrus, & Trilla (2000), que o educador social deve de ter bem presente na sua intervenção, o dinamismo da realidade social, com a finalidade de se adaptar a ela continuamente. Não esquecendo que, de acordo com Mateus (2012), o trabalho do educador social é orientado por critérios de competência profissional, baseada em metodologias e técnicas orientadas para uma prática social de intervenção.

Neste entendimento, Mateus (2012) afirma que o educador social deve utilizar de forma integrada os saberes transversais e multidisciplinares adequados às necessidades do seu público-alvo, demonstrando capacidade de integração numa dinâmica de trabalho social em rede. Por este motivo, a formação contínua é fundamental para acompanhar a evolução da sociedade. Este profissional deve de permanecer em formação constante, sendo também promotor da sua autoformação e atualização científica e metodológica, uma vez que é um agente ativo na investigação socioeducativa.

De acordo com a Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (2020), ser educador social também é questionar as práticas e refletir sobre o próprio papel interventivo, ter a capacidade de se aproximar da pessoa com que está a intervir e conceder um destaque legítimo na construção do seu percurso de vida, valorizando as suas capacidades.

Partindo do pressuposto que este profissional:

deve assumir a responsabilidade profissional nos assuntos para os quais está preparado, pessoal e tecnicamente, ele tem de assumir, igualmente, uma atitude de análise crítica e reflexiva permanente, em relação a si próprio e ao seu desempenho profissional, não esquecendo a relação afetiva que deve manter com os elementos da equipa de trabalho. (Mateus, 2012, p. 67).

Por outro lado, o reconhecimento do educador social depende da sua pertinência profissional, bem como da sua postura ética enquanto profissional, a sua capacidade associativa e da definição de uma carreira profissional enquadrada a nível internacional (Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social, 2020, p.5).

1.4.2. O Educador Social em contexto escolar

No que diz respeito ao contexto escolar, o educador social poderá ter um papel fundamental, uma vez que este profissional está vocacionado para desenvolver a sua intervenção em conjunto com as pessoas e comunidades. Recorrendo a Baptista (2000) compreendemos que os educadores sociais, em estreita colaboração com outros profissionais, podem dinamizar projetos educativos extraescolares, promover a mediação entre a escola e as famílias, dinamizar atividades de tempos livres e contribuir para a realização prática do ideal de uma formação ao longo da vida e para todos.

Na perspetiva de Taborda e Dias (2015) faz todo o sentido e é uma mais-valia o educador social trabalhar num contexto educativo, na medida em que este profissional pretende dar resposta a necessidades identificadas que ele vai encontrando no terreno, e é exatamente isso que acaba por acontecer no contexto escolar para o qual convergem, frequentemente, muitos problemas de natureza social aos quais a sociedade, globalmente, não consegue dar resposta, mas, mesmo assim, «empurra» para dentro da escola tais questões, vendo-se os respetivos professores, frequentemente, a braços com problemas para os quais não têm solução, pois não tiveram preparação profissional para lidar com eles, momento no qual entram em cena as potencialidades profissionais do Educador Social que estudou e se preparou especificamente para auxiliar nessas situações, complementado, através de metodologias de natureza não formal, a abordagem educativa formal do professor. Em concordância, Mendes (2012) também refere que o educador social pode desempenhar papéis relevantes em contexto escolar, uma vez que este profissional está vocacionado para desenvolver a sua atividade junto de pessoas e

comunidades, podendo assim realizar a sua intervenção no âmbito da educação não formal.

Na mesma lógica de pensamento Taborda e Dias (2015) indicam que os educadores sociais são técnicos que trabalham numa vertente de proximidade e confiança com os alunos, os professores e com as respetivas famílias e, dessa forma, é possível observar outras questões como as necessidades que as crianças e jovens têm e que precisam de atenção a serem trabalhadas nesse triplo enfoque. Esta proximidade também permite perceber determinadas atitudes que os alunos têm, permitindo assim compreender quais serão as prioridades de intervenção.

Taborda e Dias (2015), mencionando Lopes, descrevem que o papel do ES nas escolas é bastante importante para proporcionar os apoios a diversos níveis que os alunos recebem, este trabalho será mais eficiente se for feito em articulação com os diferentes profissionais envolvidos no contexto educativo. Quanto maior for essa articulação melhores serão os resultados obtidos.

Neste sentido, Mendes (2012) também relata que, na escola, os professores ao se preocuparem em dar as aulas e a formar academicamente os seus alunos, acabam por não ter tempo, nem estarem habilitados para solucionar certas necessidades das crianças, nesse sentido, é fundamental haver cooperação com outros profissionais da educação, como os educadores sociais. Em concordância, Romans, Petrus & Trilla (2000) dizem-nos que a instituição escolar tem de se preocupar também com a educação social, e o que acontece é que a escola por si só, não é capaz de solucionar os complexos problemas da população infantil e juvenil, bem como resolver as dificuldades da instituição familiar.

No entendimento de Taborda e Dias (2015), baseando-se em Carvalho, afirmam que o educador social se distingue dos outros técnicos pela natureza pedagógica e socioeducativa da sua intervenção, pois, como referimos atrás, trabalha na área não formal fazendo uso de ferramentas de várias áreas, articulando todas entre si numa atuação prática, o que permite obter melhores resultados nos casos em que as tradicionais estratégias, meramente disciplinares, oriundas da educação formal, se mostram insuficientes ou, pior, inadequadas (Taborda e Dias, *op. cit.*). De acordo com o seu objetivo pedagógico, esse técnico trabalha na área da informação, formação, prevenção, promoção, intervenção direta, sensibilização, consciencialização e desenvolvimento de competências.

Este profissional, segundo Taborda e Dias (2015), realiza a sua práxis social através do desenvolvimento de competências pessoais e sociais do indivíduo. Desta forma, o ES apoia a inserção social e profissional do sujeito, através do acompanhamento do mesmo, facultando formação, promovendo a aceitação da diferença, entre outros fatores. Este trabalho que é realizado em conjunto com o sujeito permite a prevenção de comportamentos de risco.

Os autores também nos descrevem o ES como um técnico da relação, multifacetado, que pretende melhorar os relacionamentos dos sujeitos, ajudando-os nos seus projetos de vida, promovendo as suas competências pessoais e sociais, facilitando a sua inclusão social, mediando situações de conflito consigo e com os outros e trabalhando na prevenção contra fenómenos como a exclusão social. Por essa razão, este profissional deve de saber observar o outro como alguém que é importante, saber ver o outro sem preconceitos, estando o educador social atento e disponível para ele.

Ao longo da sua intervenção o Educador Social:

socorre-se da educação não formal para realizar a sua práxis profissional, uma vez que este modelo de educação premeia o empowerment do sujeito, uma vez que o prepara, dotando-o de conhecimento, permitindo-lhe o desenvolvimento de competências pessoais e sociais. (Taborda e Dias, 2015, p. 395).

Na visão de Mendes (2012) a educação social também pode ser vista como uma prática mediadora que, por sua vez, pode estabelecer relação entre o que acontece dentro e fora da escola, promovendo assim ferramentas sociais e culturais e desmistificando estereótipos que ocasionalmente condicionam o desenvolvimento das sociedades.

A Associação dos Profissionais Técnicos de Educação Social (2021) faz referência a tópicos com diversas funções que o educador social pode desempenhar em contexto escolar, sendo elas:

- Participar na elaboração do projeto educativo do estabelecimento de ensino;
- Planificar, desenvolver e avaliar projetos de cidadania e promoção de competências pessoais e sociais;
- Planificar, desenvolver e avaliar programas preventivos de mediação de conflitos, abandono e absentismo escolar, inadaptação escolar;

- Encaminhar, acompanhar e articular com outros profissionais de serviços sociais internos e externos;
- Facilitar as redes de comunicação escola – família – comunidade;
- Desenvolver projetos de integração escolar, programas de educação parental e facilitar a participação ativa das famílias na vida do estabelecimento de ensino (escola) e um relacionamento equilibrado e responsável entre toda a comunidade educativa;
- Colaborar com a equipa de orientação na resposta educativa a alunos com necessidades especiais;
- Propor, planificar e lecionar programas de apoio aos professores nos tópicos especificamente necessários;
- Atender a diversidade através de medidas integradoras de atuação socioeducativa;
- Desenhar, desenvolver e avaliar projetos e medidas para integração escolar de alunos e famílias com maiores dificuldades;
- Atuar como mediador entre a família do aluno e a escola;
- Promover ações de informação, orientação e participação das famílias;
- Colaborar no desenvolvimento de planos de orientação académica e profissional;
- Colaborar no desenvolvimento de planos de respostas educativas a alunos com comportamentos problemáticos;
- Desenhar, desenvolver e avaliar projetos de integração da escola na comunidade envolvente, nomeadamente através de atividades intergeracionais;
- Realizar programas referente a competências pessoais e sociais, prevenção e resolução de conflitos e prevenção de condutas de risco.

(Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social, 2021, pp. 16 e 17).

1.4.3. O Educador Social como mediador

De acordo com Mendes (2012) o educador social pode ter um papel muito importante na relação entre a escola e a família, trabalhando em colaboração com os alunos, pais, professores, bem como envolvendo um trabalho em rede com outros profissionais e estabelecendo parcerias com outras instituições. Neste sentido, o educador social pode desempenhar uma prática mediadora, favorecendo o que acontece dentro e fora da escola.

Na perspectiva de Guzmán (2008), na atualidade, a presença de um educador social como mediador faz cada vez mais falta no contexto escolar. A visão global e integradora deste profissional, permite a procura de soluções viáveis e eficientes, a partir da análise de necessidades e interesses dos membros da comunidade educativa. Dentro desta ideia Silva (2011) afirma que os contextos educativos são contextos privilegiados para desenvolver e trabalhar a integração e o desenvolvimento pessoal e social. Neste sentido, a mediação em contexto escolar já é utilizada em diferentes países, no entanto, em Portugal a sua implementação ainda é muito reduzida, mas tem tido um crescimento gradual.

Este profissional tem de procurar estabelecer e renovar redes sociais já existentes e ao mesmo tempo criar novas redes de espaços de pertença e referencia afetiva, intervindo de forma direta mas sem tomar partido ou dar a solução (Mateus, 2012).

Guzmán (2008) também nos diz que é importante que o educador social esteja preparado tecnicamente e conheça com precisão os passos a seguir, assim como deve de saber articular o processo técnico da mediação e o conhecimento do contexto. Posto isto, este profissional não deve de atuar sem antes ter realizado um diagnóstico adequado da realidade. Na mediação, é preciso analisar quais os aspetos que são ou não suscetíveis de resolver através deste meio.

Seguindo as considerações da mesma autora, se desejar alcançar o êxito no processo, o ES também deve conhecer os padrões, normas e características culturais das partes implicadas antes de iniciar o processo de mediação. Este profissional deve de escutar ativamente as opiniões, de forma que todos se sintam ouvidos e importantes. O mediador não tem o poder de decisão, a sua função é de orientar e servir de ponte de ligação no processo de negociação entre as partes que fazem parte deste processo. Por essa razão, tem de fazer com que as partes cheguem a um acordo satisfatório.

Neste seguimento, para que a atuação seja feita da melhor forma, de acordo com Baía (2021) o educador social deve de estabelecer uma relação de empatia e proximidade com o seu público-alvo, mas ao mesmo tempo manter sempre um distanciamento adequado, ou seja, terá de haver um equilíbrio na relação estabelecida.

Em concordância, Silva (2011) refere que o mediador é um agente relevante no processo de mediação para a identificação dos elementos do processo, como os protagonistas, a situação e a comunicação. No entanto, o mediador apenas mobiliza a comunicação potenciando a interação e intercompreensão dos protagonistas com as situações. É um agente que só faz sentido com a participação ativa e voluntária dos diversos protagonistas intervenientes nas situações.

Para Gohn (2009), os educadores sociais são profissionais relevantes para a dinamização e construção do processo participativo com qualidade, utilizando o diálogo como meio de comunicação para a formação. Este profissional aprende e ensina mutuamente e apresenta uma sensibilidade para compreender a cultura do “outro”.

O educador social, ao realizar o seu trabalho, permite a construção de espaços de cidadania no local onde atua:

O Educador Social atua em uma comunidade nos marcos de uma proposta socioeducativa, de produção de saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, e da reconstrução e ressignificação de alguns eixos valorativos, tematizados segundo o que existe, em confronto com o novo que se incorpora (Gohn, 2009, p. 34).

Neste sentido, no entendimento de Silva (2011), é extremamente necessário o ES que pratique a ética da imparcialidade, adote um modelo de escuta ativa, mantenha uma atitude pacífica e compreensiva e seja um modelo de apoio e cooperação.

No entendimento de Canastra e Malheiro (2009) é importante reconhecer a necessidade de trabalhar em rede, dando ênfase às mediações sociopedagógicas entre a família-escola-comunidade local, implicando a intervenção de várias figuras profissionais num quadro de relação, sem que nenhum papel seja substituído, mas que todos trabalhem em conjunto para atingir o mesmo fim.

Trabalhar como mediador sociopedagógico implica que:

“no contexto da relação família, escola e comunidade local, poderá constituir uma mais-valia, quer para a própria consolidação desta profissão emergente, quer para a promoção do autodesenvolvimento social das comunidades locais” (Canastra e Malheiro, 2009, p. 2031)

A intervenção socioeducativa do educador social, “centra-se na interface comunicativa que se joga no quadro das várias mediações socioeducativas” (Canastra e Malheiro, 2009, p. 2031), tentando assim que mobilizar todos os atores que fazem parte do processo, como a família, a escola, as instituições, etc. a trabalhar para o mesmo objetivo.

2. Metodologia

Neste capítulo identificamos a amostra com a qual desenvolvemos o estudo, o plano de observação que implementámos e os respetivos procedimentos, bem como o modelo de análise, justificando a escolha e a finalidade dos mesmos.

Importa referir que inicialmente a metodologia foi desenhada de maneira diferente, mas tendo em conta os condicionalismos da pandemia causada pelo vírus Covid-19 esta teve de ser alterada, e, apesar das inibições em vigor no que respeita às interações presenciais, foi possível realizar o estudo à distância.

2.1. Amostra

Para a elaboração deste trabalho foi efetuado um estudo de caso. Em primeira instância importa referir que a tarefa de encontrar Educadores Sociais em contexto escolar não foi fácil, uma vez que contactámos várias escolas da região e fora da região, mas que atualmente não faziam parte dos seus recursos humanos Educadores Sociais. Após muitos contactos, foi possível estabelecer colaboração com uma Escola Básica do 1º ciclo, do distrito de Santarém, onde trabalha uma Educadora Social.

Contextualizando, a Escola do 1º ciclo, de acordo com as informações disponibilizadas no site oficial da mesma, está integrada numa Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, tendo sido fundada, a 4 de junho de 1945 como Centro de Assistência Social, ao abrigo do artigo III da Concordata da Santa Sé e da República Portuguesa. O Centro começou a funcionar em 1946, numa casa particular. O Centro foi seguidamente orientado pela ação das Irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, o que se mantém até hoje. A ação educativa foi evoluindo de modo diverso ao longo dos anos e só em 1952 se começou a admitir crianças do sexo masculino em idade pré-escolar, escolar e adolescência. Houve então mudanças de edifícios e em 1986 foi construído e inaugurado o atual Edifício (Sede).

Atualmente, a estrutura onde se insere a Escola Básica do 1º ciclo do distrito de Santarém, comporta várias respostas sociais, sendo elas: Creche Familiar; Creche; Pré-escolar; Atividades de Tempos Livres; 1º Ciclo do Ensino Básico e apoio aos alunos do 5º e 6º anos, que frequentaram esta escola básica em anos anteriores (Projeto Futuro 2).

A Escola Básica do 1º ciclo em questão, pertence a um Centro Social Paroquial do distrito de Santarém, que, por sua vez, é pertença da fábrica da Igreja, foi criada em 1991 e iniciou a sua atividade no ano letivo de 1991/1992. A Escola sempre se assumiu como um projeto de vida por parte da Direção e também uma realização pessoal por parte de todos os seus professores e funcionários. Assegura a formação completa do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) beneficiando de Autonomia Pedagógica.

Na sua maioria, as famílias e crianças desta Escola aparentam situação económica na média, de acordo com os parâmetros da região. No que diz respeito à sua composição, as salas e turmas apresentam heterogeneidade, quer a nível cognitivo e sócio afetivo, com alguns casos de Necessidades Educativas Especiais.

Sexo e idades dos Encarregados de Educação inquiridos		
	Categoria	Nº de pessoas
Sexo	Feminino	29
	Masculino	4
Idades	33	1
	34	1
	36	2
	37	3
	39	2
	40	2
	41	7
	42	5
	43	1
	44	2
	46	1
	47	2
	48	1
50	1	

TABELA 1 - SEXO E IDADES DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO INQUIRIDOS

De acordo com os dados obtidos no inquérito por questionário aos Encarregados de Educação, podemos constatar que 29 dos inquiridos são do sexo feminino e que 4 são

do sexo masculino, as suas idades estão compreendidas entre os 33 e os 50 anos de idade, tal como observamos na tabela anterior.

Nível de escolaridade dos pais e mães das famílias inquiridas		
Nível de escolaridade	Pais	Mães
2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)	3	0
3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)	4	1
Ensino Secundário (12º ano)	9	9
Licenciatura	15	19
Mestrado	1	2
Doutoramento e +	0	2

TABELA 2 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS E MÃES DAS FAMÍLIAS INQUIRIDAS

Relativamente ao nível de escolaridade das famílias dos inquiridos, através dos dados recolhidos dos inquiridos por questionário, podemos observar que a maioria dos pais e das mães têm a licenciatura. Por meio da tabela 2, percebemos ainda que o nível de escolaridade das mães é relativamente mais alto que o nível de escolaridade dos pais.

Profissões dos pais e mães das famílias inquiridas			
Profissão dos pais	Nº	Profissão das mães	Nº
Agente da Autoridade Administrativa	1	Administrativa	2
Arquiteto	1	Ajudante de Cozinha	1
Bancário	1	Animadora Cultural	1
Chefe de Equipa	1	Assistente de Gabinete Dentário	1
Cimenteiro	1	Auxiliar de Ação Médica	1
Comercial	1	Bancária	2
Engenheiro Civil	4	Comerciante	1
Engenheiro Eletrotécnico	1	Consultora Imobiliária	1
Engenheiro Mecânico	1	Desempregada	1
Ferroviário	1	Direção de Produção	1
Gerente de Loja	1	Educadora Social	1
Gerente de Hotelaria	1	Empregada de Mesa	1

Gestor	3	Professora	5
Guarda Nacional Republicano	1	Enfermeira	3
Militar	3	Engenheira	3
Motorista	2	Funcionária Pública	1
Oficial de Centenária	1	Operadora de Transformação de Carne	1
Operador de Circulação	1	Operária Fabril	1
Operador de Construção Civil	1	Psicóloga	1
Operário Fabril	2	Responsável de Loja	1
Técnico de Conta	1	Técnica de Contabilidade	1
Técnico de Manutenção	1	Técnica de Radiologia	1
		Técnica de Recursos Humanos	1

TABELA 3 - PROFISSÕES DOS PAIS E MÃES DAS FAMÍLIAS INQUIRIDAS

Verificamos, também, que são várias as profissões apresentadas tanto pelos pais como pelas mães das famílias inquiridas, como observamos na tabela acima. Com base na tabela 3, podemos ainda dizer que a profissão mais mencionada pelos pais foi Engenheiro Civil e a profissão mais mencionada nas mães foi Professora.

Os recursos físicos estão distribuídos por 3 edifícios. No edifício I (sede) encontram-se os serviços administrativos, cozinha e refeitório. No edifício 2 encontram-se as salas das AEC, dos Tempos Livres, a sala de informática e o gabinete de apoio de psicologia. No edifício 3 podemos encontrar quatro salas do 1º CEB, o ginásio/pavilhão multiusos e um pequeno auditório.

De acordo com a lei é importante referir que esta instituição se encontra certificada pela Associação Portuguesa de Certificação (APCER), a nível do Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ), segue as diretrizes da ISO 9001/2008 e dos referenciais da Segurança Social. A instituição continua a implementar o SGQ numa perspetiva de melhoria continua. Para além disso, está igualmente certificada pela APQ/EFQM.

Os recursos humanos da Escola Básica do 1º ciclo do distrito de Santarém, contam com a existência dos membros diretivos, colaboradores dos serviços administrativos, professoras do ensino básico, uma professora de educação especial, uma educadora social, uma psicóloga, auxiliares de ação educativa, auxiliares dos serviços gerais (limpeza, cozinha, lavandaria) e um motorista. Para além dos recursos internos, contamos

com recursos humanos de contrato externo onde se incluem a professora de dança; o professor de educação física; terapeuta da fala; advogada; contabilista; fornecedores das mais diversas áreas, tais como o serviço de alimentação; serviço de desinfestação; e manutenção dos sistemas de segurança.

No que concerne ao estudo, este foi realizado com os pais dos estudantes do 1º ciclo, os referidos estudantes, os seus professores titulares, a diretora pedagógica e também com a Educadora Social desta escola.

Atualmente, esta escola engloba 91 estudantes na totalidade, divididos em 4 turmas do 1º ciclo, sendo que cada uma das turmas corresponde a um ano de escolaridade. Neste sentido, a turma do 1º ano tem 24 alunos; a turma do 2º ano conta com 17 alunos; a turma do 3º ano contem 25 alunos e, por fim, a turma do 4º ano conta também com 25 alunos.

2.2. Plano de observação

Dada a natureza do nosso objeto de análise, para o nosso Plano de Observação adotamos a metodologia mista, à vez quantitativa e qualitativa, consoante os casos, e as técnicas aplicadas foram: a análise documental, o inquérito por questionário, o inquérito por entrevista e também entrevista-conversa. Neste seguimento, podemos dizer que foram realizados 33 inquéritos por questionário, 5 entrevistas e 12 entrevistas-conversas.

Contextualizando as técnicas que serão utilizadas, de acordo com Carmo e Ferreira (2008), existem várias formas de classificar as técnicas de observação, sendo uma delas através do tipo de envolvimento do observador. Temos, por isso, a observação não-participante, onde o observador não tem qualquer tipo de interação com o objeto de estudo no momento da observação. Por outro lado, temos a observação participante que é outra modalidade de observação onde o observador assume um papel ativo de participação junto da população observada, com o objetivo de alcançar uma outra perspetiva alcançada através do seu próprio envolvimento na ação. Neste caso, como o próprio nome indica, o observador participa na ação, interferindo e condicionando, como é evidente, no processo de interação existente.

2.2.1. Recolha bibliográfica

Segundo Carmo e Ferreira (2008) na análise documental, para se alcançar uma pesquisa adequada, é necessário o tratamento e a interpretação de toda a informação, para que seja possível extrair da mesma o mais relevante para o estudo. O processo de investigação visa assim, a recolha de testemunhos de trabalhos realizados anteriormente sobre o tema em questão.

Posto isto, para este estudo utilizámos, primeiramente, a *observação indireta*, através de recolha bibliográfica, na medida em que é uma observação feita a partir do que outros autores já pesquisaram em relação a esta temática.

Complementarmente, utilizámos a análise documental, de forma a enriquecer a temática da dissertação. Desta forma, realizámos uma recolha bibliográfica de modo a fundamentar conceitos e perspetivas considerados relevantes para o estudo, complementada com a informação de outros documentos relevantes, desde logo da instituição com a qual realizámos o nosso estudo. Por outro lado, esta recolha bibliográfica também foi a nível metodológico, permitindo lançar pistas sobre o desenvolvimento da própria metodologia que aqui apresentamos.

2.2.2. Inquérito

A conceção deste estudo conta com dois tipos de inquéritos, sendo eles o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista, que iremos abordar de forma mais detalhada nos subcapítulos seguintes.

3.3.2.1. Inquérito por questionário

Relativamente ao inquérito, complementando o que já foi dito anteriormente, Carmo e Ferreira (2008) referem que este consiste em processos de recolha sistematizada de dados suscetíveis de interesse no terreno, de forma a dar resposta a um determinado problema, neste caso, ao tema deste estudo e aos seus objetivos específicos. Tendo em conta os procedimentos da inquirição, estes distinguem-se entre dois tipos, sendo eles o inquérito por questionário e o inquérito por entrevista.

Sobre o inquérito por questionário, na perspectiva de Pombal, Lopes e Barreira (2008) este baseia-se em colocar questões concretas sobre uma determinada realidade, a um conjunto de inquiridos, onde pode ser solicitado as suas opiniões, a sua atitude relativamente a determinadas opções ou questões, as suas expectativas, o seu nível de conhecimento ou consciência sobre um acontecimento ou problema e também questões sobre outro qualquer ponto de interesse dos investigadores.

Neste sentido, utilizámos neste estudo o inquérito por questionário semiestruturado que, por sua vez, foi dirigido às famílias de alguns estudantes do 1º ciclo. Foi escolhida esta metodologia pois este instrumento de recolha de informação é extensivo e dessa forma, pretende-se conseguir chegar ao maior número de pessoas. Tendo em consideração as condições pandémicas, os inquéritos por questionário foram feitos *online*, através do *google forms*.²

Para a realização dos inquéritos por questionário *online* foi solicitado às professoras titulares que enviassem o *link*, via *e-mail*, aos respetivos encarregados de educação, para que dessa forma conseguissem aceder aos questionários. Todas as professoras demonstraram disponibilidade em partilhar os questionários com todos os encarregados de educação.

Após a realização dos questionários, tentou-se extrair as respostas dos mesmos para o programa *excel*. No entanto a informação extraída apresentava-se desformatada. Para solucionarmos este problema, resolvemos então efetuar uma nova tabela em *excel* e passar a informação uma a uma, do *google forms* para esta mesma tabela em *excel*. Como à posteriori iríamos utilizar o programa SPSS para um estudo mais detalhado dos resultados, passámos logo a informação codificada com os números correspondentes às respostas³.

Para realizarmos o estudo de forma mais detalhada dos resultados, como já referimos anteriormente, utilizámos o programa SPSS para averiguarmos se havia relação estatística entre as variáveis do estudo.

² O inquérito por questionário dirigido às famílias dos estudantes, encontra-se no anexo A.

³ O *Google Forms* gera automaticamente uma tabela *Excel*, mas muito pouco ambiciosa do ponto de vista do tratamento estatístico, claramente insuficiente para o uso mais analítico que pretendíamos fazer em SPSS.

Posteriormente, analisámos as respostas dadas pelos respondentes e também utilizámos os gráficos para uma melhor visualização dos dados, como veremos em seguida.

Através da realização dos inquéritos por questionário, verificou-se que responderam aos mesmos 33 encarregados de educação, observou-se que a maioria dos questionários foram respondidos pelos encarregados de educação do sexo feminino, uma vez que 29 (87,9%) das respostas foram feitas por pessoas do sexo feminino e os restantes 4 (12,1%) são do sexo masculino. As idades dos encarregados de educação que responderam aos questionários encontram-se entre os 33 e os 50 anos.

22. Sexo
33 respostas

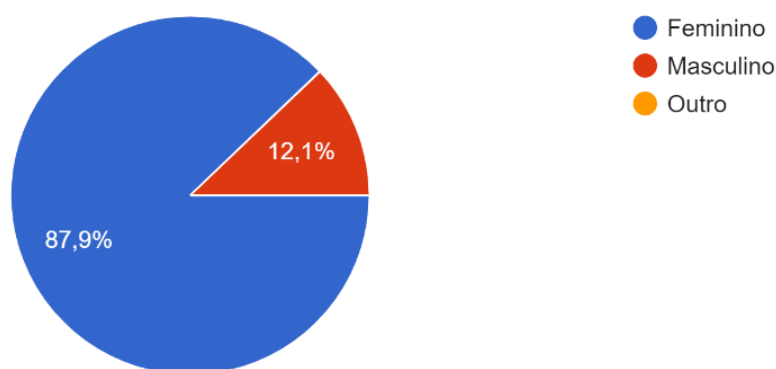


GRÁFICO 1 - SEXO DO INQUIRIDO

Relativamente aos encarregados de educação correspondentes a cada turma, verificou-se que apenas 3 (9,1%) dos encarregados de educação do 1º ano responderam ao questionário, 5 (12,2%) do 2º ano, 13 (39,4%) do 3º ano e 12 (36,4%) corresponde ao 4º ano.

1. Qual o ano de escolaridade do(a) seu(sua) educando(a)?

33 respostas

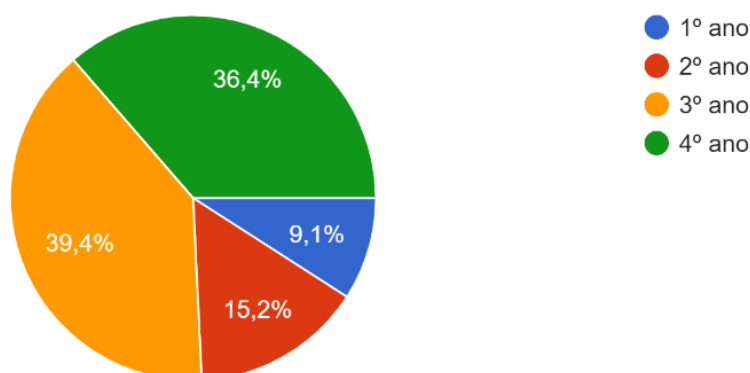


GRÁFICO 2 - ANO DE ESCOLARIDADE DO EDUCANDO

Em relação ao gráfico anterior, podemos concluir que o número de respostas obtidas ao questionário ficou aquém do idealizado, uma vez que houve apenas 3 respostas dos encarregados de educação do 1º ano e 5 respostas dos encarregados de educação do 2º ano. Mas ainda assim, a participação massiva dos outros encarregados de educação foi bastante importante e permitiu equilibrar o estudo.

3.3.2.2. Inquéritos por entrevista

No que concerne ao inquérito por entrevista, segundo Pombal, Lopes e Barreira (2008) este método distingue-se pela aplicação dos processos relevantes de comunicação e de interação humana, por outras palavras, esta técnica caracteriza-se pelo contato direto entre o investigador e os entrevistados.

Seguindo as ideias dos autores mencionados anteriormente, a entrevista pode ser diretiva, semidiretiva ou não diretiva. Explicando um pouco de cada um deles, na entrevista diretiva, o entrevistador tem um guião rígido para a entrevista, com questões que possuem uma ordem cronológica. Quanto à entrevista semidiretiva tanto a ordem como a forma de fazer as perguntas é livre, apesar do entrevistador conhecer os temas sobre os quais pretende recolher a informação. Por fim, na entrevista não diretiva, o

discurso é organizado pelo entrevistado a partir de um tema proposto, neste caso o entrevistador apenas intervém para encorajar.

Neste estudo, fez sentido utilizar o inquérito por entrevista semidiretiva, que foi feito às professoras titulares das turmas⁴ e à coordenação da escola.⁵ Foi escolhida esta metodologia na medida em que este instrumento de recolha de informação é intensivo e é aplicado a poucas pessoas e, para além disso, é destinado a testemunhas privilegiadas, ou seja, que têm muita informação sobre o assunto a estudar. Importa referir que estas entrevistas foram feitas de forma *online*, por videoconferência, através da plataforma *Zoom*.

Neste seguimento, foi também realizado o inquérito por entrevista não diretiva que, por sua vez, destinou-se à Educadora Social, de forma a substituir a observação participante, que não foi possível realizar devido às restrições pandémicas já mencionadas anteriormente. Foi escolhida esta metodologia porque este instrumento de recolha de informação pressupõe a total liberdade da abordagem ao tema que se pretende estudar e também porque a entrevistada é uma testemunha-chave ou privilegiada, na medida em que está no terreno, em contacto direto com o público-alvo e sendo de certa forma ela a principal protagonista deste estudo deixá-la falar livremente sobre o seu trabalho, experiência, estratégias, etc. pareceu-nos fundamental. Tal como nas entrevistas semidiretivas, esta entrevista também foi realizada *online*, através de videoconferência, na plataforma *Zoom*.⁶

No decorrer do estudo, foram realizadas 5 entrevistas, efetuadas entre os dias 19 de maio e 9 de junho, através da plataforma *Zoom*. Como referido, foram entrevistadas a educadora social e as professoras titulares, sendo que uma delas desempenha em simultâneo a função de diretora pedagógica. Importa ainda referir que houve um pequeno atraso na realização das entrevistas pelo facto de, no momento, haver turmas em isolamento.

Verificou-se que as 5 entrevistadas eram do sexo feminino e as suas idades eram compreendidas entre os 39 e 52 anos de idade.

⁴ O guião da entrevista dirigido às professoras titulares corresponde ao anexo B.

⁵ O guião da entrevista direcionado à coordenação diz respeito ao anexo C.

⁶ O guião de entrevista direcionada à Educadora Social, encontra-se no anexo D.

2.2.3. Entrevista-conversa

Saramago (2010) considera a escola um local privilegiado para a observação do grupo das crianças, na medida em que neste contexto ocorrem interações significativas para este grupo. Como já foi referido anteriormente, a autora também indica que a seguir à família, o ambiente escolar é o segundo agente de socialização mais relevante.

Nesta continuidade, a autora mencionada anteriormente refere que a escola e a família não são contextos completamente separados para as crianças e que atualmente se tem observado um esforço para a criação de laços entre ambos os contextos, de forma a favorecer o processo educativo conjunto para a criança e, dessa maneira, promover a aprendizagem das competências sociais alcançadas tanto no ambiente escolar como no ambiente familiar.

Para Saramago (2010) é relevante que a construção das técnicas e das ferramentas metodológicas sejam adequadas às especificidades e particularidades de cada criança enquanto ator social. Neste ponto de vista, a entrevista-conversa constitui uma técnica intensiva de recolha de materiais empíricos.

Relativamente à entrevista-conversa, consoante Saramago (2010) esta é conduzida por grandes blocos temáticos com pontos de comunicabilidade nos temas planeados. Esta técnica não tem menos rigor científico que as entrevistas, pelo contrário, uma vez que pressupõe um conjunto de preocupações adicionais na sua preparação, desenvolvimento e aplicação. No que diz respeito à construção do guião da entrevista-conversa, este tem em atenção os objetivos definidos, em torno dos quais será composto um conjunto de questões.

De acordo com Saramago (2010) a entrevista-conversa requer um trabalho prévio de preparação por parte do entrevistador, pois é ele que tem de orientar e mediar a entrevista de forma a abordar todos os blocos temáticos, tentando sempre que a entrevista tenha coerência sem perder em vista os objetivos. Por esta razão, ao longo da entrevista-conversa, é possível que se volte alternadamente aos mesmo blocos temáticos, de forma a explorar todas as questões delineadas.

Saramago (2010) atribui uma grande importância ao bloco temático inicial. Neste bloco pretende-se que o entrevistador explique como irá decorrer todo o processo, é essencial que este primeiro bloco temático não seja tão formal, de forma a estabelecer

empatia com a criança. A entrevista-conversa pode começar com questões relacionadas com os amigos e as brincadeiras, por exemplo, pois são assuntos significativos para as crianças e são considerados bons temas para marcar o início da entrevista que procure a colaboração da criança.

Neste seguimento, o entrevistador tem de saber propor os temas a abordar, uma vez que quando os assuntos não interessam às crianças, durante demasiado tempo consecutivo, elas começam a ficar impacientes e procuram terminar a conversa o mais rapidamente possível. Assim sendo, a duração da entrevista-conversa pode variar consoante os sinais de cansaço que a criança demonstre, podendo durar de 30-40 minutos ou apenas 15-20 minutos, cabendo ao entrevistador tornar a entrevista-conversa num momento interessante.

Saramago (2010) diz-nos que a entrevista-conversa adapta-se a um número flexível de entrevistados e apresenta três modalidades, sendo elas: a entrevista-conversa com apenas uma criança, designada por entrevista-conversa singular; a entrevista-conversa com duas até quatro crianças, denominada entrevista-conversa relacional; e, por fim, a entrevista-conversa com um grupo de crianças de seis a oito elementos, chamada entrevista-conversa de grupo.

Posto isto, foi realizado com os estudantes entrevistas-conversa, tendo em conta as características desta metodologia que já foram mencionadas anteriormente. Para a realização das entrevistas-conversa foi pedido, previamente, autorização aos encarregados de educação para a realização e gravação do som da mesma. Pretendeu-se que fosse uma entrevista-conversa relacional, dividindo as crianças de acordo com o seu ano de escolaridade. No entanto, esse fator dependeu da quantidade de estudantes que foram integrados no estudo, ou seja, que tiveram autorização dos encarregados de educação.⁷

Assim, o guião para a entrevistas-conversa foi realizado com blocos temáticos, objetivos e questões. As questões foram apresentadas com palavras adequadas à compreensão linguística das crianças.⁸

⁷ O documento que diz respeito à autorização da entrevista-conversa e da captação do som localiza-se em anexo E.

⁸ O guião das entrevistas-conversas destinados às crianças encontra-se no anexo F.

Esta metodologia foi também realizada *online* através da plataforma *Zoom*, não havendo a possibilidade de ser presencial, devido às condições pandémicas já mencionadas anteriormente.

Antes da realização das entrevistas-conversa, foi pedida a solicitação da Educadora Social da Escola, para fazer chegar aos pais dos estudantes as devidas autorizações para a realização das entrevistas-conversa, bem como a gravação do som das mesmas.

As entrevistas-conversa, foram realizadas com três alunos de cada turma, do 1º ao 4º ano de escolaridade, da Escola selecionada, sendo assim, foram entrevistadas 12 crianças no total. Importa referir que todas as entrevistas-conversas foram realizadas com a observação e o acompanhamento da Educadora Social da Escola do 1º ciclo do distrito de Santarém que, por sua vez, interveio em algumas entrevistas. As entrevistas-conversa foram aplicadas durante os intervalos das aulas das crianças, entre os dias 24 de maio e 7 de junho. Como já foi referido anteriormente, houve um pequeno atraso na realização das entrevistas-conversa pelo facto de, na altura, haver turmas em isolamento.

Relativamente aos alunos entrevistados, estes tinham idade compreendidas entre os 6 e os 9 anos e 9 dos entrevistados eram do sexo feminino e os restantes 3 do sexo masculino. Tendo em conta que os alunos foram selecionados pela Educadora Social aleatoriamente e de acordo com as autorizações dos encarregados de educação, a diferença por sexo aconteceu por acaso.

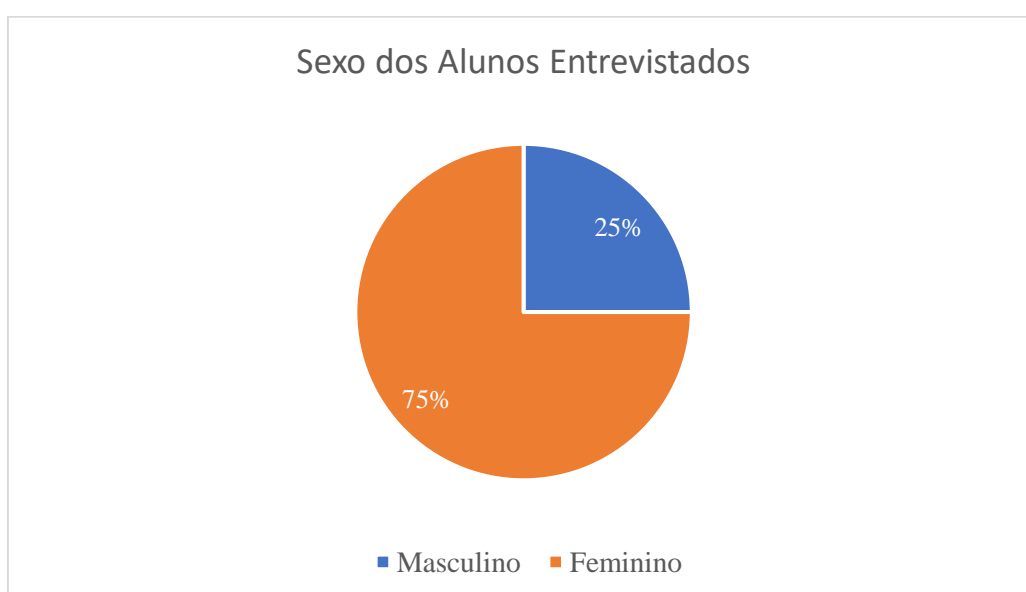


GRÁFICO 3 - SEXO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS

Inicialmente, após a realização de todas as entrevistas e logo depois, a transcrição das entrevistas⁹, elaborámos uma análise individual de conteúdo¹⁰ para cada entrevista, com essa análise, categorizámos as respostas dadas pelos entrevistados, que por sua vez foram ao encontro dos objetivos do estudo, uma vez que as perguntas também foram direcionadas nesse sentido. Por sua vez, com a análise efetuada, também foi possível obter informações complementares.

Segundo Bardin (1979) a categorização consiste numa operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, reagrupamento segundo o género e com critérios previamente definidos. Por outras palavras, as categorias são classes que reúnem um grupo de elementos, com características comuns, sob um título genérico. Pressupõem-se que para classificar elementos em categorias, implica a investigação do que cada um deles tem em comum com outros.

Após a conclusão das análises individuais das entrevistas, verificámos que, para a realização da apresentação de dados, seria mais viável a elaboração de uma análise geral de conteúdo das entrevistas,¹¹ ou seja, uma análise de entrevistas com todas as entrevistas realizadas, selecionando as citações mais relevantes para o estudo. Para esta análise, aproveitámos as categorias empregadas nas análises de entrevistas individuais.

3. Apresentação dos resultados

Segue-se a apresentação dos resultados obtidos ao longo do estudo, através da recolha bibliográfica, dos inquéritos por questionário, das entrevistas e das entrevistas-conversa.

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos relativamente aos temas: acompanhamento do progresso dos filhos na escola, relação entre a escola e a família, comunicação entre a escola e a família, atividades na escola em conjunto com a família, atuação da educadora social na escola e por fim, metodologias e estratégias da educadora social na escola selecionada.

⁹ A transcrição das entrevistas encontra-se no anexo G.

¹⁰ A análise individual de conteúdo das entrevistas está no anexo H

¹¹ A análise geral de conteúdo das entrevistas localiza-se no anexo I

3.1. Acompanhamento do progresso dos filhos na escola

Neste subcapítulo, pretendemos perceber como é que os pais acompanham o progresso dos filhos na escola.

Pretendíamos perceber se, na opinião dos encarregados de educação consideravam que acompanhavam os seus filhos na escola. Na pergunta “*Costuma acompanhar o progresso escolar do/s vosso/s filho/s?*”, indicado nos inquéritos por questionário, todos os encarregados de educação, ou seja, 100% responderam que sim.

Neste seguimento, foi questionado de que forma era feito esse acompanhamento. As respostas foram bastante variadas. A resposta mais frequente foi ajudar/acompanhar nas tarefas escolares, nomeadamente os trabalhos de casa. Também foi mencionado várias vezes conversar com a professora titular, ajudar a estudar no geral, preparar e ver as fichas de avaliação, acompanhamento diário da rotina escolar e conversar com o educando. Foram ditas também outras respostas como, a nível pedagógico, psicológico e emocional, nas reuniões escolares, participar nas atividades propostas pela escola e nas férias, treinando com o educando os conteúdos aprendidos durante o período letivo.

Sobre esta temática Cruz (2014) aponta que os pais procuram educar adequadamente os seus filhos, utilizando comportamentos parentais positivos. Estes comportamentos têm como finalidade fomentar o desenvolvimento da criança e a gestão dos seus comportamentos de forma positiva.

Para especificar melhor esta questão, perguntámos aos encarregados de educação se ajudavam o/s seu/s filho/s com as tarefas escolares e verificámos que a maioria, 20 pessoas (60,6%) responderam sempre, 10 pessoas (30,3%) selecionaram a resposta às vezes e 3 pessoas (9,1%) raramente, como podemos aferir no seguinte gráfico.

3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?

33 respostas

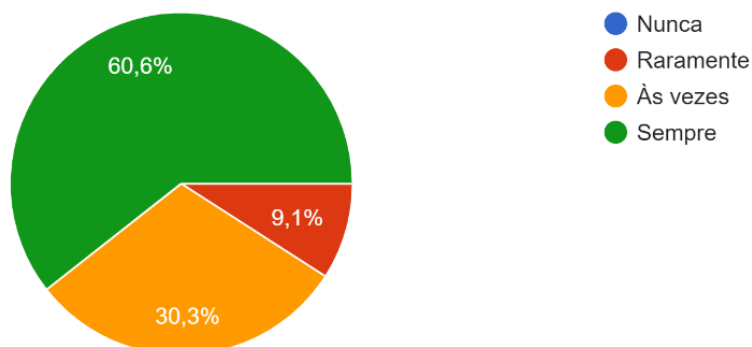


GRÁFICO 4 - AUXÍLIO NAS TAREFAS ESCOLARES DO EDUCANDO

Neste estudo, verificou-se que existe relação estatística entre o auxílio prestado aos filhos nas tarefas escolares e o sexo do respondente: percebeu-se que, de uma maneira geral, as mães ajudam mais os filhos nas tarefas escolares comparativamente aos pais, descrevendo uma relação estatística moderada a forte ($\chi^2=10,649$, $p<0,05$; $V=0,563$).¹²

Outra das questões do inquérito por questionário dirigido aos encarregados de educação foi relativamente ao auxílio que os pais dão aos filhos para estudar para os testes e constatou-se que 26 pessoas (78,8%) disseram que ajudam sempre, 5 pessoas (15,2%) ajudam às vezes e 2 pessoas (6,1%) responderam raramente, mas, de uma maneira ou de outra, todos ajudam. Podemos observar as respostas dadas no gráfico seguinte.

¹² A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo J.

4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?

33 respostas

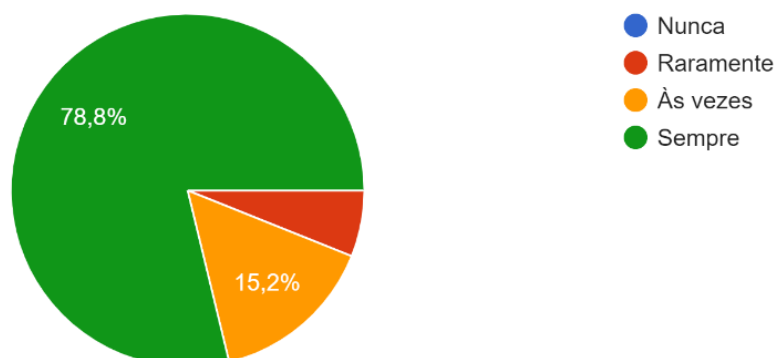


GRÁFICO 5 - AUXÍLIO NO ESTUDO PARA OS TESTES DO EDUCANDO

Ao relacionarmos as respostas às perguntas “Ajuda o seu filho nas tarefas escolares?” e “Ajuda o seu filho a estudar para os testes?”, constatámos que, no geral, os pais que ajudam menos nas tarefas escolares são, também, os que menos ajudam a estudar para os testes, e reciprocamente: os pais que mais ajudam os filhos nas tarefas escolares são, também, os que ajudam mais a estudar para os testes ($T=0,551$, $p<0,05$).¹³

Adicionalmente, procurámos verificar se a relação dos pais teria influência na ajuda que os progenitores dão aos seus filhos ($\chi^2=3,504$, $p>0,05$, $V=0,230$), mas não encontramos relação estatística.¹⁴

Para além disso, procurámos também conferir se haveria influência entre o nível de instrução dos pais e das mães no auxílio prestado aos seus filhos, mas não encontramos uma relação estatisticamente significativa. ($T=0,063$, $p>0,05$ e $T=-0,151$, $p>0,05$, respetivamente).¹⁵

Sobre esta temática que temos vindo a abordar, Leite (2015) salienta que, para além de ser tarefa da família favorecer o desenvolvimento integral da criança e promover a saúde, proteção e bem-estar da criança, também é sua função criar um ambiente propício

¹³ A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo K.

¹⁴ A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo L.

¹⁵ A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo M.

para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento e orientação contínua no que diz respeito aos hábitos de estudo e às tarefas escolares.

Por sua vez, ao analisarmos as entrevistas-conversa com os alunos, quando lhes foi questionado se os pais os ajudam com as atividades da escola, verificamos que todas as crianças respondem que sim, essencialmente nos trabalhos de casa, quando têm dúvidas e a estudar para os testes, como podemos conferir nas seguintes respostas “*Sim, muitas vezes quando há testes eles estudam um pouco comigo...*” (Entrevistada 16) e “*Sim, quando eu preciso de ajuda e quando tenho dúvidas.*” (Entrevistada 17).

No inquérito por questionário também perguntámos aos pais se valorizavam e elogiavam as aprendizagens dos seus filhos, apurámos que 31 pessoas (93,9%) seleccionaram a opção sempre e apenas 2 pessoas (6,1%) disseram às vezes. Concluimos que, praticamente todos os respondentes consideram que valorizam e elogiam as aprendizagens dos seus filhos.

5. Valoriza e elogia as aprendizagens do seu filho?

33 respostas

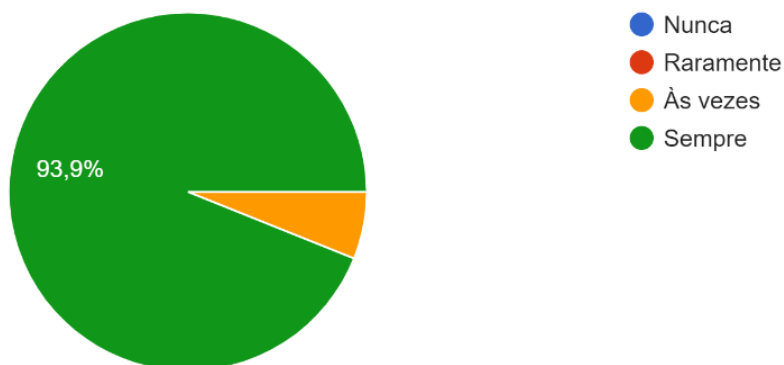


GRÁFICO 6 - VALORIZAÇÃO E ELOGIO DAS APRENDIZAGENS DO EDUCANDO

Os dados do estudo vão ao encontro do que refere Picanço (2012), pois, o autor diz-nos que a intervenção dos pais na educação dos filhos é essencial, uma vez que dar apoio e cuidados adequados ao filho é uma responsabilidade da família, por esse motivo, é fundamental que os pais se integrem na vida escolar ativa dos seus educandos, para que dessa forma, consigam dar o apoio que eles precisam ao longo do seu crescimento escolar.

Também na perspectiva de Mendes (2012) aferimos que o envolvimento dos pais e a participação ativa no processo de aprendizagem, possibilita um melhor desenvolvimento das crianças.

Por sua vez, constatámos que, estatisticamente, no geral, são as mulheres que mais valorizam as aprendizagens dos seus filhos comparativamente aos homens ($\chi^2=15,435$, $p<0,00005$, $V=0,684$), através da verbalização e incentivo à aprendizagem que é muito mais frequente junto das primeiras dos que dos segundos.¹⁶

No que concerne às entrevistas-conversa realizadas com os estudantes, ao perguntarmos se os pais gostam quando têm boas notas, todos deram uma resposta positiva, dizendo que gostavam muito e adoravam, o que mostra a importância desta forma de reforço positivo dos pais em relação aos filhos.

Neste seguimento, quando se pergunta o que acontece quando têm más notas, a maioria das crianças afirma que os pais não ficam chateados, mas incentivam a melhorar, dando destaque às seguintes citações “*Para a próxima tenta fazer melhor.*” (Entrevistada 7) e “*Não faz mal, a minha diz não faz mal porque estamos a aprender.*” (Entrevistada 6). Enquanto outros dizem que os pais ralham e metem de castigo “*Eu não sou de ter má notas, mas a minha mãe coloca-me de castigo.*” (Entrevistado 13) e “*Ralham comigo, apenas...*” (Entrevistada 16).

Esta questão é bastante relevante, uma vez que, como revela Simões (2011), as crianças possuem uma predisposição inata para formar uma relação de vinculação, normalmente, com os seus cuidadores primários e, por sua vez, como refere López (2001), é na família que a criança recebe informação sobre si mesma, inicia a formação de seu autoconhecimento, configura a sua autoestima em relação aos valores que nela são vividos, moldando assim as suas atitudes e configurando os seus padrões de comportamento. Neste sentido, a família contribui para a formação da criança enquanto pessoa.

Os instrumentos aplicados permitiram observar que tanto os encarregados de educação que responderam ao questionário como os alunos entrevistados, consideram que é feito o acompanhamento dos pais nas tarefas escolares, principalmente nos trabalhos de

¹⁶ A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo N.

casa e a estudar para os testes, uma vez que foram as respostas mais mencionadas e selecionadas.

Sobre a valorização das aprendizagens, a maioria dos pais considera que valoriza a aprendizagem dos seus educandos. Podemos também referir que maior parte das crianças também consideram que os pais os apoiam a nível escolar, tendo em conta que sentem que os seus pais ficam felizes quando têm boas notas e que os motivam a melhorar quando as notas não são tão boas.

Fazendo ligação entre os resultados do estudo e o que salienta Dias (2017), baseando-se em Berger e Luckmann, a educação é uma responsabilidade que a família tem para com a criança e a sua função é de orientar o desenvolvimento e aquisição de comportamentos considerados adequados, de acordo com os padrões sociais de uma determinada cultura, tendo assim, como tarefa, promover a socialização das crianças, incluindo a aprendizagem dos padrões comportamentais, atitudes e valores aceites pela sociedade e, já no contexto da socialização secundária, ajudar a desenvolver as aprendizagens previsivelmente desejáveis e úteis para o futuro da criança, questão que retomaremos já de seguida.

3.2. Relação entre a escola e a família

Este ponto tem em vista entender a perspetiva dos professores a respeito da relação entre a escola e a família, bem como a relação família e aluno em termos do processo ensino-aprendizagem das crianças.

Por meio das entrevistas realizadas, mais concretamente dos entrevistados 2 e 3, foi possível constatar que a Escola do 1º ciclo do distrito de Santarém surgiu através de um projeto em conjunto com o Professor Ramiro Marques¹⁷, em que o seu propósito e principal objetivo era de estabelecer a ligação entre a escola e a família, como podemos comprovar nas seguintes citações “... nós tivemos um projeto de início que era mesmo com o professor Ramiro Marques, ... nós tivemos mesmo esse projeto defendido, a extrema importância da relação entre a escola e a família” (Entrevistada 3) e “É por isso

¹⁷ Professor e investigador com agregação na Escola Superior de Educação de Santarém, atualmente aposentado.

que existimos, ela nasceu por causa disso, para haver uma maior proximidade entre a escola e entre a família” (Entrevistada 2)

Com as entrevistas realizadas, constatou-se que as entrevistadas consideram que só com a conjugação de sinergias entre a escola e a família, com o esforço e participação da família é que as crianças são felizes e têm sucesso, sendo que o processo de ensino-aprendizagem das crianças é um trabalho de equipa *“só com a família, com o esforço da família e com a participação da família é que os garotos são felizes e que há sucesso.”* (Entrevistada 2).

Estas afirmações vão ao encontro do pensamento de Leite (2015) que menciona que é no contexto familiar e escolar que o indivíduo se prepara para a integração na sociedade. Por esta razão, a escola e a família são referências fulcrais para a formação da criança, assim sendo, é essencial que haja uma aproximação de ambos os contextos para uma ação coletiva que se complemente mutuamente.

Ao longo das entrevistas, foi possível perceber na perspetiva das entrevistadas, as funções que são atribuídas à escola e à família, sendo que, de forma muito sistematizada, a família foi considerada como encarregada de ensinar os valores base para o seu desenvolvimento enquanto indivíduos e a escola tem o dever de transmitir os conhecimentos académicos e é com esta ligação que a criança adquire a sua formação. Apresentamos a seguinte citação *“...a família é responsável por transmitir a formação de base, os valores, o saber estar para o aluno, a criança ter autoestima e saber estar no mundo com toda a segurança, a escola é o grande pilar dos conhecimentos, onde eles convivem com os seus pares, onde aprendem regras de convivência e de respeito um pelo outro... escola mais família são o grande pilar da formação de uma criança”* (Entrevistada 4).

Nesta linha de pensamento, fazemos referência a Sousa e Sarmiento (2010) que afirmam que cabe à família a responsabilidade de dar orientação e desenvolver competências que permitam à criança, integrar-se na sociedade e adquirir um quadro de referências culturais que servirá de base para as relações e interações sociais, enquanto que na perspetiva de Gaspar (2002) a escola como o espaço físico onde se transmitem e partilham conhecimentos na educação formal.

No entanto, a escola não se limita apenas à transmissão dos conhecimentos académicos, *“a escola dá instrução... mas não pode ser só isso... É muito mais que isso!”*

(Entrevistada 3), a escola também procura dar apoio às crianças, ajudar a ultrapassar fraquezas, a desbloquear e gerir algumas situações como no exemplo dado pela entrevistada 3 *“E em certas situações até de divórcios... não nos colocarmos num lado nem noutro, sabermos gerir as coisas”*. As entrevistadas confessam que costumam de estar atentas aos pormenores e aos sinais que os alunos dão quando não estão bem ou quando estão felizes. Uma vez que os alunos passam muito tempo na escola, as professoras acabam por conhecê-los muito bem e, por vezes, acabam por ser o elo de ligação entre a criança e a família. A entrevistada 4 considera que quando algo não está bem com alguma criança *“é o meu dever chamar essa criança à parte e com o diálogo tentar perceber o que é que se passa e chegar até ela e depois tentar chegar até à família se for caso disso... tenho o poder de atuar, de comunicar a entidades superiores, comunicar à minha diretora pedagógica e a partir daí a entidades superiores para acompanhar estas crianças que podem estar em risco”*.

Neste sentido, os dados recolhidos vão ao encontro de Oliveira e Marinho (2010) uma vez que nos dizem que a escola é uma instituição que tem como papel a socialização do saber sistematizado, quer isto dizer, do conhecimento elaborado e da cultura, numa relação que, quanto mais articuladamente for feita com a família, mais eficaz se torna. Assim sendo, a contribuição da escola para o desenvolvimento do sujeito está ligada à aquisição do saber culturalmente organizado e às diversas áreas de conhecimento complementando a socialização primária familiar.

Por conseguinte, a entrevistada 5 refere que é sempre vantajoso a escola ter os pais como parceiros e aliados e complementa a sua ideia explicitando que *“faz todo o sentido a escola e a família estarem unidas porque é muito mais fácil neste processo todo e nesta caminhada que eles vão fazer ao longo de vários anos, mas nos primeiros anos acho que é muito importante.”* (Entrevistada 5). Nesta linha de pensamento Oliveira e Marinho (2010) também se direciona neste sentido, pois referem que a escola e a família têm objetivos diferentes, no entanto completam-se entre si, na medida em que ambos têm a tarefa de preparar as crianças e jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade.

A entrevistada 4 também refere que a base de tudo é o diálogo, que trabalhar com crianças exige muita calma, saber respeitar o ritmo e tempo de cada um, a personalidade de cada um e sobretudo saber analisar todos esses comportamentos e todas essas diferenças de modo a chegar à criança e também à família para que juntos se faça um bom

trabalho. Sendo a escola e a família os dois grandes pilares da formação da criança é fundamental estarem os dois presentes, caso contrário, ocorre uma lacuna.

No entendimento das entrevistadas, a escola é composta por todos os profissionais que por sua vez formam a equipa multidisciplinar e só com a intervenção de todos é que a escola consegue dar respostas eficazes e chegar à família. Neste âmbito, faz sentido a citação da entrevistada 4 que nos diz: *“Mas o papel do professor, juntamente também com a educadora social e com a psicóloga da escola é arranjar as ferramentas para chegar à família e seja de que forma for, há sempre uma forma.”*. A entrevistada 5 sente que em muitas situações os professores são a ponte de ligação entre as crianças e a própria família, pois há certas conversas que as crianças se sentem mais à vontade para ter com a professora do que com os pais. Sobre este assunto, Gomes (1992) indica que a socialização é um processo que requer sempre mediadores entre o mundo físico e social e a criança, dessa forma, os adultos são os encarregados de educá-la, de modo a estabelecer as condições iniciais de vida da criança, desempenhando os professores uma importante função nessa tarefa.

As entrevistadas costumam dar estratégias aos pais, nas reuniões, para ajudar a acompanhar o progresso dos filhos na escola como refere a entrevistada 5: *“acho que é um poder que nós temos enquanto educadores de lhes transmitir algumas estratégias que podem ser positivas e boas. Há muitos que aproveitam outros não, mas isso depois já fica na consciência de cada um”*.

Em concordância, Sousa e Sarmiento (2010) refere que a escola não poderá desempenhar o seu papel se não puder contar com o apoio da família, pois é a família quem conhece melhor as potencialidades e características específicas dos seus educandos, dessa forma, a família torna-se um ator fundamental para dar a conhecer à escola e aos professores informações fundamentais, que, por consequência, irá dar origem ao desenvolvimento de projetos e estratégias mais adequadas para trabalhar com as crianças.

Com as entrevistas verificámos que, de uma maneira geral, os pais são interessados, preocupados e empenhados, o que demonstra haver interesse por parte deles em relação ao percurso escolar dos seus educandos. No entanto há pais que são mais participativos que outros, havendo alguns que, na perspetiva da entrevistada 5, se demitem da função de acompanhar o processo dos filhos na escola, considerando como papel exclusivamente da escola educar e ensinar os conhecimentos académicos.

De acordo com a entrevistada 2, isso deve-se muito à perspectiva que as pessoas têm da escola, dado que há pais que têm a perspectiva de estabelecer relação com a escola e gostam dessa conjugação, mas, por outro lado, há pais que consideram que os trabalhos são para ser feitos apenas na escola. Neste ponto, podemos referenciar Oliveira e Marinho (2010) que nos dizem que, numa perspectiva sociológica, as famílias são consideradas as grandes responsáveis pelas discrepâncias escolares, sendo necessário, para o bom funcionamento das escolas, as famílias adotarem as mesmas estratégias de socialização utilizadas nas escolas. Por sua vez, estas estratégias vão depender das classes sociais das famílias. Na mesma linha de pensamento, enquadrámos também a perspectiva de Sousa e Sarmiento (2010) que afirmam que o sucesso educativo das crianças está relacionado com a maneira como a escola e a família desenvolvem a sua relação. No entanto, o grau e o tipo de envolvimento das famílias dependem diretamente da representação que estas têm da escola. Por essa razão, torna-se fundamental promover a relação entre a escola e a família, uma vez que essa relação tem um impacto positivo na integração, motivação e desempenho da criança.

Na opinião da entrevistada 4, o correto é haver um meio termo e considera que os trabalhos de casa têm como uma das suas funções, estabelecer a ligação entre a escola e a família, uma vez que dessa forma, os pais conseguem fazer o acompanhamento das tarefas e conteúdos que os filhos estão a aprender na escola, tal como menciona “... a importância da família com a criança é este acompanhamento diário, é nos trabalhos de casa, nas tarefas diárias, no diálogo... levá-los a ganharem a confiança dos pais” (Entrevistada 4).

Neste ponto Leite (2015) considera que o ensino é uma atribuição prioritária na escola, porém divide responsabilidades com a família, quando por exemplo o professor prescreve tarefas para casa e espera que os pais as acompanhem. No entanto, em contextos onde os pais são pouco escolarizados, com horários laborais extensos e com pouco tempo para acompanhar a vida escolar dos filhos, esta divisão de responsabilidades, neste aspeto, pode ficar condicionada.

Em concordância a entrevistada 5 afirma que deve de existir um ponto de equilíbrio. Na escola devem de ser dadas todas as ferramentas para que as crianças trabalhem a sua autonomia, mas também é importante haver uma supervisão dos pais, para que dessa forma percebam as dificuldades dos filhos, o que estão a aprender e dessa

forma poderem ajudar os filhos a melhorar. A entrevistada 5 refere ainda que para além disso tudo também é importante haver tempo para brincar.

Estas afirmações vão ao encontro do que é dito por Jesus (2012) ao afirmar que, na prática profissional, é fundamental a interação entre a escola e a família das crianças, pois essa ligação pode influenciar o desenvolvimento das crianças, na medida em que os pais ficam a conhecer o trabalho que é elaborado na escola com o professor e dessa forma, têm mais oportunidades de dar continuidade a esse mesmo trabalho em casa e a estimular a criança nesse sentido, de modo que o seu desenvolvimento seja mais eficaz. Contudo, não nos podemos esquecer que atualmente, para algumas famílias, a sua participação na escola, de acordo com Leite (2015) representa um desafio, perante as alterações estruturais pelas quais as famílias têm vindo a passar e também, na medida em que, alguns pais ainda estão distantes da cultura escolar dos seus filhos, e, dessa forma, a integração na comunidade escolar revela-se complexa.

Atualmente temos vivenciado uma situação pandémica que, obviamente interferiu com o papel da escola. Porém, verificou-se que com a situação do confinamento, devido ao Covid-19, o acompanhamento e colaboração dos pais nas tarefas escolares foi imprescindível: *“Mesmo nesta situação que houve agora de confinamento, foram os pais... estiveram sempre a ajudar os miúdos nos trabalhos que nós mandávamos, no plano semanal, sempre... foi impecável, os pais são impecáveis.”* (Entrevistada 2).

Neste sentido, mas numa perspetiva contrária à descrita pelas entrevistadoras, Negrão (2021) refere que a recente pandemia Covid-19 pode ser um desafio na parentalidade pois os pais vêm-se confinados com os filhos e a exercer a sua função profissional através do teletrabalho.

Contudo, nas entrevistas realizadas, também foi mencionada uma desvantagem que as entrevistadas consideram haver na relação entre a escola e a família, na medida em que, por vezes, alguns pais põem em causa as metodologias utilizadas na escola: *“há alguns pais que acham que mandam em casa e também mandam na escola, nas regras, aí nessa perspetiva não me parece muito positiva”* (Entrevistada 5), no entanto, também referem que comparando as vantagens com as desvantagens, consideram haver mais vantagens na relação entre a escola e a família.

Estes dados vão parcialmente ao encontro do que é indicado por Aguilar (2012, citado por Silva, 2003) ao dizer-nos que a participação dos pais deve significar a criação

de uma cultura participativa e mais democrática e não um maior controlo dos professores. No entanto, na perspetiva de Sousa e Sarmiento (2010), não se pode considerar ou esperar que a relação entre a escola e a família seja fácil, por imensas razões, entre as quais se ressaltam as desigualdades culturais. Contudo, não é impossível, e como já constatámos as vantagens são muitas.

Nos inquéritos por questionário realizados aos encarregados de educação, todos os que responderam, consideram que a relação entre a família- escola é muito importante e fundamental. Obtivemos várias respostas em relação a esta pergunta. Foi dito pelos encarregados de educação que consideram importante a relação entre família-escola porque:

- A escola é a segunda família;
- Permite ter um melhor acompanhamento, bem como, perceber a evolução e as dificuldades do educando;
- Só com esta relação é que pode haver sucesso;
- Tanto a escola como a família são importantes para o desenvolvimento de qualquer criança, uma vez que são os pilares da educação da criança;
- Ajuda o aluno a ter mais confiança na escola e em si mesmo;
- Este elo de ligação facilita na resolução de eventuais problemas;
- As informações partilhadas entre a escola e a família são uma ferramenta para o desenvolvimento do aluno e para conduzir a uma melhor aprendizagem;
- É onde passam mais tempo (escola e casa);
- A seguir aos pais, os professores (sobretudo no pré-escolar e no 1.º ciclo) são quem mais contribui para a formação das crianças a todos os níveis (cognitivo, emocional, comportamental, moral);
- O trabalho em equipa é mais eficaz;
- É importante para o sucesso escolar;
- Um sem o outro não resultaria, a escola ensina e os pais educam;

- É fundamental que exista uma boa relação entre família-escola, para que as crianças aprendam com motivação, reconheçam a importância do ensino e sejam felizes;
- Permite também alertar os pais para algumas necessidades que não detetadas em casa.

Os dados recolhidos vão ao encontro do que salienta Saramago (2001) que refere que o ambiente escolar é considerado o segundo agente de socialização mais importante a seguir à família, pois, o ambiente escolar, de acordo com as suas características de acessibilidade, permite favorecer um canal de contato com outras dimensões da vida social das crianças.

Neste sentido, é defendido por Picanço (2012) que é bastante importante dar-se mais atenção à parceria entre a escola e a família, pois é a partir dessa relação que os pais e os alunos conseguem desempenhar o seu papel de forma mais segura e motivada, considerando o bom percurso e progresso na vida escolar e familiar. O mesmo autor afirma que existe uma necessidade de construir uma relação entre a escola e a família, de modo a planear, estabelecer compromissos e acordos para que o aluno tenha uma educação com qualidade, tanto em casa como na escola.

Por fim, Aguilar (2012) também menciona que a escola é o local onde os alunos passam a maior parte do seu tempo. Por essa razão, torna-se cada vez mais necessário que a escola conheça a família do aluno e o que se passa em casa, de modo a acompanhar de forma mais eficaz o aluno, tal como é essencial que a família conheça como o filho se está a desempenhar na escola.

3.3. Comunicação entre a escola e a família

Tal como o título indica, neste ponto tencionamos perceber o tipo de comunicação que existe entre a escola e a família, especificamente na Escola Básica do 1º ciclo do distrito de Santarém, onde o estudo foi realizado, procurando perspetivar a sua importância.

Mediante as entrevistas realizadas, depreendemos que, de acordo com o que nos foi dito, esta Escola tem uma boa comunicação com a família, visto que sempre que há situações de interesse e sempre que necessário a escola entra em contacto com as famílias.

Também foi referido que, quando algo não está bem em casa, os pais procuram dar o *feedback* aos professores. A entrevistada 4 refere que dá o seu contacto aos pais, e que para além do contacto formal, também procura o contacto informal com os pais dos alunos: quando os vê conversa com eles sobre alguma brincadeira que surgiu na sala ou alguma situação engraçada “...há muito esta ligação... que eu acho que é muito importante” (Entrevistada 4).

Estas informações vão ao encontro do que foi dito por Jesus (2012) ao referir que para que haja uma boa relação entre a escola e a família, é fundamental que ambas se respeitem e comuniquem de forma a haver uniformidade, para que a criança se sinta segura e se desenvolva como pessoa e cidadã.

Foi também mencionado que, antes do Covid-19, os comunicados eram feitos mais através do papel. Atualmente com a pandemia houve uma alteração e a escola procura estar em contacto mais através do *e-mail*, via telemóvel e reuniões *online*, como faz referência a entrevista 4 “isto com o covid tornou-se tudo muito mais complicado, mas fazemos reuniões online” e “Isto agora está um bocadinho diferente pelo facto de estarmos em pandemia... não há tanto aquela situação dos pais poderem vir à escola” (Entrevistada 5). Sobre este assunto, a entrevistada 3 menciona que sente que as pessoas estão presentes, mas não estão visíveis. Nota-se que a comunicação entre a escola e a família foi afetada devido à pandemia Covid-19.

Já no que diz respeito aos inquiridos por questionário, foi possível notar que na opinião dos encarregados de educação inquiridos, quando se perguntou como consideravam ser o tipo de comunicação entre a escola e a família, ao analisarmos as respostas constatamos que a maioria considera que a relação é boa, com comunicação ativa, eficiente e de proximidade. Um dos encarregados de educação respondeu que considera a escola a extensão da família. Por outro lado, quatro encarregados de educação consideram que a comunicação é média uma vez que sentem que devia de haver mais reuniões com a professora titular, gostariam de receber mais informações e que poderia ser mais frequente e esclarecedora. Também se verificou que dois dos encarregados de educação não responderam a esta pergunta.

No inquérito por questionário, também se perguntou “Como é a sua relação com a professora titular?” as respostas foram todas positivas. Obtivemos respostas como muito

boa, de respeito, cordial, admiração, sempre disponível, de confiança e partilha, muito profissional, competente, disciplinada.

Sobre esta questão, na perspectiva de Leite (2015), a parceria entre a escola e a família deveria de partir dos professores, provendo práticas de aproximação dos pais à escola, sensibilizando para a importância do seu envolvimento na vida escolar do seu educando e para a sua missão de educador da formação básica da criança no meio social.

Ainda nos inquéritos por questionário, colocou-se a questão sobre se os encarregados de educação procuram informar a professora titular sobre as mudanças na vida do(a) aluno(a), como por exemplo mudança de escola, separação dos pais, entre outros assuntos. Apurou-se que 32 dos encarregados de educação responderam que sim e apenas 1 dos encarregados de educação respondeu que não. Alguns dos encarregados de educação que responderam que sim e ainda acrescentaram que:

- Consideram necessário informar a professora sobre a alteração de alguma situação em casa, dos estados emocionais ou humor da criança;
- A professora acolhe sempre de forma positiva e empática as preocupações;
- É necessário a professora titular estar ao corrente de tudo;
- Estão sempre em contato e a professora tem sido um apoio fundamental;
- A professora está sempre atenta ao bem-estar das crianças e disponível para ajudar.

Estes dados vão ao encontro do que foi dito por Leite (2015) que refere é fundamental que a escola conheça os alunos e as famílias com as quais lida, principalmente, que conheça as características e particularidades que marcam a trajetória de cada família e criança, para que dessa forma, a escola avalie e construa propostas educacionais compatíveis com a realidade das pessoas com quem está a lidar.

Relativamente às reuniões de pais, através das entrevistas foi possível perceber que, habitualmente, as reuniões são feitas trimestralmente. Antes da pandemia todas as reuniões eram feitas presencialmente, havia ainda reuniões a meio dos trimestres, reuniões com os representantes de turma e também quando os pais sentiam a necessidades de reunir com os professores.

Atualmente, com a situação da pandemia, as reuniões são feitas *online*, através de videoconferência e sempre que necessário, a escola reúne com os pais. No entanto, as

entrevistadas sentem falta das reuniões presenciais “*o contato dos pais com a escola é muito importante e sinto muita a falta disso e os miúdos também*” (Entrevistada 4)

As entrevistadas consideram que as reuniões são muito importantes por várias razões. As reuniões são uma forma de esclarecer para todos os pais ao mesmo tempo, as suas preocupações, inquietações e dúvidas; também são um espaço de partilha de ideias, servem para os professores transmitirem algumas estratégias que podem ser positivas e boas e também para partilhar tudo o que é importante para com a turma; abordam o perfil da turma, os pontos a melhorar e as tarefas e conteúdos escolares a trabalhar. Um dos obstáculos referido foi o horário de trabalho dos pais, pois por vezes acaba por ser um ponto de impedimento para sua a presença tanto nas reuniões de pais como nas atividades que a escola proporciona.

Os dados recolhidos vão ao encontro do que é dito por Leite (2015) que considera que a escola também tem como funções apresentar e discutir os programas existentes na escola e destacar os progressos das crianças, em diferentes níveis aos seus pais ou responsáveis e também esclarecer as normas adotadas, os métodos de ensino e de avaliação e a abertura de espaços para permitir a participação ativa dos pais. Também é referido por Sousa e Sarmento (2010) que compete à escola, enquanto sistema que aceita os novos desafios e mudanças, incentivar e promover esse envolvimento, estabelecendo diversas formas de comunicação e colaboração, onde se desenvolva uma confiança mútua e estratégias adequadas e significativas para envolver as famílias na escola, no sentido de estabelecer relações positivas entre estas duas instituições às quais compete a partilha de responsabilidades na educação e formação das crianças.

No inquérito por questionário realizado aos encarregados de educação da escola Rumo ao Futuro, na pergunta “Com que frequência a escola ou professora titular entra em contacto consigo?” analisou-se que a maioria dos encarregados de educação, 18 (54,5%), responderam frequentemente, 6 encarregados de educação (18,2%) disseram raramente, 5 (15,2%) selecionaram apenas nas reuniões de pais e 4 (12,1%) meteram outra(s) situação(ões), como podemos verificar no gráfico seguinte. As outras situações indicadas foram:

- Nas reuniões de pais e sempre que é seja necessário;
- Sempre que necessário sem que algo corra mal;

- Considerei frequentemente uma vez que tive em conta as vezes em que falo com a Professora à porta da escola e os e-mails enviados;
- Sempre que é necessário;
- Pontualmente.

8. Com que frequência a escola ou professora titular entra em contacto consigo?

33 respostas

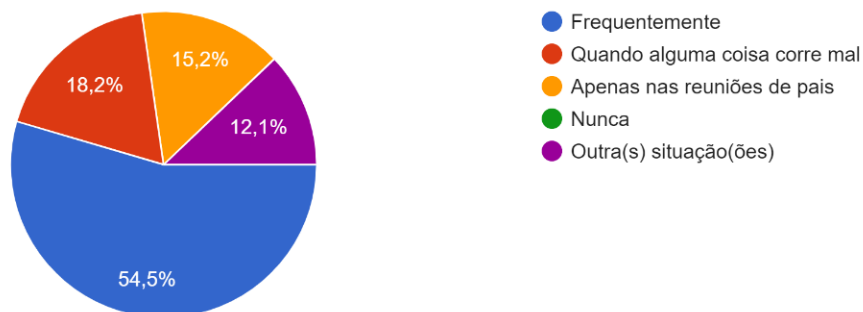


GRÁFICO 7 - FREQUÊNCIA COM QUE A ESCOLA OU PROFESSORA ENTRA EM CONTACTO COM OS PAIS

Perguntou-se também aos encarregados de educação com que frequência falavam com a professora titular ou com a escola, sendo que, a maioria, 22 pessoas (66,7%), responderam frequentemente, 4 encarregados de educação (12,1%) disseram apenas nas reuniões de pais e 7 pessoas (21,2%) seleccionaram outra(s) situação(ões). As outras situações apontadas foram sempre que necessário, sempre que verifique alguma alteração ao normal comportamento/aproveitamento do seu filho e pontualmente.

9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?

33 respostas

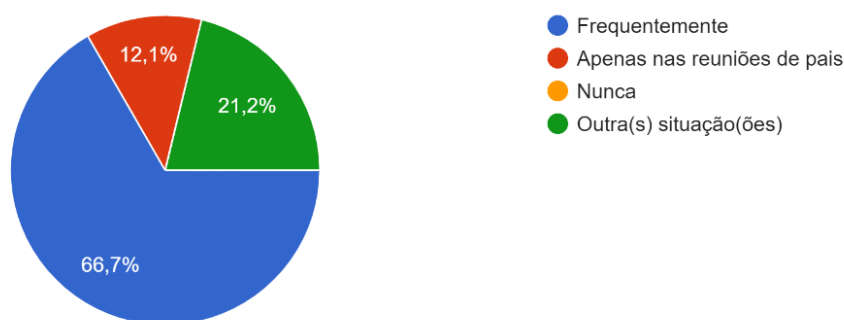


GRÁFICO 8 - FREQUÊNCIA COM QUE OS PAIS ENTRAM EM CONTACTO COM A ESCOLA OU COM A PROFESSORA

Para aprofundar mais o estudo, procurámos verificar se havia relação entre a frequência com que os pais contactam a professora titular de turma ou a escola e a relação dos pais, mas não encontramos dependência estatística ($\chi^2=6,341=6,680$, $p>0,05$, $V=0,318$).¹⁸

Procurámos, também, apurar se haveria relação entre a frequência com que os pais entram em contacto com a professora titular de turma ou com a escola e a formação dos pais e das mães ($T=0,086$, $p>0,05$ e $T=0,111$, $p>0,05$, respetivamente), mas também não encontramos relação estatística.¹⁹

No que diz respeito à pergunta se os encarregados de educação procuram estar atualizados sobre as informações da escola, todos (100%), responderam que sim.

Neste sentido, seguindo a perspetiva de Sousa e Sarmento (2010), cabe aos pais estarem atentos e envolverem-se de forma positiva na vida escolar dos seus educandos.

Ao longo das entrevistas realizadas às professoras titulares de turma, foi possível apreender que uma outra forma de comunicação entre a escola e a família é através dos representantes de turma, “...cada turma tem um representante ou dois. Este ano até temos dois. Como fizemos reunião de pais no início do ano com a turma dividida, temos dois

¹⁸ A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo O.

¹⁹ A tabela referente à relação destas variáveis encontra-se no anexo P.

representantes de turma, por cada turma e a função deles é basicamente fazer chegar à escola as preocupações... dar ideias” (Entrevistada 2).

Na amostra de encarregados de educação que responderam ao inquérito por questionário, procurámos investigar se os respondentes faziam parte dos representantes dos pais naquela escola e observámos que apenas 2 (6,1%) disseram que sim e os restantes 31 (93,9%) afirmaram que não, como podemos verificar no seguinte gráfico.

13. Faz parte dos representantes de pais?

33 respostas

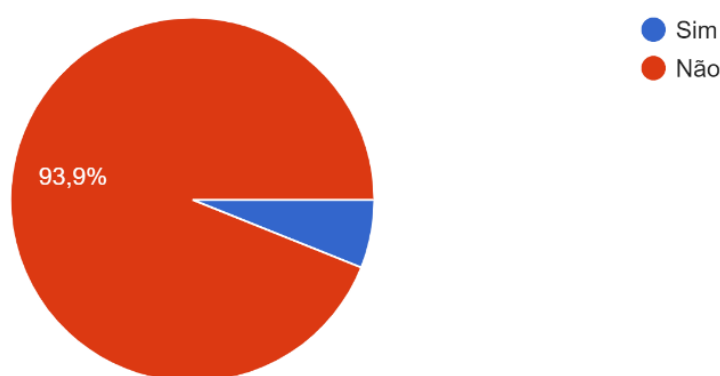


GRÁFICO 9 - REPRESENTANTES DE PAIS

Para os encarregados de educação que responderam que não fazem parte dos representantes dos pais, foi perguntado se procuram saber ou receber informações abordadas nas reuniões dos representantes de pais, tendo-se verificado que 4 (15,2%) responderam que não, e os restantes 27 (84,8%) disseram que sim.

Sobre esta mesma questão, Aguilar (2012) diz-nos que o ideal seria que a escola e a família permanecessem em diálogo constante, para partilhar os sucessos e carências do aluno, permitindo assim, o seu sucesso.

3.4. Atividades na escola em conjunto com a família

Neste ponto ambicionamos conhecer se existem algumas atividades na escola em conjunto com a família e, caso existam, o que se pretende com elas.

Por intermédio das entrevistas aplicadas foi possível observar que a maioria dos entrevistados mencionaram várias atividades que são realizadas na escola em conjunto com a família. No entanto, também foi referenciado que, atualmente com a situação do Covid-19, estas atividades deixaram de ser tão frequentes, principalmente as festas temáticas onde os pais iam à escola, e algumas dessas atividades tiveram de ser alteradas, de maneira a se adaptar às novas circunstâncias, como foi o caso da festa de Natal que, devido ao Covid-19, *“Este ano, foi feita um bocadinho diferente, fizemos online a transmissão e todos os pais, só mesmo aqueles que não conseguiam estar naquela hora, mas depois tiveram todos o interesse de ir ver a gravação e do que foi feito...”* (Entrevistada 5).

Já no caso dos dados recolhidos através dos inquéritos por questionário, ao perguntar aos encarregados de educação se existem atividades na escola que sejam realizadas em conjunto com a família, constatou-se que 17 pessoas (51,5%) responderam que sim e 16 pessoas (48,5%) responderam que não, como podemos ver no seguinte gráfico.

15. Existe alguma atividade na escola que seja realizada em conjunto com a família?
33 respostas

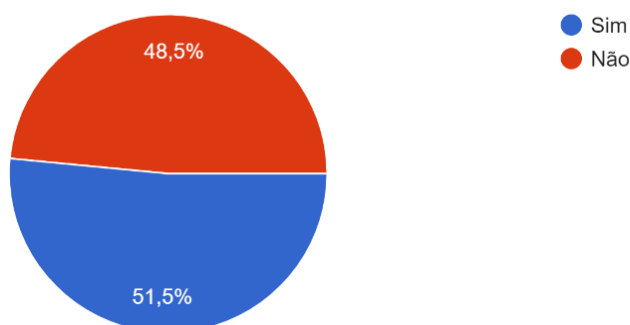


GRÁFICO 10 - ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA EM CONJUNTO COM A FAMÍLIA

Ao questionarmos quais as atividades da escola realizadas em conjunto com a família as respostas foram as seguintes: alguns trabalhos manuais para datas festivas; Dia da Família; Lanche de convívio; Caminhadas; Festas de Natal; Festa de Final de Ano; Magusto; Aula aberta; almoço dos pais na escola com as crianças; estudar para os testes; ajudar nos trabalhos de casa; projetos; pesquisas via web e atividades realizados em conjunto, sim, organizados em conjunto com a escola, não.

Ainda sobre esta pergunta, um dos encarregados de educação confessa que “*Sinto falta de atividades em que os pais não sejam vistos como meros espetadores/participantes nas atividades escolares e que possam de facto contribuir para a vida escolar dos filhos*”, isto significa que esta encarregada de educação sente que os pais não são incluídos em todo o processo da realização das atividades, mas apenas participam/assistem ao resultado final. Outros encarregados de educação dizem que existem várias atividades na escola em conjunto com a família, no entanto, até à data da investigação, e devido à pandemia Covid-19, pensam estarem canceladas e não existir atividades em curso.

Neste seguimento, a entrevistada 4 refere que “*... uma vez por mês, no nosso plano de atividades, temos sempre um momento de ligação entre família e escola... procuramos sempre de alguma maneira que os pais venham aqui à escola*” (Entrevistada 4).

Podemos verificar que os dados do estudo correspondem à ideia de Picanço (2012), uma vez que este refere que não existe uma única forma correta de envolver os pais e que dessa forma, as escolas devem procurar oferecer variadas oportunidades para que exista essa relação, entre escola e família, de modo a adaptar-se às características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogénea.

Foi possível verificar que as entrevistadas reconhecem que sempre que os pais são solicitados, eles procuram estar presentes e que, de maneira geral, participam e são colaborativos nas atividades: “*são bastante empenhados e costumam sempre participar naquilo que é pedido*” (Entrevistada 5). No decorrer das entrevistas, também foram dados exemplos de algumas atividades, que eram realizadas antes do Covid-19, em que os pais colaboravam, como por exemplo, na festa do pijama, que faziam na altura do Carnaval, em que faziam sempre atividades com os pais e também no magusto, em que os pais se disponibilizam sempre para assar as castanhas.

No que diz respeito aos inquiridos por questionário aos encarregados de educação da escola Rumo ao Futuro, na pergunta “sempre que há atividades na escola em conjunto com os pais procura estar presente?” todos os encarregados de educação (100%) responderam que sim.

Os dados do estudo incidem um pouco na teoria de Aguilar (2012) que defende que neste sentido, as famílias podem tomar iniciativas de participar mais na escola, propondo atividades criando assim um clima de cooperação. Quando os pais participam na vida escolar dos seus filhos, estes acabam por ficar mais motivados e ocorre a diminuição do insucesso escolar. No entanto, este comportamento é observado nas classes médias, o que não se verifica nas classes baixas.

Através da entrevista-conversa com alguns alunos da escola Rumo ao Futuro, percebeu-se que também as crianças sentem que o Covid-19 afetou as atividades na escola em conjunto com a família, como é referido pela entrevistada 12 “*Com o covid não dá, mas antes havia no Natal e no fim do ano.*” (Entrevistada 12), mas que apesar disso e das mudanças, as crianças sentem que os pais procuram estar presentes nas atividades da escola em conjunto com a família “*costumam de assistir sempre...*” (Entrevistado 10).

Posto isto, fazendo novamente referência a Picanço (2012), os dados obtidos no estudo vão ao encontro do que a autora defende, pois ela diz-nos que é importante que a família e a escola se unam com vista a conseguirem ajudar os alunos, de maneira que os consigam tornar cidadãos ativos e capazes de agir na sociedade dos nossos dias.

3.5. Atuação da educadora social na escola

Neste subcapítulo tencionamos, sobretudo, identificar o dia-a-dia de intervenção do educador social dentro da escola.

A entrevista realizada à Educadora Social permitiu constatar que a sua rotina e o seu dia-a-dia na Escola do 1º ciclo, se alterou um pouco por causa da pandemia Covid-19. Os seus horários ficaram diferentes uma vez que o 1º e o 2º ano têm um horário, o 3º e o 4º têm outro e, por consequência, há muitos recreios. Por norma, o seu dia passa por dar apoio educacional a crianças com dificuldades de aprendizagem, ir à escola do 2º ciclo, levar e buscar as crianças do 5º e 6º ano que frequentaram esta escola, no âmbito

da valência Futuro 2, e por vezes fica com estas crianças no estudo acompanhado e no apoio ao estudo e por fim, gere também o ATL.

Através de conversas informais, foi também possível constatar que antes da pandemia Covid-19, a Educadora Social desenhava e realizava projetos de vários temas, de acordo com as necessidades e potencialidades do grupo. Um dos exemplos foi um projeto realizado no âmbito da dinamização de atividades no recreio. Para além destes, a Educadora Social desenvolve anualmente no ATL, um projeto relacionado com o tema anual da escola, ou seja, participa na elaboração do projeto educativo do estabelecimento de ensino.

Neste sentido, os dados vão ao encontro do que diz Baptista (2000) que indica que os educadores sociais, em estreita colaboração com outros profissionais, podem dinamizar projetos educativos extraescolares, promover a mediação entre a escola e as famílias, dinamizar atividades de tempos livres. Complementarmente, Taborda e Dias (2015), mencionando Lopes, descrevem que o papel do Educador Social nas escolas é bastante importante para proporcionar os apoios a diversos níveis que os alunos recebem, salientando que esse trabalho será mais eficiente se for feito em articulação com os diferentes profissionais envolvidos no contexto educativo. Quanto maior for essa articulação melhores serão os resultados obtidos.

A entrevistada 1 refere que “... fui tirar uma disciplina da psicomotricidade, porque tínhamos aqui uma criança que trabalhámos muito com ela a esse nível e eu para entender um bocadinho melhor a problemática dele e para o ajudar, fui tirar essa disciplina.”. Ao partilhar esta informação demonstra que a mesma se interessa por estar em constante aprendizagem, procura estar atualizada sobre as problemáticas, neste caso em concreto, das crianças com quem trabalha de forma a alcançar os melhores resultados e demonstra, também, afetividade, disponibilidade e espírito de iniciativa.

Neste ponto de vista, os dados vão ao encontro da conceção de Guzmán (2008) que nos diz que é importante que o educador social esteja preparado tecnicamente e conheça com precisão os passos a seguir, assim como deve saber articular o processo técnico da mediação e o conhecimento do contexto. Na mesma linha de pensamento, Mateus (2012) refere que este profissional deve permanecer em formação constante, sendo também promotor da sua autoformação e atualização científica e metodológica, uma vez que é um agente ativo na investigação socioeducativa. Acrescentando também

os contributos de Mateus (2012) que afirma que o educador social deve utilizar de forma integrada os saberes transversais e multidisciplinares adequados às necessidades do seu público-alvo, demonstrando capacidade de integração numa dinâmica de trabalho social em rede. Por este motivo, a formação continua é fundamental para acompanhar a evolução da sociedade.

Sobre a relação com os pais, a entrevistada 1 menciona que tem à vontade para falar com quase todos os pais das crianças, dizendo que “...quando há alguma coisa para dizer a nível do meu trabalho e com eles, eu falo com os pais e eles aceitam bem.” (Entrevistada 1).

Os dados do estudo coincidem com a ideia de Mateus (2012) que refere que o educador social cria pontes entre o indivíduo, a família, as instituições e a sociedade geral, executando o papel de interlocutor privilegiado, indicando caminhos para a solução de problemas vivenciados e sentidos nos contextos nos quais intervém. Em concordância Mendes (2012) refere que o educador social pode ter um papel muito importante na relação entre a escola e a família, trabalhando em colaboração com os alunos, pais e professores. Assim sendo, o educador social pode desempenhar uma prática mediadora, favorecendo o que acontece dentro e fora da escola.

Com a entrevista à Educadora Social, também foi possível perceber que, por vezes, ela acaba por sentir que as famílias protegem demasiado as crianças, não deixando que elas resolvam os seus conflitos e aprendam a viver com as suas frustrações, dizendo que “acho que às vezes não deixam os miúdos resolverem as coisas por eles” (Entrevistada 1).

Em todo o caso, ainda assim a educadora social confessa que, por vezes, sente que a sua profissão é pouco reconhecida na sociedade e por essa razão sente-se um pouco desvalorizada, como nos diz “Nem todos sabem que eu sou Educadora Social, nem todos sabem o que é que é isso, para eles eu sou mais uma auxiliar que aqui está e... eu sinto às vezes um bocadinho, uma certa desvalorização... digamos assim.” (Entrevistada 1).

Esta informação está relacionada com o que é dito pela Associação dos Profissionais Técnicos Superiores da Educação Social (2015), referindo que o reconhecimento do educador social depende da sua pertinência profissional, bem como da sua postura ética enquanto profissional e do conceito de uma carreira profissional

enquadrada a nível internacional. Conjuntamente defendem que ser Educador Social é também questionar as suas práticas e refletir sobre o seu próprio papel interventivo.

Por outro lado, Azevedo (2011) afirma que ainda não se conseguiu adquirir o reconhecimento pleno do seu espaço de intervenção junto de outros intervenientes, o que leva a que muitos profissionais se sintam desmotivados no desempenho da sua prática profissional.

3.6. Metodologias e estratégias da educadora social na escola selecionada

Por fim, mas não menos importante, pretendemos conhecer as metodologias e estratégias utilizadas pela educadora social na escola selecionada, desde logo no que respeita à interação escola família, procurando perceber o sentido dessa atuação.

Com as entrevistas realizadas foi possível perceber que a entrevistada 1 salienta que, por vezes, no seu dia-a-dia, tenta resolver as situações no momento e por essa razão, muitas vezes as decisões são tomadas sem pensar nas metodologias e nas estratégias. No entanto, a entrevistada 1 considera ter um papel ativo tanto a nível das crianças como a nível das famílias.

Neste ponto, fazemos referência a Romans Petrus & Trilla (2000) que nos indicam que o educador social deve de ter bem presente na sua intervenção, o dinamismo da realidade social, com a finalidade de se adaptar a ela continuamente.

Ao longo do seu discurso, a entrevistada 1 refere que a sua metodologia e a sua atuação passam por falar, chegar mais perto dos pais, escutar, estar disponível para as crianças e para a família, chamar à atenção das crianças quando necessário, pôr-se no lugar do outro, tanto das crianças como dos pais, ser compreensível, estar presente, tentar sempre ajudar e acima de tudo ser empático.

Os dados do estudo vão assim ao encontro de Taborda e Dias (2015) quando nos dizem que o Educador Social é um técnico da relação, multifacetado, que pretende melhorar os relacionamentos dos sujeitos, ajudando-os nos seus projetos de vida, promovendo as suas competências pessoais e sociais, facilitando a sua inclusão social, mediando situações de conflito consigo e com os outros e trabalhando na prevenção contra fenómenos como a exclusão social. Por essa razão, este profissional deve saber

observar o outro como alguém que é importante, saber ver o outro sem preconceitos, estando o educador social atento e disponível para ele. Podemos aqui acrescentar, ainda, a perspectiva de Gohn (2009) ao dizer que o educador social utilizando o diálogo como meio de comunicação para a formação, por sua vez, ele aprende e ensina mutuamente e apresenta uma sensibilidade para compreender a cultura do “outro”.

Importa também referir, no entendimento de Mateus (2012), que o trabalho do educador social é orientado por critérios de competência profissional, baseada em metodologias e técnicas orientadas para uma prática social de intervenção.

Relativamente à relação entre a escola e a família, a entrevistada 1 confessa que considera que muitas vezes acaba por ser uma confidente na hora de entregar as crianças aos pais porque, como os pais têm uma abertura para falar com ela, acaba por ouvir muitas partilhas por parte dos educandos.

Portanto, a relação que tem com os pais é de bastante proximidade, como se observa na seguinte citação *“Disponibilizar-me para tudo, praticamente todos os pais têm o meu número de telemóvel, para mandarem mensagem... para falarem com os filhos. Na altura em que havia... exames, eu era capaz de mandar mensagem aos pais todos a dizer que o exame dos miúdos tinha corrido bem, mando fotos dos recreios, eles a fazerem isto ou aquilo... gosto de estar perto das famílias, gosto de falar, gosto de comunicar e gosto do que faço...”* (Entrevistada 1).

Neste sentido, os dados do estudo coincidem com as ideias de Guzmán (2008), uma vez que nos diz que, na atualidade, a presença de um educador social como mediador faz cada vez mais falta no contexto escolar. A visão global e integradora deste profissional, permite a procura de soluções viáveis e eficientes, a partir da análise de necessidades e interesses dos membros da comunidade educativa, em concordância com Silva (2011) que afirma que os contextos educativos são contextos privilegiados para desenvolver e trabalhar a integração e o desenvolvimento pessoal e social.

Em conformidade, também Mendes (2012) entende que, no âmbito das suas competências, o educador social pode fazer a diferença, pois este profissional pode trabalhar tanto com os alunos como com as suas famílias, fazendo a ponte, permitindo melhorar o conhecimento da realidade social dos alunos e promovendo a participação ativa dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos filhos.

4. Conclusão

Começamos por relembrar os objetivos delineados para a dissertação. Definimos como objetivos gerais os seguintes: perceber os padrões de ligação existentes entre a escola e a família e o seu impacto na trajetória estudantil dos alunos; entender de que forma as famílias podem cooperar para uma relação mais efetiva e permanente com a escola e compreender a atuação do Educador Social em relação à mediação entre a escola e a família. Recordamos que a Escola Básica do 1º ciclo do distrito de Santarém é uma escola relativamente pequena o que torna o estudo de pequena dimensão, no entanto tentámos reter o máximo de informação possível.

Para os objetivos específicos balizámos os seguintes: perceber como é que os pais acompanham o progresso dos filhos na escola; entender a perspetiva dos professores a respeito da relação entre a escola e a família, bem como a relação família e aluno em termos do processo ensino-aprendizagem das crianças; saber o tipo de comunicação que existe entre a escola e a família; conhecer se existem algumas atividades na escola em conjunto com a família e, caso existam, o que se pretende com elas; identificar o dia-a-dia de atuação do educador social dentro da escola e conhecer as metodologias e estratégias utilizadas pelo educador na escola selecionada, desde logo no que respeita à interação escola família, procurando perceber o sentido dessa atuação.

Em suma, de acordo com os resultados obtidos no estudo, iremos verificar se os objetivos propostos foram ou não atingidos, pois, de acordo com Guerra (2010) os objetivos são critérios de sucesso da intervenção e por essa razão, pretende-se medir a forma e a intensidade com que os objetivos foram atingidos. Para tal, iremos analisar os seis objetivos específicos que apresentámos.

No primeiro objetivo específico, pretendíamos perceber como é que os pais acompanham o progresso dos seus filhos na escola. Através do estudo realizado foi possível depreender que os pais consideram que acompanham os seus filhos na escola, a maioria afirma que ajuda os filhos nas tarefas escolares e a estudar para os testes. Os pais têm em consideração que valorizam e elogiam as aprendizagens dos seus educandos e, por sua vez, as crianças sentem o apoio dos pais a nível escolar. Estes dados enquadram-se no âmbito do que foi mencionado por Oliveira e Marinho (2010) ao dizer que a família é considerada o primeiro âmbito educacional do ser humano e também é a principal responsável pela forma como o sujeito se relaciona com o mundo, com base na sua

localização na estrutura social. Desta forma, podemos dizer que sendo a família o primeiro agente socializador e o primeiro contexto educacional da criança, torna-se fundamental que esta sinta o acompanhamento e apoio dos pais nos outros contextos educacionais, para se sentir mais confiante e segura nos seus primeiros anos de vida.

Posto isto, podemos confirmar que este objetivo foi respondido de forma plena, pois, através do estudo conseguimos compreender claramente como é que os pais da escola selecionada acompanham os seus filhos na escola.

Para o segundo objetivo, pretendia-se entender a perspetiva dos professores no que diz respeito à relação entre a escola e a família e à relação entre a família e o aluno em termos do processo ensino-aprendizagem das crianças. Ao realizarmos o estudo, para além da perspetiva dos professores também foi possível investigar o ponto de vista dos pais relativo a esse mesmo assunto. Por meio dos dados obtidos, verificámos que esta escola surgiu de um projeto que pretendia precisamente estabelecer a relação entre a escola e a família. Por conseguinte, nesta escola em específico, as professoras consideram que esta relação e cooperação entre a escola e a família é muito vantajosa e que facilita o trabalho de todos e, para além disso, com a participação das famílias na escola as crianças sentem-se mais motivadas e felizes. De uma maneira geral, os pais são interessados e empenhados. No entanto, há pais que participam mais na vida escolar dos seus educandos do que outros. É ainda possível confirmar que a colaboração e acompanhamento dos pais no confinamento, devido à pandemia Covid-19, foi essencial e imprescindível. Considera-se haver mais vantagens do que desvantagens na relação entre a escola e a família e as famílias também acreditam que esta relação é muito importante.

Nesta lógica de ideias, Oliveira e Marinho (2010) refletem que a escola e a família têm objetivos diferentes, no entanto completam-se entre si, na medida em que ambos têm a tarefa de preparar as crianças e jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade, o que torna ainda mais importante a existência da relação entre a escola e a família. Aguiar (2012) afirma que atualmente reconhece-se que uma maior proximidade e cooperação entre as famílias e as escolas conduz a um melhor desempenho escolar dos alunos, o que faz todo o sentido, uma vez que esta relação traz benefícios para as crianças, os pais e a escola, pois o sucesso educativo só é atingido com o trabalho de todos.

Desta maneira, este objetivo foi conseguido, de forma geral, pois, através do estudo foi possível dar resposta ao que foi proposto. Todavia, poderia ter sido apurado

mais detalhadamente a questão da relação entre a família e o aluno em termos do processo ensino-aprendizagem das crianças. Na medida em que percebemos que com o acompanhamento dos pais na escola as crianças sentem-se mais motivadas e entendemos, no objetivo anterior, como é que os pais acompanham os filhos na escola, no entanto, podíamos ter pormenorizado de forma mais específica, a questão de como é que consideram ser a relação entre a família e o aluno e quais as dificuldades encontradas no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem das crianças. Para futuros estudos, estes podem ser tópicos a abordar e estudar mais minuciosamente.

Com o terceiro objetivo, tencionávamos saber o tipo de comunicação que existe entre a escola e a família. Ao analisarmos o estudo realizado entendemos que, na escola selecionada, a comunicação existente entre a escola e a família é avaliada como sendo boa e de proximidade, quando há situações de interesse a escola entra em contacto com as famílias e, de maneira geral, os pais procuram dar *feedback* às professoras quando algo não está bem com as crianças. Portanto, a maioria dos pais sente que tem uma boa comunicação e ligação com a escola e as professoras consideram que estão sempre disponíveis para os pais.

As reuniões de pais foram consideradas bastante importantes, na medida em que há partilha de ideias, preocupações e dúvidas entre todos os pais e as professoras procuram transmitir algumas estratégias para melhorar o acompanhamento dos pais no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Um dos obstáculos mencionados, foi o horário de trabalho dos pais que por vezes prejudica a presença nas reuniões ou nas atividades proporcionadas pela escola. Os pais consideram que procuram estar atualizados sobre as informações da escola.

Nesta sequência, Aguilar (2012) menciona que a escola é o local onde os alunos passam a maior parte do seu tempo. Por essa razão, torna-se cada vez mais necessário que a escola conheça a família do aluno e o que se passa em casa, de modo a acompanhar de forma mais eficaz o aluno, tal como é essencial que a família conheça como o filho se está a desempenhar na escola. Dessa forma, o ideal seria que entre a escola e a família permanecessem diálogos constantes, para partilhar os sucessos e carências do aluno, permitindo assim, o seu sucesso. De acordo com Picanço (2012) existe uma necessidade de construir uma relação entre a escola e a família, de modo a planear, estabelecer compromissos e acordos para que o aluno tenha uma educação com qualidade, tanto em casa como na escola, daí a importância das reuniões de pais.

Com este objetivo, foi possível entender de forma ampla, como é feita a comunicação entre a escola e a família, que de maneira geral os pais e a escola têm abertura para exporem e conversarem sobre os mais variados assuntos, tanto sobre o que acontece dentro da escola como fora dela. Para uma comunicação mais formal, ocorrem as reuniões de pais onde há sempre uma partilha de ideias e esclarecimentos de dúvidas. Deste modo, podemos confirmar que foi um objetivo bem conseguido.

No que diz respeito às atividades realizadas na escola em conjunto com a família, delineámos um objetivo em que pretendíamos conhecer se existiam algumas atividades na escola realizadas em conjunto com a família e saber o que se pretendia com as mesmas. Ao analisarmos esta questão constatámos que, ao longo do ano, há um grande leque de atividades proporcionadas pela escola para as famílias e, ao longo do estudo, foram muitos os exemplos de atividades mencionados tanto pelas professoras, como pelos alunos e os pais. No entanto, atualmente, em consequência da pandemia Covid-19, as atividades deixaram de ser tão frequentes e tiveram de ser adaptadas. Porém, uma significativa percentagem de encarregados de educação manifesta não haver atividades na escola realizadas em conjunto com a família. Houve ainda um encarregado de educação que disse que sente falta de atividades em que os pais não sejam vistos como meros participantes, mas que possam contribuir para a vida escolar dos filhos. Ou seja, de acordo com este encarregado de educação, há um interesse, por parte dos pais, de serem integrados em todas as fases das atividades realizadas na escola. Por outro lado, todos os encarregados de educação aludiram que sempre que há atividades na escola em conjunto com a família, procuram estar presentes.

Neste ponto de vista, Aguilar (2012) defende que neste sentido, as famílias podem tomar iniciativas de participar mais na escola, propondo atividades criando assim um clima de cooperação. Quando os pais participam na vida escolar dos seus filhos, estes acabam por ficar mais motivados e ocorre a diminuição do insucesso escolar. Complementado esta ideia, Picanço (2012) refere que não existe uma única forma correta de envolver os pais e que dessa forma, as escolas devem procurar oferecer oportunidades variadas para que exista essa relação, entre escola e família, de modo que se adapte às características e necessidades de uma comunidade educativa cada vez mais heterogénea. Torna-se então relevante haver iniciativa tanto por parte da escola como por parte dos pais em estabelecer esta parceria entre a escola e a família.

Este tópico foi conseguido de forma plena. Com o estudo deu para entender que existem variadas atividades realizadas na escola que pretendem ter a colaboração e a participação dos pais na escola. Contudo, também foi referido haver apenas atividades em que os pais são meros espetadores e não colaboram na sua planificação. É claramente notável que, com a pandemia Covid-19, as atividades escolares em conjunto com a família foram muito afetadas. Percebe-se que a escola e as professoras, para além de darem valor às aprendizagens académicas, também dão importância a estas atividades e em ter a participação dos pais na mesma e presentes fisicamente na escola.

Para estratégias futuras, seria ideal abordar os pais que consideram não haver atividades realizadas em conjunto com a escola e que sentem que não colaboram na planificação das atividades de forma a melhorar esse aspeto na escola, dar ideias de futuras atividades e participar na gênese de todas as etapas para a realização das mesmas.

No que concerne à atuação da Educadora Social, projetámos como objetivo, identificar o seu dia-a-dia de atuação dentro da escola. Ao analisarmos o estudo constatámos que, em jeito de resumo, o seu dia-a-dia passa por dar apoio educacional às crianças com dificuldades de aprendizagem, apoiar as crianças do 5º e 6º anos no estudo acompanhado e também gere o ATL. A Educadora Social procura estar em constante formação de forma a acompanhar da melhor maneira as crianças com quem desenvolve a sua intervenção, demonstra ser bastante afetiva e disponível. Tem uma boa comunicação com as crianças e com as famílias. Confessa também que a área da educação social ainda é pouco conhecida e desvalorizada socialmente.

Neste sentido, Taborda e Dias (2015) apontam que faz todo o sentido e é uma mais-valia o educador social trabalhar num contexto educativo, na medida em que este profissional pretende dar resposta a necessidades identificadas que ele vai encontrando no terreno, e é exatamente isso que acaba por acontecer no contexto escolar. É também por essa razão que é muito importante o educador social manter-se em permanente formação, procurando cada vez mais conhecimentos.

Foi concebível dar resposta clara a este objetivo, uma vez que através do estudo, foi possível perceber o dia-a-dia da educadora social na escola selecionada. Uma vez que a escola é relativamente pequena, com relativamente poucos alunos, a educadora social acaba por ter uma rotina e por conseguir dar resposta em todos os campos. Se o estudo fosse realizado numa escola com mais alunos, ou num agrupamento de escolas,

acreditamos que, muito provavelmente, a rotina e as suas atuações seriam diferentes e muito variadas.

Como sexto objetivo, tencionávamos conhecer as metodologias e estratégias utilizadas pela educadora na escola selecionada, especificamente no que respeita à interação entre a escola e a família, procurando perceber o sentido dessa atuação. Com o estudo, foi possível apreender, no que diz respeito às metodologias e estratégias da educadora social, que esta profissional tem um papel ativo na escola tanto com as crianças como com as famílias. A sua metodologia consiste no diálogo, escutar ativamente, na aproximação dos pais, estar disponível para as crianças e também para as famílias, pôr-se no lugar do outro, ser compreensível e sobretudo ser empático. Muitas vezes a educadora social acaba por ser uma confidente e uma ponte na relação entre a escola e a família, uma vez que tem uma relação de proximidade com as famílias.

Neste seguimento, Mendes (2012) diz que a educação social também pode ser vista como uma prática mediadora que, por sua vez, pode estabelecer relação entre o que acontece dentro e fora da escola, promovendo assim ferramentas sociais e culturais. Na mesma linha de ideias, Baía (2021) refere que o educador social deve estabelecer uma relação de empatia e proximidade com o seu público-alvo, mas ao mesmo tempo manter sempre um distanciamento adequado. Assim sendo, o educador social pode ser, sem dúvida, um mediador da relação entre a escola e a família.

Este objetivo não foi cumprido plenamente, uma vez que deu para entender que a educadora social tem uma boa relação com os encarregados de educação e muitas vezes acaba por ser a ponte entre os pais e a escola, bem como os pais e os alunos. No entanto, podia-se ter analisado e procurado estudar mais detalhadamente esta relação e o sentido da mesma. Este será, portanto, uma dimensão a explorar melhor futuramente.

Paralelamente, a educadora social foi uma profissional muito importante para a realização deste estudo, na medida em que, nas entrevistas com os estudantes, disponibilizou-se a falar com os pais para a autorização das entrevistas às crianças e respetiva gravação do som, também se dispôs a agrupar as crianças que seriam entrevistadas e a estar sempre disponível na hora combinada para as videochamadas. Em suma, ela foi a ponte entre a entrevistadora e a escola; foi fundamental para o estudo, uma vez que este foi realizado *online*, devido ao covid-19, e a Educadora Social orientou as crianças de modo a puderem participar da melhor maneira no estudo.

Ao longo da elaboração desta dissertação, deparámo-nos com várias dificuldades. Uma delas, logo no início, foi de encontrar autores, relativamente recentes, que tivessem estudado a temática abordada. Encontrar educadores sociais a trabalhar em contexto escolar foi uma tarefa mais complicado do que esperávamos, por essa razão contactámos várias escolas da região e fora da região até conseguirmos estabelecer contacto com a escola onde o estudo incidiu.

Além disso, este estudo foi realizado num momento da pandemia Covid-19, uma condição mundial pela qual estamos a passar, que, por sua vez, condicionou a metodologia do estudo, que teve de ser alterada, uma vez que se tinha pensado numa metodologia mais presencial e acabou por ter de ser *online*. Com isto, o estudo acabou por ser feito à distância, contactando com os entrevistados através do ecrã e não sendo possível realizar a observação participante. O estudo também sofreu alguns atrasos, tendo em conta que, após o agendamento de algumas entrevistas-conversa algumas turmas encontravam-se em isolamento, o que fez com que as entrevistas fossem adiadas.

Consequentemente, esta pandemia também acabou por condicionar a escola e a intervenção da educadora social na relação com as famílias, como pudemos constatar ao longo do estudo. Foi ainda referenciado, como podemos constatar várias vezes ao longo das entrevistas, que devido à pandemia Covid-19, houve alterações na forma como a escola comunica com a família, as reuniões que, atualmente, quando necessárias, são feitas *online*, por videoconferência, as atividades escolares em conjunto com as famílias, deixaram de ser regulares e tiveram de ser adaptadas à nova realidade, por exemplo, a festa de Natal foi feita na escola com as crianças e transmitida *online*, em direto, para todos os pais poderem ver. Também foi referido que as professoras e as crianças sentem falta da presença dos pais na escola.

Sendo a educação social uma área relativamente recente em Portugal, segundo Baía (2021) torna-se crucial haver cada vez mais investigação científica sobre a educação social de forma que possamos afirmar a nossa identidade profissional.

Para além do trabalho prático, é essencial haver educadores sociais a fazer investigação na área da educação social, uma vez que não há intervenção sem investigação. É através da investigação científica que se esclarece e se promove novos conhecimentos e novas investigações, *“quanta mais investigação for realizada e publicada na área da educação social, mais fácil se tornará a afirmação e o*

reconhecimento desta profissão porque maior será a quantidade da intervenção e o conhecimento através dela produzido” (Baía, 2021, p.95).

Ficamos na esperança de que este estudo se torne uma inspiração e no ponto de partida para outros investigadores, nomeadamente educadores sociais, realizarem estudos deste tipo noutras escolas do país, pois só assim contruiremos ferramentas para aumentar o conhecimento nesta área, mais especificamente, na intervenção dos educadores sociais em contexto escolar.

Consideramos pertinente, para futuras investigações, estudos de maior escala, com temas como as funções desempenhadas pelo educador social nas escola e/ou a integração do educador social nas equipas multidisciplinares das escolas e/ou os benefícios do educador social em contexto escolar, comparando a intervenção realizada nas escola que integram educadores sociais nos seus recursos humanos e escolas que não integrem educadores sociais e, também, estudos com mais profissionais da educação social a trabalhar no terreno.

5. Referências

Aguilar, C. P. M. (2012). *Mediação Escolar e Relação Escola-Família*. Tese de Mestrado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social. (2021). *Código Deontológico do/a Técnico/a Superior de Educação Social*. <http://www.aptses.pt/codigo-deontologico/?fbclid=IwAR1EqCehoAJZoNWkhK0w0Tf0GQatjCJoZpJy20uzSy3XRsnjsacq4y1lueA>

Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social. (2021). *Educação Social: Contextos e Funções*. <http://www.aptses.pt/>

Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social. (2020). *Documentos Profissionalizadores*. <http://www.aptses.pt/>

Azevedo, S. (2011). *Técnicos Superiores de Educação Social. Necessidade e pertinência de um estatuto profissional*. Porto: *Fronteira do Caos*.

Azevedo, S., & Correia, F. (2013). A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional. *RES: Revista de Educación Social*, (17), pp. 4-10.

Baía J. T. (2021). *A Educação Social em Portugal*. (1ª ed.). Intervenção.

Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Canastra, F. A. C., & Malheiro, M. (2009). O papel do educador social no quadro das novas mediações socioeducativas. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Caníço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E., & Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família: plano de cuidados*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.

Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação—Guia para Auto-aprendizagem* (2.ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.

Cotanda, R. L., & Aranda, R. D. (2003). *La construcción de procesos formativos en educación no formal* (Vol. 1). Madrid: Narcea Ediciones.

Cruz, O. (2014). *Que parentalidade?. A tutela cível do superior interesse da criança*. Lisboa: Centro de estudos judiciais.

Despacho nº 55/2018 do Ministério da Educação. (2018). Diário da República: I série, nº 129. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>

Dias, P. C. (2017). *Elementos sobre Eficácia Pedagógica do Professor. O caso particular das Ciências*. Berlim: Omniscriptum/Saarbrücken - Novas Edições Acadêmicas.

Dias, P. C., Hormigo, I. R., Marques, R. L., Pereira, A., Correia, C., & Pereira, P. (2017). Análise da Implementação do Ensino Vocacional Básico em Portugal nas Treze Escolas do Projeto-Piloto. *Interacções*, nº46, pp. 15-44. ISSN: 1646-2335.

Gaspar, A. (2002). A educação formal e a educação informal em ciências. *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, pp. 171-183.

Gohn, M. D. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, 14, pp. 27-38.

Gohn, M. D. G. (2009) Educação não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão. *Meta: avaliação*, pp. 28-43.

Gomes, J. V. (1992). Família e socialização. *Psicologia USP*, 3(1-2), pp. 93-105.

Guerra, I. (2010). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Ação*. Cascais: Príncipia.

Guzmán Puya, V. P. (2008). La mediación en los centros educativos: el educador social como mediador. *Revista de pedagogía*, 60(4), pp. 79-87.

Jesus, V. S. (2012). *Relação escola/família: de que modo o educador pode proporcionar atividades que envolvam a família?* Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação.

Leite, F. O. T. (2015). *Família e escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação.

Lidz, T. (1970). *La famille, cadre du développement. l'Enfant et sa famille*. Paris: Masson.

- López, M. N. (2001). Funciones Sociales y Económicas de la Familia. *Revista de educación* nº 325. Educación y familia, (325), 181-1.
- Martins, E. C. (2014). Pedagogia do ‘social’ no encontro de aprendizagens não formais, em contexto comunitário de ‘baixa densidade’. In *XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE)*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Martins, G. D. O., Gomes, C. A. S., Brocardo, J., Pedroso, J. V., Camilo, J. L. A., Silva, L. M. U., ... & Rodrigues, S. M. C. V. (2017). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Mateus, M. D. N. E. (2012). *O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas*. Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação.
- Mendes, A. P. D. C. (2012). *O educador social em contexto escolar: testemunho reflexivo*. Dissertação de Mestrado da Universidade Católica Portuguesa.
- Negrão, M. (2021, junho 8). *Desafios Parentais*. Ordem dos Psicólogos. https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/noticia/3491?fbclid=IwAR13y1KL2hcqVwfa7pjEVLlgvGnTrW4ipdu43GGGDw8tVs-RmFG_5z-Svc4
- Noguero, F. L., & Solís, L. L. (2002). *El educador social como educador no formal y gestor de grupos sociales*. Universidad de Huelva.
- Oliveira, C. B. E. D., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(1), pp. 99-108.
- Pereira, O. (2013). *Representações sociais da escola: discurso de adolescentes com diferentes percursos escolares*. Braga: Universidade do Minho- Instituto de Educação.
- Picanço, A. L. B. (2012). *A Relação entre Escola e Família: as suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado da Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pinto, L. C. (2005). Articulação difícil entre educação formal e não-formal—a resistência da forma escolar moderna. *Cadernos d’Inducar*.

- Pinto, L. M. C. D. S. (2007). *Educação não-formal. Um contributo para a compreensão do conceito e das práticas em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade – ISCTE.
- Pombal, B. M. O., Lopes, C. M. S., & Barreira, N. D. A. V. (2008). A importância da recolha de dados na avaliação de Serviços de Documentação e Informação: a aplicabilidade do SharePoint nos Serviços de Documentação e Informação da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- Romans, M., Petrus, A., & Trilla, J. (2000). *De profesión, educador (a) social* (Vol. 48). Grupo Planeta.
- Rotger, A. P. (1997). Concepto de educación social. *Pedagogía social*, 21.
- Sá, M. T. (2014). Comunicação ao XXIV Colóquio da Sociedade Portuguesa de Psicanálise: Psicanálise e Família num mundo em mudança. Institut Français du Portugal, Lisboa.
- Saramago, S. S. S. (2001). Metodologias de pesquisa empírica com crianças. *Sociologia, problemas e práticas*, (35), pp. 9-29.
- Saramago, S. S. S. (2001). *Metodologias de pesquisa empírica com crianças*. ISCTE.
- Silva, A. M. C. (2011). *Mediação e (m) educação: discursos e práticas*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. *Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)*, p.5.
- Simões, S. C. C. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Tese de Doutoramento em Ciências Biomédicas da Universidade do Porto.
- Sousa, M. M., & Sarmiento, T. (2010). Escola–família-comunidade: uma relação para o sucesso educativo. *Gestão e Desenvolvimento*, 17 (18), pp. 141-156.
- Taborda, M., & Dias, P. C. (2015). A práxis do Técnico Superior de Educação Social em escolas TEIP. *Revista UIIPS*, pp. 390-417.

6. Anexos

A. Questionário às famílias dos estudantes

Questionário (Pais)

Olá, chamo-me Jéssica Martins. No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, procuro perceber a Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo de ensino-aprendizagem das crianças, bem como o Papel do Educador Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação.

Este questionário é dirigido aos pais dos estudantes do 1º ciclo da Escola Rumo ao Futuro do Entroncamento. Neste sentido, gostaria de poder contar com a vossa ajuda ao preencherem este questionário. Este questionário é anónimo e as respostas são confidenciais.

A vossa colaboração é essencial para o sucesso deste trabalho. Agradeço desde já a vossa disponibilidade.

Questionário N° _____

Acompanhamento do progresso dos filhos na escola

1. Qual o ano de escolaridade do(a) seu(sua) educando(a)?

- | | | |
|--------|--------------------------|---|
| 1º Ano | <input type="checkbox"/> | 0 |
| 2º Ano | <input type="checkbox"/> | 1 |
| 3º Ano | <input type="checkbox"/> | 2 |
| 4º Ano | <input type="checkbox"/> | 3 |

2. Costumam acompanhar o progresso escolar do/s vosso/s filho/s?

- | | | |
|-----|--------------------------|---|
| Sim | <input type="checkbox"/> | 1 |
| Não | <input type="checkbox"/> | 2 |

2.2. Se sim, de que forma?

3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?

Nunca	<input type="checkbox"/>	0
Raramente	<input type="checkbox"/>	1
Às vezes	<input type="checkbox"/>	2
Sempre	<input type="checkbox"/>	3

4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?

Nunca	<input type="checkbox"/>	0
Raramente	<input type="checkbox"/>	1
Às vezes	<input type="checkbox"/>	2
Sempre	<input type="checkbox"/>	3

5. Valoriza e elogia as aprendizagens do seu filho?

Nunca	<input type="checkbox"/>	0
Raramente	<input type="checkbox"/>	1
Às vezes	<input type="checkbox"/>	2
Sempre	<input type="checkbox"/>	3

Relação entre a família e a escola

6. Considera importante a relação entre família-escola? Se sim, porquê? _____

7. Como considera ser o tipo de comunicação existente entre a família e a escola? _____

8. Com que frequência a escola ou professor titular entra em contacto consigo?

Frequentemente	<input type="checkbox"/>	1
Quando alguma coisa corre mal	<input type="checkbox"/>	2
Apenas nas reuniões de pais	<input type="checkbox"/>	3
Nunca	<input type="checkbox"/>	4
Outra(s) situação(ões).	<input type="checkbox"/>	5

8.1. Se a resposta anterior foi "Outra(s) situação(ões)", indique qual(ais).

9. Com que frequência fala com o/a professor/a titular ou com a escola?

Frequentemente	<input type="checkbox"/>	1
Quando alguma coisa corre mal	<input type="checkbox"/>	2
Apenas nas reuniões de pais	<input type="checkbox"/>	3
Nunca	<input type="checkbox"/>	4
Outra(s) situação(ões).	<input type="checkbox"/>	5

9.1. Se a resposta anterior foi "Outra(s) situação(ões)", indique qual(ais).

10. Como é a sua relação com o professor/a titular? _____

11. Procura informar o/a professor/a titular ou a escola sobre as mudanças existentes na vida do aluno? (ex: mudar de escola, separação dos pais, etc) _____

12. Procura estar atualizado/a sobre as informações da escola?

Sim	<input type="checkbox"/>	1
Não	<input type="checkbox"/>	2

13. Faz parte dos representantes de pais?

Sim	<input type="checkbox"/>	1
Não	<input type="checkbox"/>	2

(Se SIM segue na 15; se NÃO segue na 14)

14. Se não faz parte, procura saber ou receber informações abordadas nas reuniões dos representantes de pais?

Sim	<input type="checkbox"/>	1
Não	<input type="checkbox"/>	2

Atividades escolares em conjunto com a família

15. Existe alguma atividade na escola que seja realizada em conjunto com a família?

Sim 1
Não 2

15.1. Se sim, qual ou quais? _____

16. Sempre que há atividades na escola em conjunto com os pais procura estar presente?

Sim 1
Não 2

Caracterização familiar

17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação:

Juntos 1
Casados 2
Separados 3
Divorciados 4
Viúvo/a 5
Outro. 6

17.1. Se a resposta anterior foi "Outro", indique qual.

18. Escolaridade dos pais:

18.1. Qual é a escolaridade do pai?

Não frequentou a escola 0
1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano) 1
2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano) 2
3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano) 3
Ensino Secundário (12º ano) 4
Licenciatura 5
Mestrado 6
Doutoramento e + 7

18.2. Qual é a escolaridade da mãe?

- | | | |
|------------------------------------|--------------------------|---|
| Não frequentou a escola | <input type="checkbox"/> | 0 |
| 1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano) | <input type="checkbox"/> | 1 |
| 2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano) | <input type="checkbox"/> | 2 |
| 3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano) | <input type="checkbox"/> | 3 |
| Ensino Secundário (12º ano) | <input type="checkbox"/> | 4 |
| Licenciatura | <input type="checkbox"/> | 5 |
| Mestrado | <input type="checkbox"/> | 6 |
| Doutoramento e + | <input type="checkbox"/> | 7 |

19. Profissão dos Pais:

19.1. Qual a profissão do pai?

19.2. Qual a profissão da mãe?

20. Irmãos/Irmãs:

20.1. A criança tem irmãos ou irmãs?

- | | | |
|-----------------------------------|--------------------------|---|
| Não | <input type="checkbox"/> | 1 |
| Sim, mais velho(s) | <input type="checkbox"/> | 2 |
| Sim, mais novo(s) | <input type="checkbox"/> | 3 |
| Sim, gémeo(a) | <input type="checkbox"/> | 4 |
| Sim, mais velho(s) e mais novo(s) | <input type="checkbox"/> | 5 |

Caraterização pessoal

21. Idade: _____

22. Sexo

- | | | |
|-----------|--------------------------|---|
| Feminino | <input type="checkbox"/> | 1 |
| Masculino | <input type="checkbox"/> | 2 |
| Outro | <input type="checkbox"/> | 3 |

Muito obrigada pela sua colaboração!

B. Guião de entrevista aos professores titulares de turma

Guião de entrevista semidiretiva aos professores titulares			
Nome do/a entrevistado/a:			
Temática	Objetivos	Questões	Observações
I. Apresentação da mestranda e explicação da razão da realização da entrevista.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a mestranda. • Explicar a razão da realização da entrevista. • Solicitar a gravação da entrevista. 	<p>Bom dia/Boa Tarde,</p> <p>Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Santarém, o meu nome é Jéssica Martins e estou neste momento a realizar a dissertação de mestrado.</p> <p>O tema da dissertação é a Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo ensino-aprendizagem das crianças: o Papel do Educador Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação. Assim sendo, o que se pretende com esta entrevista é perceber os padrões de ligação que existem entre a escola e a família e o seu impacto na trajetória estudantil dos alunos.</p> <p>Em suma, aproveito desde já para agradecer a sua disponibilidade, e solicitar a sua autorização para a gravação da entrevista, que será gravada simplesmente para facilitar o registo e tratamento dos dados. Dessa forma, todas as respostas serão confidenciais.</p> <p>Autoriza, assim, a gravação? Podemos iniciar a nossa entrevista?</p>	
II. Identificação do Entrevistado e identidade profissional.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a informação básica (para além da já conhecida) do entrevistado: 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostaria de começar por perguntar qual o seu sexo e idade? 2. Que funções desempenha na Escola Rumo ao Futuro? 3. Há quanto tempo leciona nesta escola? 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro. 		
III. Relação escola-família.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber a relação existente entre a escola e a família; • Entender de que forma os pais participam na vida escolar dos filhos; • Aprender qual o tipo de atividades em que os pais participam; • Perceber os obstáculos existentes para esta relação. 	<ol style="list-style-type: none"> 4. Qual a sua perspectiva a respeito da relação entre a escola e a família nesta escola? 5. Qual é a sua perspectiva a respeito da relação família e aluno em termos de processo ensino-aprendizagem? Os pais participam com regularidade na vida escolar dos seus educandos? 5.1. Se sim, de que forma? 6. Que vantagens ou desvantagens considera haver na participação dos pais na escola? 7. Em que atividades/situações os pais costumam participar? 8. Que iniciativas são tomadas pela escola de modo a envolver os pais? 8.1. Considera haver algum obstáculo para a participação dos pais nas iniciativas da escola? 9. O que poderia ser feito para aumentar a participação dos pais? 	
IV. Professor/a titular de turma	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o papel do professor/a titular de turma; 	<ol style="list-style-type: none"> 10. Como professor/a titular de turma, considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família? 11. Se sim, de que forma? 12. Considera como sua função, ajudar os alunos a resolver eventuais problemas que ocorram com as suas famílias em casa? 13. Alguma vez deu a conhecer aos pais estratégias para apoiarem os seus filhos em casa? 	

V. Reuniões de pais.	<ul style="list-style-type: none"> Compreender como decorrem as reuniões de pais. 	<p>14. Na sua opinião, as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família?</p> <p>15. A escola divulga os seus projetos aos pais e incentiva-os a participar?</p>	
VI. Informações complementares	<ul style="list-style-type: none"> Recolher informações complementares 	<p>16. Há algum aspeto que não tenha sido abordado nesta entrevista e que deseje acrescentar?</p>	
Terminámos a nossa entrevista. Muito obrigada pela sua disponibilidade! Caso deseje, pode ser-lhe enviado o trabalho, por email, quando estiver terminado!			

C. Guião de entrevista à coordenação da escola

Guião de entrevista semidiretiva à coordenação			
Nome do/a entrevistado/a:			
Temática	Objetivos	Questões	Observações
I. Apresentação da mestranda e explicação da razão da realização da entrevista.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a mestranda. • Explicar a razão da realização da entrevista. • Solicitar a gravação da entrevista. 	<p>Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Santarém, o meu nome é Jéssica Martins e estou neste momento a realizar a dissertação de mestrado.</p> <p>O tema da dissertação é a Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo ensino-aprendizagem das crianças: o Papel do Educador Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação. Assim sendo, o que se pretende com esta entrevista é perceber o acompanhamento que é feito por parte da escola sobre a relação entre a escola e a família.</p> <p>Em suma, aproveito desde já para agradecer a sua disponibilidade, e solicitar a sua autorização para a gravação da entrevista, que será gravada simplesmente para facilitar o registo e tratamento dos dados. Dessa forma, todas as respostas serão confidenciais.</p> <p>Autoriza, assim, a gravação? Podemos iniciar a nossa entrevista?</p>	
II. Identificação do Entrevistado e identidade profissional.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a informação básica (para além da já conhecida) do entrevistado: 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Gostaria de começar por perguntar qual o seu sexo e a sua idade? 2. Que funções desempenhou e desempenha atualmente na Escola Rumo ao Futuro? 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro 		
III. Relação escola-família.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber a relação existente entre a escola e a família; • Entender de que forma os pais participam na vida escolar dos filhos; • Apreender qual o tipo de atividades em que os pais participam; • Perceber os obstáculos existentes para esta relação. 	<ol style="list-style-type: none"> 3. Nesta escola qual a sua perspectiva a respeito da relação entre a escola e a família? 4. Qual é a sua perspectiva a respeito da relação família e aluno em termos de processo ensino-aprendizagem? 5. Que vantagens ou desvantagens considera haver na participação dos pais na escola? 6. Em que atividades/situações os pais costumam participar? 7. Que iniciativas são tomadas pela escola de modo a envolver os pais? 6.1. Considera haver algum obstáculo para a participação dos pais nas iniciativas da escola? 8. O que poderia ser feito para aumentar a participação dos pais? 	
IV. Reuniões de pais.	<ul style="list-style-type: none"> • Entender o tipo de comunicação existente entre a escola e a família. • Compreender como decorrem as reuniões de pais. 	<ol style="list-style-type: none"> 9. Que tipo de comunicação existe entre a escola e a família? 10. A escola procura fazer reuniões com os pais? Com que frequência? 11. Na sua opinião, as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família? 12. Considera que essas reuniões poderiam ser feitas juntamente com os pais e também com os alunos? Porquê? 13. A escola divulga os seus projetos aos pais e incentiva-os a participar? 14. Existe alguma/s atividade/s na escola em conjunto com as famílias, para além das reuniões? 15. Se sim, quais? E o que pretende com elas? 	

V. Informações complementares	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher informações complementares 	16. Há algum aspeto que não tenha sido abordado nesta entrevista e que deseje acrescentar?	
Terminámos a nossa entrevista. Muito obrigada pela sua disponibilidade! Caso deseje, pode ser-lhe enviado o trabalho, por email, quando estiver terminado!			

D. Guião de entrevista à Educadora Social

Guião de entrevista não diretiva à Educadora Social		
Nome do/a entrevistado/a:		
Temática	Objetivos	Observações
I. Apresentação da mestranda e explicação da razão da realização da entrevista.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a mestranda. • Explicar a razão da realização da entrevista. • Solicitar a gravação da entrevista. 	
II. Identificação do Entrevistado e identidade profissional.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a informação básica (para além da já conhecida) do entrevistado. 	
III. Função e dia-a-dia na instituição	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro. • Conhecer o dia-a-dia na instituição. 	
IV. Atuação na interação escola família.	<ul style="list-style-type: none"> • Entender a sua atuação em relação à interação escola família. • Conhecer as metodologias e estratégias que utiliza. 	
V. Informações complementares	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher informações complementares. 	
Terminámos a nossa entrevista. Muito obrigada pela sua disponibilidade! Caso deseje, pode ser-lhe enviado o trabalho, por email, quando estiver terminado!		

F. Guião de entrevista-conversa com os estudantes

Guião de entrevista-conversa com os estudantes			
Nome do/a entrevistado/a:			
Temática	Objetivos	Questões	Observações
I. Apresentação da mestranda e explicação da razão da realização da entrevista.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a mestranda. • Explicar a razão da realização da entrevista. • Solicitar a gravação da entrevista. 	Olá, chamo-me Jéssica e preciso da vossa ajuda para fazer um trabalho da minha escola. Vamos falar um pouco sobre vocês, a escola e os vossos pais. Vocês podem ajudar-me?	
II. Identificação do Entrevistado.	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a informação básica. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como se chamam? 2. Que idade têm? 3. De que turma são? 	
III. Dia-a-dia na instituição e em casa	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o dia-a-dia na instituição e em casa. 	<ol style="list-style-type: none"> 4. Podem-me falar um bocadinho sobre o vosso dia-a-dia na escola e em casa? O que costumam fazer desde que acordam até irem dormir? (Um de cada vez). 	
IV. Acompanhamento dos pais no progresso dos filhos.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o acompanhamento dos pais em relação ao progresso dos filhos. 	<ol style="list-style-type: none"> 5. Os vossos pais ajudam-vos com as coisas da escola? 6. Eles gostam quando têm boas notas na escola? 7. O que acontece quando têm más notas? 	
V. Atividades da escola em conjunto com a família.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as atividades realizadas na escola em conjunto com a família. 	<ol style="list-style-type: none"> 8. Costuma haver atividades da escola que os vossos pais venham ver? Por exemplos festas? 	
Terminámos a nossa entrevista. Muito obrigada pela vossa ajuda!			

G. Transcrição das entrevistas

G.1. Transcrição da entrevista - Educadora Social

Data: 19 de maio às 11h15.

Entrevistadora - Bom dia, sou aluna do 2º ano do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Escola Superior de Educação de Santarém, o meu nome é Jéssica Martins e estou neste momento a realizar a dissertação de mestrado. O tema da dissertação é a Importância da Relação entre a Escola e a Família no processo ensino-aprendizagem das crianças: o Papel do Educador Social na Escola enquanto Mediador dessa Relação. Assim sendo, o que se pretende com esta entrevista é compreender a atuação da Educadora Social em relação à mediação entre a escola e a família. Em suma, aproveito desde já para agradecer a sua disponibilidade, e solicitar a sua autorização para a gravação da entrevista, que será gravada simplesmente para facilitar o registo e tratamento dos dados. Dessa forma, todas as respostas serão confidenciais. Autoriza, assim, a gravação? Podemos iniciar a nossa entrevista?

Entrevistada 1 – Claro que sim.

Entrevistadora - Em primeiro lugar gostaria de perguntar qual o seu sexo e idade. E também se pode falar um pouco sobre si e o seu percurso escolar e profissional?

Entrevistada 1 – Está bem. ..., tenho quarenta e um anos. Estudei sempre aqui no Entroncamento até ao secundário, quando acabei o 12º fui para Santarém tirar o curso de Educação Social, na altura que entrei, o curso era só de bacharelato, sabes o que é?

Entrevistadora – Sim sim.

Entrevistada 1 – Eu entrei em 97, tu és de que ano?

Entrevistada – Sou de 97.

(risos)

Entrevistada 1 – Eu entrei para o curso em 97 em bacharelato, mas depois entretanto abriu para licenciatura, ou seja, nós não precisámos de fazer nada e continuámos. Fiz o bacharelato de dia, houve muita gente que depois só ficou com os três anos, e a

licenciatura foi com o horário da tarde e noite. O 4º ano foi sempre com aulas e o 5º ano foi só estágio.

Entrevistadora – Eram cinco anos?

Entrevistada 1 – Cinco anos de licenciatura sim. Os três anos normais com aulas de manhã e à tarde, o 4º ano aulas de tarde/noite, acabava a última aula às 23h30 da noite e vim sempre para casa, nunca fiquei lá a morar em Santarém e correu bem. O último ano foi estágio, o estágio final de curso, e eu estagiei aqui no centro, no último ano. No ATL que agora já não existe, era um prolongamento da escola da Zona Verde, nós íamos buscá-los e levá-los e eles passavam aqui muito tempo. Eu fiz o meu projeto todo à volta desses miúdos, era do 1º ao 4º ano, tínhamos atividades todos os dias com eles e o tema era a importância da natureza e da preservação do meio. Acabei o curso em maio, se não me engano abril/maio, quando tivemos de apresentar o trabalho final de curso e em setembro chamaram-me para vir aqui para o Centro, porque estavam duas raparigas que tinham o 12º ano e precisavam de uma pessoa licenciada para o ATL estar, digamos legal. Para estar legal tinham de ter uma pessoa licenciada e como eu estava a estagiar, perguntaram se tinham gostado de mim e como eu tinha feito um bom trabalho fiquei. Portanto, já estou aqui desde 2002. Dia 9 de setembro de 2002 comecei a trabalhar aqui e estou cá desde essa altura. Estava nesse tal ATL que ia buscar os meninos da Zona Verde e levá-los, mas depois acabou, porquê? Porque nós tínhamos uma escola, a Escola Rumo ao Futuro, que tinha um ATL e que não estava tão ativo, dinamizado, então começaram aqui a pensar, as pessoas que mandam, quer dizer, estavam a prestar um serviço a uma escola pública e o ATL daqui estava um bocadinho esquecido. Então, eu levei aqueles meninos até ao 4º ano e depois fiquei a tempo inteiro no ATL da Escola Rumo ao Futuro, com a responsabilidade de coordenar o ATL. Entretanto também criámos outra valência que é o Futuro 2, em que os meninos do 5º e do 6º ano que estiveram nesta escola, vamos levá-los e buscá-los e damos apoios nas tardes livres, temos professoras específicas para certas áreas e quando não dá para estarem a ter aula, ficam no estudo acompanhado a fazer os trabalhos de casa e tudo o que for preciso fazer. Portanto, basicamente, agora com isto do Covid, o meu dia-a-dia alterou-se um bocado, porque os horários ficaram diferentes, o 1º e o 2º ano têm um horário, o 3º e o 4º têm outro, há muitos recreios. Mas por norma, o que é que eu faço? Dou apoio educacional a crianças que precisam, com dificuldades de aprendizagem. Eu tenho uma disciplina, com muita pena minha, gostava muito de ter tirado a pós-graduação em educação especial, na altura não se proporcionou, mas fui tirar

uma disciplina da psicomotricidade, porque tínhamos aqui uma criança que trabalhámos muito com ela a esse nível e eu para entender um bocadinho melhor a problemática dele e para o ajudar, fui tirar essa disciplina. Ainda tenho nos meus sonhos tirar educação especial porque é uma área que eu gosto muito. É porque dá-nos muito. Este ano temos aqui uma criança com algumas necessidades, com autismo e atraso no desenvolvimento e é de tal maneira, quando ele faz certas coisinhas é tão bom, que gostava de saber mais e perceber mais para ajudar, para fazer mais alguma coisa por ele, mas fazemos o que podemos, não é?! E tentamos fazer sempre mais e melhor. Então o meu dia-a-dia basicamente é isso, neste momento nem tanto por causa dos horários, mas por norma seria os apoios das crianças com dificuldades, ficar com eles em determinados horários. Vou ao ciclo buscá-los e levá-los, é uma das minhas funções, há mais gente a ir fazer, mas pronto, é uma das minhas funções. Também fico às vezes, este ano não porque não tenho o horário, mas por vezes tenho de ficar com os do ciclo à tarde no estudo acompanhado e apoio ao estudo e depois é a parte da tarde o ATL, basicamente é isso. Acho que respondi a tudo.

(risos)

Entrevistadora – Sim, e também já respondeu à segunda pergunta que era para falar um pouco do seu dia-a-dia na instituição.

(risos)

Entrevistadora – A outra pergunta é para falares um pouco sobre como é a sua atuação no que diz respeito à interação escola família? E falar também sobre as metodologias e estratégias que utilizas?

Entrevistada 1 – É assim, nós aprendemos muitas coisas na escola, não é? As metodologias e tal, mas isto depois no dia-a-dia as coisas acabam por não ser bem assim. Tu não consegues pensar quando estás a fazer certas coisas no momento com os miúdos, mesmo agora houve ali uma zaragata no recreio e se calhar o ideal teria sido eu fazer assim e eu se calhar faço assado, pronto, porque é mesmo assim, uma pessoa quando está no impulso tenta logo resolver as coisas. Eu acho que tenho um papel ativo, a nível dos miúdos e das famílias é assim, temos à vontade para falar com os pais, quase todos. O mais difícil no meio deste trabalho às vezes são as famílias, os pais, são eles que atrapalham um bocadinho as coisas, temos aqui miúdos um bocadinho, não digo problemáticos, mas que acham que o mundo gira à volta deles, mas no fundo a culpa não

é deles, é os pais que vêm por trás, porque um tocou-lhe e a mãe vem logo fazer queixa, e há logo uma briga, e há logo um não sei que, e há logo participação e há logo pronto. E acho que às vezes não deixam os miúdos resolverem as coisas por eles e os miúdos são bons, todas as crianças são boas elas nascem todas boas. E acho que às vezes já há ali um bocadinho por trás o nosso coiso dos adultos, não é? Já somos um bocadinho diferentes e os pais metem-se um bocadinho no que não devem, mas de qualquer das maneiras quando há alguma coisa para dizer a nível do meu trabalho e com eles, eu falo com os pais e eles **aceitam bem**. Nem todos sabem que eu sou Educadora Social, nem todos sabem o que é que é isso, para eles eu sou mais uma auxiliar que aqui está e até sou porreirinha e tal, não... Isso é que eu sinto às vezes um bocadinho, uma certa desvalorização, pronto, digamos assim. Como é um curso pouco conhecido, pouco falado... e às vezes quando sabem que uma pessoa é licenciada até acabam por nos ouvir e por nos verem de outra maneira, não sabendo às vezes... “ah lá está esta aqui a dizer isto e aquilo e pronto” e às vezes sinto-me um bocadinho frustrada a esse nível, confesso. Não é sempre fácil, mas gosto muito do que faço. Acho que não respondi à tua pergunta, tens que repetir.

(risos)

Entrevistadora – Era falar um pouco sobre as metodologias e estratégias que utiliza na interação entre a escola e a família.

Entrevistada 1 – Não acho que tenha alguma metodologia, é o falar, é o chegar mais perto dos pais, é estar disponível para os ouvir porque somos muitas vezes ali confidentes na hora da entrega ouvimos muita coisa, estar disponível para eles enquanto família e para eles enquanto crianças, ralhar quando achamos que temos de ralhar, porque também acho que faz parte da educação, nós podemos chamá-los à atenção e não temos medo o que é que depois possa acontecer. Sermos humanos, acima de tudo, lembrarmo-nos que se fosse com o meu filho o que é que eu gostava que me fizessem, pormo-nos no lugar do pai. Costumo dizer, nós como pais, eu tenho uma filha com 17 anos, nós como pais somos todos muito especiais e muito sensíveis e não é por aquele pai ser daquela maneira que nós podemos fazer ou podemos dizer, temos que pensar sempre que cada caso é um caso mas somos todos muito especiais e para aquele pai, por mais que aquela criança seja reguila, temos aqui miúdos muito complicados, muito... um bocadinho complicados, mas temos que nos lembrar que é o filho daquela pessoa, é o bem mais precioso que eles têm então temos que ser um bocadinho humanos e mostrarmo-nos sempre disponíveis e compreensíveis. Ora metodologias não te posso dizer que uso uma metodologia assim, é

o falar, o escutar, o estar presente, tentar sempre ajudar, estar sempre lá. Disponibilizar-me para tudo, praticamente todos os pais têm o meu número de telemóvel, para mandarem mensagem, para perguntar, para falarem com os filhos na altura em que havia, imagina, exames, eu era capaz de mandar mensagem aos pais todos a dizer que o exame dos miúdos tinha corrido bem, mando fotos dos recreios eles a fazerem isto ou aquilo. Os professores, alguns desses também têm esse cuidado e nós gostamos como mães gostamos de receber esse miminho e eu também, atividades e coisas gosto de estar perto das famílias, gosto de falar, gosto de comunicar e gosto do que faço, às vezes vou cansada e saturada pronto, e o 5º e o 6º ano são os grupos um bocadinho mais complexos, porque são nossos mas já não são, vão para o ciclo mas quando aqui vêm isto é tudo... mas gosto, senão não estava aqui à 19 anos.

Entrevistadora – Há mais alguma coisa que gostaria de falar ou de acrescentar?

Entrevistada 1 – Não, gostava que, mas isso depende todos e também do estado e isso, que é o nosso trabalho ser um bocadinho mais valorizado, termos tabelas um bocadinho mais dignas, porque estou aqui à 19 anos, não me posso queixar porque é a tabela existente não é? Aqui o centro paga-me o que... Mas pronto, a esse nível financeiro às vezes não somos tão bem vistos, digamos assim. Estamos ali, não somos nem carne nem peixe, somos um bocadinho o faz tudo, mas também cabe a nós marcar ponto e marcar a nossa posição. A nível de estado, de governo, gostava que as tabelas fossem um bocadinho mais justas em relação por exemplo aos educadores de infância ou os professores primários, mas não me posso queixar, estou perto de casa e pronto, é isso.

Entrevistadora – Terminámos a nossa entrevista, obrigada pela tua disponibilidade.

Entrevistada 1 – De nada, sempre às ordens.

G.2. Transcrição de entrevista – Professora do 1º ano e coordenadora

Data: 9 de junho às 20h.

Entrevistadora – Gostaria de começar por perguntar qual é o seu nome, a sua idade e o sexo.

Entrevistada 2 – Ui. Então é ..., a minha idade são 48 anos, sexo feminino.

Entrevistadora – Que funções desempenhou e desempenha atualmente, na escola Rumo ao Futuro?

Entrevistada 2 – Certo. Então eu sou professora de primeiro ciclo, este ano estou a lecionar o primeiro ano e acumulo com a função de diretora pedagógica

Entrevistadora – Ok. Nesta escola qual é a sua perspetiva a respeito da relação entre a escola e a família?

Entrevistada 2 – O modo da nossa escola, pronto. É por isso que existimos, ela nasceu por causa disso, para haver uma maior proximidade entre a escola e entre a família, porque acreditamos que só havendo essa conjugação de sinergias, de trabalho... às vezes não é fácil e principalmente nos dias que correm, não é fácil, mas continuamos a acreditar que só com a família, com o esforço da família e com a participação da família é que os garotos são felizes e que há sucesso.

Entrevistadora – Qual é a sua perspetiva a respeito da relação da família e do aluno, em termos de processo de ensino-aprendizagem? Se os pais participam regularmente na vida dos estudantes?

Entrevistada 2 – Olha Jéssica, depende. Eu já... de uma maneira geral penso que sim, há pais que são muito mais participativos do que outros, por exemplo, já tive grupos em que os pais, e já passaram muitos na escola, em que os pais eram pouco participativos, estavam na escola apenas e pronto, deixam-se estar. Atualmente, da experiência que eu tenho e do grupo que eu tenho, a totalidade dos pais desta turma são muito participativos, aliás, até acho que são participativos de mais, preocupados de mais, estão sempre em cima, “o que é que é preciso?” e pronto, são impecáveis. Mesmo nesta situação que houve agora de confinamento, foram pais que acompanharam sempre, estiveram ali ao lado, estiveram sempre a ajudar os miúdos nos trabalhos que nós mandávamos, no plano

semanal, sempre... foi impecável, os pais são impecáveis. Mas há grupos que isso não acontece, depende muito da perspectiva que as pessoas também têm do que é a escola, há pais que têm a perspectiva de, lá está, da escola relação com a família e gostam dessa conjugação, há outros pais que pronto, a escola que faça o trabalho que depois quando chegamos a casa é para brincar e não termos essa preocupação. Depende muito da percepção que os pais têm da escola.

Entrevistadora – Que vantagens ou desvantagens considera haver na participação dos pais na escola?

Entrevistada 2 – É assim, vantagens são todas, sem dúvida. Desvantagens, vamos lá a ver, às vezes eles, hoje em dia toda a gente tem opinião para tudo, não é?! E às vezes há determinados, e atenção que eu não estou a generalizar, há determinados pais que têm a opinião que acham que sabem e que se fosse assim era melhor e se fosse assado era melhor e pronto, lá está. Mas eu acho que pesando as vantagens e as desvantagens, as vantagens são muito maiores que as desvantagens.

Entrevistadora – Em que atividades ou situações os pais costumam participar?

Entrevistada 2 – Festas de final de ano, que agora estão assim um bocadinho (risos), como sabemos, não é?! Mas nas festas de final de ano, festas de Natal, na avaliação de notas, assim de uma maneira geral, sempre que são solicitados eles aparecem, são pais que... e nas tarefas dos filhos, por exemplo quando nós mandamos um trabalho para fazer ou de planetas ou de investigação, de uma maneira geral todos participam, mas alguns são um bocadito mais, mais... mas pronto. De uma maneira geral é acima da média.

Entrevistadora – Que iniciativas são tomadas pela escola de modo a envolver os pais? Já falámos nestas festas...

Entrevistada 2 – Sim, nestas festas, nós temos também um representante de... cada turma tem um representante ou dois, este ano até temos dois como fizemos reunião de pais no início do ano com a turma dividida, temos dois representantes de turma, por cada turma e a função deles é basicamente fazer chegar à escola as preocupações, se bem que todos os pais têm abertura para fazer isso, mas se os pais quiserem fazer chegar, de dar ideias, de isto ou daquilo. Já tivemos momentos, quando eramos felizes e não sabíamos, já tivemos esses momentos em que os pais chegavam e achavam que os logotipos das t-shirts deviam de ser diferentes, que nos devíamos de fazer outro tipo de tarefas, pronto.

Depois lá está, há coisas que são viáveis outras coisas que não são viáveis, mas de uma maneira geral sim, os pais são participativos e participam quando são chamados a participar.

Entrevistadora – Que tipo de comunicação existe entre a escola e a família?

Entrevistada 2 – Como assim, comunicação, a forma como comunicamos?

Entrevistadora – Sim, sim, se têm uma boa comunicação...

Entrevistada 2 – Sim, temos uma boa comunicação. Pronto, não sei se é por aí que pretende a pergunta, nós inicialmente, antes era muito a nível de papel, pronto, agora fazemos mais a nível de e-mail e pronto. Mas fazemos sempre que há situações de interesse, nós participamos, fazemos participação, comunicamos com as famílias.

Entrevistadora – A escola procura fazer reuniões de pais com frequência?

Entrevistada 2 – Habitualmente fazemos trimestralmente, agora neste tempo de confinamento temos feito por videoconferência, pronto, reunimos por videoconferência sempre que é necessário. Antes desta situação da pandemia, o que nós fazíamos era, lá está, as reuniões presenciais, fazíamos também as reuniões a meio dos trimestres, fazíamos as reuniões com os representantes de turma e sempre que os pais pedem, por exemplo, há uma preocupação qualquer de um pai, uma situação qualquer que está aí. Mas pronto, somos uma escola pequenina, temos essa abertura e normalmente recebemos os pais quando eles sentem essa necessidade ou quando os pais também sentem necessidade que os pais venham à escola, as duas situações. De uma maneira geral, as coisas correm bem.

Entrevistadora – Na sua opinião, as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação entre a relação escola família?

Entrevistada 2 – Sim, sim, acho que sim. Eu acho que sim, são importantes, porque é assim, lá está, também há reuniões de pais que são muito mais participativas do que outras, há pais que entram mudos e saem calados, mas também há pais que falam, falam, falam, falam, pronto. Mas sim, é uma forma de pôr em comum as preocupações, as inquietações dos pais, as dúvidas, pronto. E há coisas que nós, como lidamos todos os dias com esta dinâmica das aulas, há coisas que nem sequer nos passa pela cabeça que podem passar pela cabeça dos pais e que nessas reuniões de pais acabam por ser postas em cima da mesa e postas em comum, acaba por ser muito importante essas reuniões.

Entrevistadora – Existe alguma atividade na escola em conjunto com as famílias para além das reuniões e...?

Entrevistada 2 – Nós tínhamos, lá está, antes, esta entrevista devia de ter sido feita...

(risos)

Entrevistada 2 – Há dois anos atrás. Nós temos atividades, nós normalmente fazíamos atividades com os pais, que era o Dia da Família, em que os pais, por exemplo, faziam jogos de bola entre pais e filhos, chegámos a fazer aulas de ginástica com as mães, pronto. Mas chegámos a fazer e temos registos fotográficos disso, fazíamos no início do ano letivo uma caminhada pelas ruas do Entroncamento, com toda a escola, os pais, as famílias, os cães e vinha tudo e mais alguma coisa, pronto, e fazíamos e era muito engraçado esse acompanhamento. Quando era na altura do Carnaval fazíamos também sempre a noite do pijama, lá na escola, em que os pais iam lá por os meninos, não é? Fazíamos umas atividades, íamos lá por os meninos e nós fazíamos sempre umas atividades com os pais. Os pais também levavam sempre um adereço de Carnaval, pronto, era muito engraçado.

Entrevistadora – Enquanto professora titular de turma, considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família?

Entrevistada 2 – Sim, pelo menos tenho essa pertença e esse objetivo, que de alguma forma possa ajudar a desbloquear ali alguma situação ou que e já tem acontecido pedir a pais ou que apertem um bocadinho mais com os filhos ou que alivem também um bocadinho mais com os filhos. Mas acho que sim, é, tenho essa pertença e acho que se vai conseguindo.

Entrevistadora – Terminámos a nossa entrevista, obrigada.

Entrevistada 2 – Pronto Jéssica, está bem, alguma coisa que precise mais pode dispor, está bem?

Entrevistadora – Está bem, obrigada.

G.3. Transcrição de entrevista - Professora do 2º ano

Data: 6 de junho às 17h.

Entrevistadora – Gostaria de começar por perguntar o seu nome, a sua idade e o sexo.

Entrevistada 3 – O nome, primeiro e último?

Entrevistadora - Completo.

Entrevistada 3 – ... 52 anos, este mês faço 53, mas pronto, no fim do mês, ainda tenho 52 até ao dia 30. Sexo feminino.

Entrevistadora - Que funções desempenha na escola Rumo ao Futuro e há quanto tempo leciona nesta escola?

Entrevistada 3 – Sou professora do primeiro ciclo e leciono nesta escola há 31 anos.

Entrevistadora - Muitos.

(risos)

Entrevistada 3 – Não sou velha, comecei a trabalhar muito nova.

(risos)

Entrevistada 3 – Estou a brincar. É bom sinal, é bom sinal.

Entrevistadora - Pois é! Qual é a sua perspetiva a respeito da relação entre a escola e a família na escola Rumo ao Futuro?

Entrevistada 3 – É essencial, é essencial até porque nós tivemos um projeto de início que era mesmo com o professor Ramiro Marques, um estudo que fez que fez que era mesmo a ligação, e eu estive no início da escola e iniciei mesmo na escola Rumo ao Futuro com uma turma de 1º ano, depois no ano seguinte, entraram duas turmas, três... pronto, fui eu que fui pioneira nisso. E nós tivemos mesmo esse projeto defendido, a extrema importância da relação entre a escola e a família.

Entrevistadora - Qual é a sua perspetiva a respeito da relação, agora da família com o aluno, em termos do processo ensino-aprendizagem. Se os pais costumam participar com regularidade na vida dos estudantes?

Entrevistada 3 – Sim, de uma maneira geral temos pais interessados e que apostam, quer dizer, não são todos, não têm todos o mesmo empenho, mas de uma maneira geral são pessoas preocupadas e empenhadas, apesar de se notar uma postura nestes anos todos, porque nós acabamos por, não é?! Eu com 30 e tal anos vê-se que as pessoas valorizam coisas diferentes, hoje já não mandamos tantos trabalhos como mandávamos, pronto, os pais privilegiam também mais as atividades, não quer dizer que não se empenhem e quando é em avaliação e estimulam-nos a ir a visitas, a ver espetáculos, agora está um bocadinho tudo mais confinado, mas acabamos por... as pessoas estão menos recetivas à sobrecarga de trabalho, não é?! Se calhar antes valorizavam mais, mais trabalho e agora menos trabalho, aquele suposto trabalho de casa, mas quando é preciso acompanham e agora com estes confinamentos e tudo tem sido imprescindível a colaboração.

Entrevistadora - Que vantagens ou desvantagens considera haver na participação dos pais na escola?

Entrevistada 3 – Eu acho que só tem vantagens. Só tem vantagens, claro que nós também sabemos e as pessoas também sabem medir os limites, não é?! Nós até facultamos o nosso número de telefone e se houver alguma pessoa que passe aquela barreira nós também sabemos com postura dar a dica à pessoa que está a abusar, não é?! Mas de uma maneira geral não abusam e quando têm que falar e solicitar, pedem desculpa “oh professora lá estou a incomodar outra vez”. Nós fazemos muito mensagem, ainda este fim-de-semana houve umas garotas que iam à praia e eu disse assim “então tragam-me um bocadinho de areia” e a mãe mandou-me logo ontem uma mensagem, que é para fazermos uma experiência dos solúveis e não solúveis, com o açúcar, o sal... e mãe disse “professora Clara, já levamos aqui a areia”. E eu até disse pouquinha. (risos) Não, mas há esta relação, há esta relação de proximidade e é muito bom. E quando crescem fica sempre aquele elo, entram para a faculdade, porque nós como também, é uma escola, que acabamos por estar ali, é o nosso sítio, há sempre este feedback do destino deles e já tenho ido a casamentos de alunos do primeiro grupo, é muito giro, é um prolongamento da família, mesmo com as diferenças hoje, acho que é essencial.

Entrevistadora – Em que atividades ou situações os pais costumam participar?

Entrevistada 3 – Agora participam em quase todas.

(risos).

Entrevistada 3 – Mas participam, olha, festinhas que nós fazíamos, hora de conto, aula aberta, no acompanhamento dos filhos nas atividades que são necessárias, na realização de trabalhos de grupo, de experiências, sim, sim, muito colaborativos.

Entrevistadora - Que iniciativas são tomadas pela escola de modo a envolver os pais?

Entrevistada 3 – Isso tudo, nós fazíamos muitas atividades que não estamos agora a fazer, mas fazíamos isso mesmo. Até tínhamos pensado agora este ano fazer tipo uma hora do conto em que, por semana, cada pai ia ler a história, muitas vezes falam das suas profissões, mas pronto, agora é um bocadinho mais restrito. Estamos em casa dos pais e os pais na nossa, mas através do ecrã, porque agora não há ajuntamentos para nada. Mas cerimónias, o cantar dos reis, ir à igreja, como a escola tem um caris católico, muita muitas atividades. Magusto, os pais eram sempre convidados, pronto, até pais que se disponibilizavam, uns assavam castanhas, outros... fazíamos muitas atividades. Não sempre, porque não vamos estar a sobrecarregar as pessoas e também precisamos de tempo de trabalho, tempos de qualidade e não uma quantidade enorme e estramos sempre, sempre em festa, como por assim dizer. Mas muitas das vezes, em momentos diferentes e com caris diferente e apreciavam... desfile e vir assistir, os pais gostavam muito disso, fazíamos a noite do pijama e à noite os pais iam sempre, fazíamos assim uma rave ou um espetáculo ou uns jogos ou leituras e depois pronto, iam embora e deixavam os meninos. E muitas vezes os pais juntavam-se e iam até um bar que era uma coisa que nunca faziam “ai vocês têm de continuar com isto”, agora pronto, não há nada, não podemos fazer nada disto.

Entrevistadora – Como professora titular de turma, considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família?

Entrevistada 3 – Sim, sim. Sempre, às vezes até com o silêncio. E em certas situações até de divórcios...e.... não nos colocarmos num lado nem noutro, sabermos gerir as coisas e marcar-nos e o mais importante são mesmo eles e os adultos têm que se entender e pronto. É por aí, e sabermos bem como gerir todas essas situações.

Entrevistadora – Considera como sua função ajudar os alunos a resolver eventuais problemas que ocorram com as suas famílias em casa?

Entrevistada 3 – Nós não nos limitamos... a escola dá instrução, dá instrução, mas não pode ser só isso, não é?! É muito mais que isso! E se for só isso, fica aquém... não pode

ser, eles são pessoas, são crianças, são seres humanos e temos de dar ali uma mãozinha e ajudá-los a ultrapassar, às vezes até o próprio insucesso, insucesso entre aspas, o não chegar tão longe como os colegas, o não... temos de estar ali para dar essa mão, esse conforto e também os fazer... muitas vezes confrontar com certas atitudes também, que é mesmo assim. Também é responsabilizar.

Entrevistadora – Alguma vez deu a conhecer aos pais estratégias para apoiarem os seus filhos em casa?

Entrevistada 3 – Sim, sim, muitas vezes os pais até solicitam e terceiro e quarto ano, hoje em dia, que eles dão soma de frações, subtração, eles já não se levantam a dar a noção de fração, muitos pais já não conseguem acompanhar, apesar de nós até termos assim uns pais... pronto... podemos dizer que temos se calhar ali uma elite, mas muitas vezes não sabem, nem a melhor maneira... é engraçado que agora os pais, nós também fazíamos, os pais também iam à aula aberta na escola, mas é diferente do estarmos aqui no dia-a-dia a explicar matéria, nos PowerPoint e os pais dizerem “oh professora, estamos a aprender tanto”.

(risos)

Entrevistada 3 – Mas é verdade, é verdade. Dou estratégias, se calhar a melhor maneira é isto e agora como é que eu faço? “Ó professora, ele não está a perceber muito bem, vi ali dificuldade nos trabalhos de casa” e às vezes até mandam “professora não leve a mal”, não são assim muitos, “ele não está a entender bem as frações”, pronto, “ok, amanhã dou o reforço” ou “leva aquele exercício do trabalho de casa por fazer mas não estava a ver e achei melhor que ficasse em branco porque acho que ainda iria complicar mais e também não estava a dominar”. Pronto, há este tipo de comunicação que é importantíssima.

Entrevistadora - Na sua opinião as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família?

Entrevistada 3 – São, são, são. É mais um momento que estamos ali em conjunto e que todos podem ser ouvidos e também escutarem muita coisa.

Entrevistadora – Há algum aspeto que não tenha sido abordado na entrevista e que gostaria de acrescentar?

Entrevistada 3 – Não, acho que focaste aí os pontos essenciais na temática, é mesmo isso. É a parte de os acompanhar, a parte de não ser meramente a instrução, é tudo aquilo que

é preciso e esta relação é fundamental. O diálogo, e também aos pais, por vezes, também por certos limites, mas de um modo geral, não tenho, até agora nas aulas e tudo as pessoas têm posturas muito educadas e estão com os meninos, estão presentes, mas nem estão visíveis. E no ano passado, tenho um segundo ano, e tinha um primeiro ano e até lhes agradei, pronto, mesmo assim todo o apoio, porque fiz a minha parte mas eles também fizeram muito e se eles são como estão, a ler tão bem e a interpretar, deve-se também a trabalho deles e também a mérito, muito mérito deles, é mesmo assim.

Entrevistadora – Terminámos a nossa entrevista.

Entrevistada 3 – Está bem Jéssica.

Entrevistadora – Muito obrigada!

Entrevistada 3 – De nada.

G.4. Transcrição de entrevista – Professora do 3º ano

Data: 6 de junho às 17h00.

Entrevistadora – Em primeiro lugar queria perguntar o seu nome, a idade e o sexo.

Entrevistada 4 – Primeiro e último, ..., 39 anos e sexo feminino.

Entrevistadora – Que funções desempenha na escola Rumo ao Futuro e à quanto tempo leciona?

Entrevistada 4 – Sou professora do 1º ciclo, há 13 anos que estou aqui. Leciono já, nem sei bem (risos), se calhar há uns 16 ou 17, por aí. Fiz muita coisa antes, portanto eu acabei o meu curso em 2003/2004, por aí, depois acabei por fazer educação, os professores era aquela complicação para as colocações e então depois fui colocada no apoio, fui professora do ensino especial e acabei depois por ingressar aqui na escola Rumo ao Futuro. E aqui estou há 13 anos e este ano estou com o 3º ano.

Entrevistadora – Qual é a sua perspetiva a respeito da relação entre a escola e a família, na escola Rumo ao Futuro?

Entrevistada 4 – A minha perspetiva é que, é, não é agora e que é sempre, a família é a base, é um dos grandes pilares. Tanto a família como a escola são dois grandes pilares, que é assim, a responsabilidade, como muitos pais hoje falam, que é a escola que educa e que são os professores, não é bem assim. Portanto, é um trabalho de equipa, portanto, a família é responsável por transmitir a formação de base, os valores, o saber estar para o aluno, a criança ter autoestima e saber estar no mundo com toda a segurança, a escola é o grande pilar dos conhecimentos, onde eles convivem com os seus pares, onde aprendem regras de convivência e de respeito um pelo outro. Agora escola mais família são o grande pilar da formação de uma criança, sempre.

Entrevistadora – E qual é a sua perspetiva a respeito da relação entre a família e aluno? Em termos do processo de aprendizagem, se considera que os pais participam com regularidade na vida escolar.

Entrevistada 4 – Tenho aqui, tenho aqui de tudo (risos) isto há sempre de tudo, não é?! Há aqueles pais muito interessados e que acompanham todo o trabalho, e alguns até, de certa forma, acho que um bocadinho exagerada porque depois eles aqui na sala sentem falta daquela moleta, pronto, que é eles estão sentadinhos ao lado, que ainda hoje eu digo

“larguem-nos, eles têm que ser autónomos, não exagerem”, desde o primeiro ano que se mantêm sentadinhos ao lado deles a acompanhar todos os trabalhinhos. Depois tenho aqueles que fazem tudo de forma completamente autónoma e os pais não corrigem absolutamente nada e não interferem em nada, eu acho que nem percebem o que é que eles andam a dar ou deixam de dar. Portanto, eu tenho aqui de tudo, mas aquilo que eu acho que é o correto, que é aquele meio termo, é que, e daí a função dos trabalhos de casa, que não é nenhum castigo, o trabalho de casa, uma das grandes funções é estabelecer esta ligação, para além de outras que possam haver. Mas o trabalho de casa é aquele trabalhinho diário, que é onde a criança consegue com os pais estabelecer a ligação entre a escola e casa. Os pais apercebem-se do que eles estão a dar na escola, conseguem fazer o acompanhamento, no caso de haver dúvidas transmitem as dúvidas ou registam, que eu digo muito em reunião “registem lá ou metam uma bolinha onde eles tiveram a vossa ajuda ou envie-me uma mensagem” para haver este feedback. Quando chegamos à escola, a primeira coisa que fazemos é corrigir os trabalhos de casa e ver dúvidas, o que houve, que a cabecinha está fresquinha. Mas lá está, família... Resumindo, a importância da família com a criança é este acompanhamento diário, é nos trabalhos de casa, nas tarefas diárias, no diálogo, “então como correu a escola”, levá-los a ganharem a confiança dos pais, que é isso que acho que falta um bocadinho, hoje em dia. É esta... não há tempo, andamos sempre todos a correr, eu percebo tudo isso, mas tirar 10 minutinhos deles e nossos, sentarmo-nos “então como correu o teu dia? há alguma coisa que te chateie? correu tudo bem? Houve algum conflito? Houve alguma situação que te esteja a preocupar?” de forma a criança ganhar autoestima, estar segura, sentir-se bem e se houver algum problema chegarmos e ajudarmos porque eles ainda não têm ferramentas, muitas das vezes, para resolver os seus problemas. Ajudarmo-nos nesse sentido, falar com o professor, passa-se isto assim, esta situação, e tentarmos em equipa ajudar a criança. Isto vai desenvolver o que? A autoestima, a formação de base, vão ser com certeza adultos muito mais conscientes do seu papel no mundo e muito fortes em saber lidar com as contrariedades da vida. Portanto, a família tem tudo isto, papel na educação, em ajudar nas tarefas e nesta formação, nesta segurança e formação de base.

Entrevistadora – Que vantagens ou desvantagens considera haver na participação dos pais na escola?

Entrevistada 4 – Eu só vejo é vantagens. (risos) Desvantagens não vejo. Vindo para ajudar, vejo só grandes vantagens. Tanto em festas temáticas que nós aqui fazíamos antes,

agora com o covid já é mais difícil, o dia da mãe, o dia da família, as festas de Natal, o virem à escola, acho que esta ligação de eles entrarem no ambiente, as crianças adoram, elas sentem-se bem com os pais aqui na escola. Nós quando era o dia da mãe e o dia do pai fazíamos jogos no ginásio, mães com filhos contra as outras... era muito giro e esta ligação, este ambiente é ótimo, é ótimo. Porque acaba por ser a segunda casa destas crianças, não é?! Onde os pais as depositam, entre aspas, diariamente e que depositam em nós toda a confiança e é muito bom haver esta ligação, este contato e esta confiança e no final ficar alguma relação até de amizade, é aquilo que eu procuro. Estou quatro anos sempre com os mesmos alunos e fica, fica uma relação de amizade dada esta ligação que se vai mantendo ao longo dos quatro anos. Agora noto, há dois anos para cá, praticamente um ano e tal, um ano e meio, isto com o covid tornou-se tudo muito mais complicado, mas fazemos reuniões online, eu desde o primeiro ano, eu dou logo o meu contato telefónico e os pais sabem e são muito respeitadores, também não é ao mínimo pormenor que contactam “oh professora isto”, mensagem telefónica, não é preciso estarem a ligar para a escola, portanto, de forma informal eu vou procurando sempre, mesmo informal, o contato com os pais dos meus alunos, no passeio uma conversa, uma brincadeira que surgiu na sala, qualquer situação engraçada que eu acho para lhes contar, há sempre, há muito esta ligação, desde o primeiro ano, que eu acho que é muito importante. Claro que depois há muitas vezes que terá de ser de forma formal, através de reuniões, que houve agora online, de e-mail, contato via e-mail, portanto de forma mais formal é dessa forma. De outra forma, no passeio, pelo telefone, como calha. Agora o contato dos pais com a escola é muito importante e sinto muita a falta disso e os miúdos também, as festinhas, é muito bom. Mas pronto, há de voltar.

Entrevistadora – Que iniciativas são tomadas pela escola de modo a envolver os pais? Já falou um bocadinho...

Entrevistada 4 – Exatamente. São todas as festas temáticas, Natal, datas importantes, dia da mãe, dia do pai, dia da criança não, é mesmo dedicado só a eles. Todos estes momentos, nós estabelecemos... uma vez por mês, no nosso plano de atividades, temos sempre um momento de ligação entre família e escola, sempre! Uma vez por mês no nosso plano de atividades, procuramos sempre de alguma maneira que os pais venham aqui à escola. Portanto, o mês de maio é o dia da família, também temos o dia da mãe, março é o mês do dia do pai, o Natal é a festa de Natal, portanto arranjamos sempre... Carnaval eles também acabam por vir e as crianças dormem cá na escola no Carnaval, fazemos sempre

antes de eles ficarem a dormir à noite, fazemos sempre uma festinha que envolve toda a família, depois a família vai embora e ficam só as crianças, mas há sempre assim... todos os meses há um momento de ligação escola família.

Entrevistadora – Considera haver algum obstáculo para a participação dos pais nas iniciativas da escola?

Entrevistada 4 – O único obstáculo que encontro é mesmo o trabalho, daí, nós mesmo as reuniões que fazemos, óbvio que em termos pessoais não me dá jeito, é sempre muito tarde, 18h / 18h30, depois aquilo decorre vai sempre... prolonga-se 20h depois ficamos a conversar com mais um pai ou outro 21h da noite, portanto, acaba por terminar muito tarde. Mas é mesmo a melhor forma, nós já tentámos fazer um bocadinho mais cedo, mas é uma condicionante e é muito importante termos aqui os pais e haver este momento de diálogo e daí temos sempre o cuidado, tentar mais para o final do dia, 18h30, muitos aparecem só perto das 19h porque trabalham no comercio, portanto, esse acho que é o ponto de impedimento dos pais virem às atividades e às reuniões que a escola proporciona, é mesmo só o horário. É a vida hoje em dia do trabalho.

Entrevistadora – Faz parte

Entrevistada 4 – É mesmo, faz parte, mas nós temos essa preocupação de facilitar.

Entrevistadora – Como professora titular de turma, considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família?

Entrevistada 4 – Sim, sim, sim. Não tenho, claro, como eu costumo dizer, não tenho uma varinha de condão, não estou lá em casa e às vezes tenho consciência que muitas crianças estão bem aqui na escola, é aqui que é o grande porto de abrigo deles e estarmos muito atentos a estes pormenorinhos todos, mas sim, considero sempre que o professor é o elo de ligação... nós, com a convivência até ao final de 4 anos conhecemos muito bem os meninos, sabemos muito bem, eles dão sinais de quando não estão bem, quando estão felizes, quando há algo que os preocupa. Nós também temos uma psicóloga aqui na escola que partilho muito com ela “há ali algo que me parece que não está bem”, vou tentar e dá-nos ferramentas e esta partilha é muito boa, e até ela no diálogo com as crianças ajuda muito, portanto sim. E depois é esta abertura que eu tenho logo desde o início com os pais, esta abertura para fazer mesmo conversa informal, pelo telefone, passa-se alguma coisa, sinto que alguma coisa não está bem, está tudo bem? Pronto, e os pais também dão

o feedback lá de casa quando algo não está bem, também costumam informar-me logo, vai notar isto assim porque está-se a passar esta situação, portanto sim. Acima de tudo a escola tem essa responsabilidade, também mesmo no absentismo escolar, em situações em que a criança falta muito à escola, procurar saber porque, faltar um dia, ao segundo dia já tentamos fazer um contato, “porquê? está tudo bem? A criança está doente? O que é que se passa?”. Pronto, há essa preocupação da minha parte em estabelecer esta ligação para saber se algo mais se passa e poder atuar.

Entrevistadora – Considera como sua função ajudar os alunos a resolver eventuais problemas que ocorram com as suas famílias?

Entrevistada 4 – Também, não é a 100%, mas também. Também, neste ponto que eu já falei anteriormente, em detetar uma desmotivação. Uma criança que seja motivada e de repente fique desmotivada, a escola não lhe diga nada, atraso na realização dos seus trabalhos, mais distraídos, algo se passa. E é o meu dever chamar essa criança à parte e com o diálogo tentar perceber o que é que se passa e chegar até ela e depois tentar chegar até à família se for caso disso, sim. É muito importante, não tenho o poder, porque é o que eu digo, não estou lá em casa, não é?! Mas tenho o poder de atuar, de comunicar a entidades superiores, comunicar à minha diretora pedagógica e a partir daí a entidades superiores para acompanhar estas crianças que podem estar em risco, pode haver, nunca tive uma situação dessas, mas pode haver crianças que estejam em situação de risco e aí temos de atuar obrigatoriamente.

Entrevistadora – Na sua opinião as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família?

Entrevistada 4 – Sim, são muito. Como eu digo, para além das festinhas que é um momento, vá, agradável, as reuniões de pais também são, às vezes também levam ali puxões de orelhas, entre aspas, e digo aquilo que tenho a dizer e partilho tudo aquilo que eu acho que é importante para com a turma, acabo sempre por abordar o perfil da turma, aquilo que temos a melhorar e o que estamos a fazer, mas esta ligação e depois a relação que fica final, depois eu digo “pronto, então a reunião está terminada, se houver alguma coisa podem ficar para o final” e acabam por ficar a maioria dos pais, portanto isto... esta relação final é bom, eles gostam e este diálogo e estas conversas e histórias que acontecem, peripécias ao longo do ano e ao longo do período ir falando com os pais, portanto, é sempre bom, sempre bom! Quer no carácter pedagógico, dos pais terem

conhecimento de como está a turma em termos gerais e também para estabelecer mais esta relação pessoal que acaba por ser sempre positiva.

Entrevistadora – Há algum aspeto que não tenha sido abordado na entrevista e que gostasse de acrescentar?

Entrevistada 4 – Não, penso que abordámos tudo. Acho que escola família é o grande pilar da formação, é também o nosso grande auxílio do professor em saber lidar com determinados comportamentos das crianças e a base de tudo tem de ser o diálogo, muito diálogo, muita calma, saber respeitar o ritmo de cada um, o tempo de cada um, cada um de nós tem o seu tempo, cada um de nós tem a sua personalidade e temos de saber respeitar isso. Saber analisar todos esses comportamentos e todas essas diferenças para chegar à criança e chegar à família. Portanto, muita sensibilidade, muita paciência, muita mesmo, muita paciência e juntos fazemos um bom trabalho. Juntos conseguimos fazer sempre um bom trabalho, agora quando falta um destes pilares, isso é complicado, não é?! Mas o papel do professor, juntamente também com a educadora social e com a psicóloga da escola é arranjar as ferramentas para chegar à família e seja de que forma for, há sempre uma forma.

Entrevistadora – Terminámos a nossa entrevista, obrigada.

Entrevistada 4 – Se for preciso mais alguma coisa disponha, está bem?

Entrevistadora – Está bem, obrigada.

Entrevistada 4 – Tudo a correr bem e boa sorte.

Entrevistadora – Obrigada.

G.5. Transcrição de entrevista – Professora do 4º ano

Data: 27 de maio às 10h40.

Entrevistadora – Em primeiro lugar queria perguntar o seu nome, sexo e a idade.

Entrevistada 5 – Ok, então o nome é preciso completo?

Entrevistadora – Sim, é melhor.

Entrevistada 5 – Então pronto. O meu nome é ..., tenho 44 anos e qual é que era a outra pergunta?

Entrevistadora – É o sexo.

Entrevistada 5 – Ah é feminino, pronto.

Entrevistadora – Que funções desempenha na escola Rumo ao Futuro e há quanto tempo leciona na escola?

Entrevistada 5 – Então é assim, sou professora de 1º ciclo, este ano estou com o 4º ano e já trabalho aqui há 13 anos, já há muitos anos.

Entrevistadora – Qual é a sua perspetiva a respeito da relação entre a escola e a família nesta escola, na Rumo ao Futuro?

Entrevistada 5 – Queres que eu fale mais em que sentido?

Entrevistadora – A relação que existe, se existe relação...

Entrevistada 5 – Se os pais participam muito...

Entrevistadora – Sim, nas atividades e assim...

Entrevistada 5 – Isto agora está um bocadinho diferente pelo facto de estarmos em pandemia, portanto, não há tanto aquela situação dos pais poderem vir à escola, nós tentamos que todo o tipo de contacto seja feito ou por telefone ou como nós estamos agora, também damos essa oportunidade aos pais que queiram falar connosco por algum motivo, ser por estas plataformas. É assim, a nível de empenho e da relação que os pais têm com a escola é muito positiva. Sempre que se pede para os pais virem à escola ou por algum motivo, portanto eles costumam vir e costumam ser muito recetivos o que também acaba por ser bom, quer dizer que os pais acabam por ter algum interesse, não é?! Pela

vida e pelo percurso escolar das crianças. Também, muitas vezes, eles vêm numa de perguntar como é que está, se está tudo a correr bem, quais é que são as dificuldades que as crianças têm. Depois, há outra vertente que é a menos simpática, que é quando acontece alguma coisa menos positiva, normalmente entre eles, que eles costumam vir à escola ou ligar ou mandar mensagem para saber o que é que aconteceu, porque acho que os pais hoje em dia têm um bocadinho essa característica, acham que as crianças devem de brincar de uma forma que não se magoem, não deem nenhum pontapé ao colega. Portanto, parece que se esqueceram um bocadinho de como é que é ser criança. E então, muitas das vezes, nem é tanto para saber, quando eles nos contactam, não é tanto para saber das coisas dos filhos a nível académico, mas sim pelos comportamentos que os outros têm para com os filhos deles. Portanto, parte também um bocadinho por essa situação. Não sei se consegui responder aquilo que querias

Entrevistadora – Conseguiu.

Entrevistada 5 – Mas pronto, a relação que há hoje em dia escola, professor e com os pais, eles vêm muito também numa perspectiva de perceber o que é que está a acontecer com os filhos, não só a nível académico, mas sim a nível comportamental e os comportamentos que eles têm entre pares nos recreios. Acho que hoje em dia os pais preocupam-se muito com duas coisas, é, que os meninos sejam os melhores alunos do mundo, portanto, não pode haver alunos menos bons, têm que ser todos perfeitos e depois preocupam-se muito quando o menino vai para casa um bocadinho mais triste porque há uma dificuldade e uma contrariedade que eles não conseguem ultrapassá-la. Portanto, eu acho que isto também é um bocadinho da faixa etária deles que não sabem muitas vezes lidar com as frustrações que eles próprios têm. Mas de resto, acho que é muito positivo os pais interessarem-se e virem, também se não vierem, também é um trabalho um bocadinho solitário e a escola tem que ser parceira com os pais senão não funciona.

Entrevistadora – A próxima pergunta é qual é sua perspectiva a respeito da relação, agora, entre a família e o aluno, em termos do processo ensino-aprendizagem.

Entrevistada 5 – É assim, eu tenho aqui duas situações, tenho alguns que são muito empenhados com os filhos e estudam com eles, trabalham com eles e acham que sim, que de facto se deve também trabalhar em casa e que é importante estarem a par de todo o processo dos filhos, mas depois eu acho que há um bocadinho o 8 e o 80. Ou seja, há aqueles que de facto se preocupam muito, não é? E que querem acompanhar e que querem

perceber e que gostam de trabalhar com os miúdos em casa e depois há os outros que quase que se demitem dessa função e acham que a escola é que tem que fazer tudo por eles. Portanto, quase que a escola é que é a tabua de salvação, desde a educação até aos conhecimentos, portanto, a escola é que tem de dar tudo. E não gostam e não apreciam muito trabalhar com os meninos em casa, acham que os meninos, a partir do momento que saem da escola, só devem brincar. É assim, eu pessoalmente, acho que deve de existir aqui um ponto de equilíbrio, logicamente. Na escola deve-se dar todas as ferramentas e mais algumas, para eles poderem também ser um bocadinho autónomos, mas depois em casa também é importante que haja uma supervisão dos pais, que é para os pais perceberem as dificuldades que as crianças têm e como é que os meninos estão, como é que não estão, o que é que estão a aprender. Portanto, também é importante eles terem o espaço deles e brincarem, também não sou apologista de chegarem a casa e têm não sei quantos trabalhos para fazer para além daqueles que eu mando. Mas é a tal coisa, existe, por exemplo, aqui na minha turma tenho aqui alguns que são extremamente rigorosos com eles, mesmo em casa e querem acompanhar tudo e fazer tudo, e depois tenho aqui muitos que acham que a escola é que tem esse papel e na escola é que têm de fazer. Pronto, há as duas... embora na minha opinião é que tenha que haver aqui um equilíbrio entre as duas partes.

Entrevistadora – Que vantagens ou desvantagens considera haver na participação dos pais na escola?

Entrevistada 5 – É assim, depende da perspetiva. Eu acho que é sempre vantajoso nos termos os pais como nossos parceiros e aliados. É muito bom, não é? Facilita todo o nosso trabalho, mas depois, se é nessa perspetiva sim, acho que sim. Mas depois há alguns pais que acham que mandam em casa e também mandam na escola, nas regras, aí nessa perspetiva não me parece muito positiva. Agora sim, se estamos aqui numa perspetiva de cooperação entre escola e casa acho que sim, acho que faz todo o sentido e é muito positiva.

Entrevistadora – Em que atividades ou situações os pais costumam participar? Já disse que agora com o covid...

Entrevistada 5 – Pois, agora nem tanto. É assim, eles agora no que é que têm participado?! Temos feito alguns trabalhos, fizemos pelo dia da família um trabalhinho em que os pais participaram, portanto era um cartão que eles tinham que decorar ao gosto deles com o

tema a família, portanto era um trabalho feito entre pais e filhos e entretanto, no fim-de-semana passado também mandámos uma dobragem para casa por causa do dia da biodiversidade e eles também. Portanto, normalmente são pais que tenho aqui que colaboram nessas atividades quando são pedidas. Outras vezes, é, por exemplo, nas festinhas que havia festa de final de ano, festa de Natal, que eles vinham, eram recetivos a isso e tínhamos sempre a colaboração. Este ano, foi feita um bocadinho diferente, fizemos online a transmissão e todos os pais, só mesmo aqueles que não conseguiam estar naquela hora, mas depois tiveram todos o interesse de ir ver a gravação e do que foi feito. E sim, são bastante empenhados e costumam sempre participar naquilo que é pedido.

Entrevistadora – Como professora titular de turma, considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família?

Entrevistada 5 – Sim. É assim há muitas situações que nós somos aqui muito a ponte de ligação entre as crianças e a própria família. Há coisas que eles são capazes de me contar a mim e que não têm coragem de contar em casa, às vezes certos problemas que eles têm e muitas das vezes nós, e lá está, ser importante a relação entre pais e escola, nós há muitas vezes que conseguimos ajudar as próprias crianças que estão com problemas e que não conseguem resolve-los sozinhos e muitos deles vêm ter connosco e partilham... é assim, eu costumo dizer, eu passo mais tempo com eles do que com os meus filhos e eles com os pais deles, portanto, há certas coisa que eu só de olhar para eles sei que eles estão bem ou não estão bem e é assim, sendo professora deles durante 4 anos nós conhecemo-los perfeitamente e sabemos pela expressão deles se eles não estão bem, o que é que se passa e tentá-los ajudar e depois muitas das vezes tentar chegar aos pais e dizer, “olhe passa-se isto assim assim com o seu filho, veja, esteja mais atenta, há qualquer coisa que não está tao bem” sim, isso acontece muito e é muito positivo e ainda bem que eles têm esse à vontade comigo para poderem exprimir isso e é super importante. Muitos deles até me acabam por tratar por mãe, porque é assim, é a verdade, porque isto é uma relação tão estreita e tão próxima que nós temos durante quatro anos que quando chega ao final, que pronto, que já é uma relação mesmo muito familiar.

Entrevistadora – Considera como sua função ajudar os alunos os eventuais problemas que ocorram com as suas famílias em casa?

Entrevistada 5 – Sim, sim e era aquilo que eu dizia. Muitas das vezes eles vêm ter comigo para eu os tentar ajudar ou pedir um conselho, como é que tu achas que eu devo resolver isto, achas que devo falar, não devo falar. Portanto, é muito importante.

Entrevistadora – Alguma vez deu a conhecer aos pais estratégias para apoiarem os seus filhos em casa?

Entrevistada 5 – Sim, sim. Mesmo em reuniões, logo quando são aquelas primeiras reuniões de primeiro ano, como é que eles devem de os ajudar, de que forma. Muitas vezes eles aceitam e acatam e são recetivas e outras cai mesmo em saco roto, como se costuma dizer, mas sim, acho que é um poder que nós temos enquanto educadores de lhes transmitir algumas estratégias que podem ser positivas e boas, há muitos que aproveitam outros não, mas isso depois já fica na consciência de cada um.

Entrevistadora – Na sua opinião, as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família?

Entrevistada 5 – Sim. É assim, nós com esta situação não temos feito, fizemos, no início do ano letivo, fizemos uma reunião presencial, com dois grupos distintos, portanto, dividimos a turma ao meio, para serem só 12 pais e cada vez e é sempre bom porque há sempre uma partilha de ideias ou um esclarecimento e todos conseguem ouvir a mesma coisa ao mesmo tempo. Acho que sim, que é muito positivo, até quando nós temos alguma coisa para transmitir enquanto turma, não enquanto aluno individual, porque nunca exponho, mas sim os assuntos que são tratados são assuntos de turma e acho que é muito importante e que faz todo o sentido que elas aconteçam, embora não goste nada de fazer esse tipo de reuniões porque é que coisa que eu, gosto muito de falar individualmente, agora quando é para muita gente não gosto muito. Mas sim, acho que são muito importantes e que fazem todo o sentido acontecerem.

Entrevistadora – Há algum aspeto que não tenha sido abordado nesta entrevista e que gostasse de acrescentar?

Entrevistada 5 – Não. Porque é assim, é mesmo a dinâmica escola família, não é? O tema.

Entrevistadora – Sim.

Entrevistada 5 – Acho que sim. Olha acho que é muito importante os pais estarem presentes na vida dos alunos e perceberem a dinâmica e o funcionamento, mas eu acho que é fundamental também os pais perceberem qual é que é o papel deles e muitas das

vezes os pais, esquecem-se muitas vezes que são pais, e eu acho que hoje em dia há muito a ideia que os pais são os melhores amigos, não, para mim isso... logicamente são grandes amigos dos filhos mas além disso devem de ser pais, devem de por limites e regras e muitas das vezes acho que esses papéis estão um bocadinho confundidos. Mas sim, faz todo o sentido a escola e a família estarem unidas porque é muito mais fácil neste processo todo e nesta caminhada que eles vão fazer ao longo de vários anos, mas nos primeiros anos acho que é muito importante.

Entrevistadora – Está tudo, obrigada.

Entrevistada 5 – Está tudo? De nada. Portanto se precisares mais alguma coisa da minha parte é só dizeres.

Entrevistadora – Obrigada.

G.6. Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 1º ano

Data: 2 de junho às 12h00.

Entrevistadora – Eu chamo-me Jéssica e queria a vossa ajuda para fazer um trabalho da minha escola. Vamos falar um bocadinho sobre vocês, a escola e o vossos pais. Vocês querem-me ajudar?

Todos – Sim!

Entrevistadora – Boa! **Em primeiro lugar queria perguntar os vossos nomes. Fala uma de cada vez.**

Entrevistada 7 – ...

Educadora Social – Não, começa por ordem numa ponta.

Entrevistada 6 –...

Entrevistada 7 – ...

Entrevistada 8 – ...

Entrevistadora – **Ok, e agora queria perguntar a vossa idade. Começa a ...**

Entrevistada 6 – **Sete anos.**

Entrevistadora – A ...

Entrevistada 7 – **Seis.**

Entrevistadora – E a ...

Entrevistada 8 – **Seis.**

Entrevistadora – **E são de que turma?**

Todas – **Do 1º ano.**

Entrevistadora – **Agora queria que falassem um bocadinho sobre o vosso dia-a-dia. Queria que falassem sobre o que vocês fazem desde que acordam até se irem deitar, ok? Começa a ...**

Entrevistada 6 – Ah, primeiro acordo, depois vou-me vestir, vou pequenalmoçar, às vezes lavo a cara primeiro. Depois ... vou escovar os dentes, vou fazer as coisas da higiene e depois vou calçar-me, quando a mãe pode estar um bocadinho atrasada eu posso ver televisão e depois vou à escola. Depois faço trabalhos da escola, é o recreio, depois trabalhos da escola, recreio, trabalhos, ATL. Depois quando chego a casa eu vou estudar às vezes porque podemos ter testes e depois vou jantar, vejo um bocadinho de televisão, vou tomar banho e deito-me.

Entrevistadora – Boa. Agora a ...

Entrevistada 7 – Eu acordo, vou-me vestir, vou comer, lavo os dentes e a cara e vou para a escola, faço os trabalhos, brinco, faço os trabalhos, almoço e depois vou brincar, depois fazer os trabalhos e depois o ATL. Depois vou para casa, tomo banho, vou jantar e vou ver um bocadinho de televisão e depois vou para a cama.

Entrevistadora – Boa. Agora a ...

Entrevistada 8 – Eu acordo, vou-me vestir, vou lavar os dentes, vou comer, depois vou preparar o lanche da manhã, vou ver um bocadinho de televisão enquanto como, depois a mãe leva-nos para a escola e depois eu vou brincar um bocadinho, vamos para as aulas, depois fazemos um bocadinho, depois é o lanche da manhã. Depois vamos fazer os trabalhos, depois vai ser o almoço, depois vamos brincar de novo e depois vamos estudar e depois vamos lá para baixo brincar um bocadinho, às vezes há dança. Depois a gente, eu, vou fazer o ATL, entretanto a minha mãe vem, vou para casa, depois eu vou ver um bocadinho de televisão.

Entrevistada 7 – Oh ..., deixa estar assim.

Entrevistada 8 – Depois vou comer e depois vou brincar um bocadinho, ver televisão, vou dormir e pronto.

Entrevistada 7 – E preciso de dizer mais outra coisa.

Entrevistadora – Diz ...

Entrevistada 7 – Eu ontem fui à equitação.

Entrevistadora – Foi?! E gostaste?

Entrevistada 7 – Sim, gostei muito!

Entrevistadora – Que bom!

Entrevistada 7 – Foi divertido, depois fiz isto e o cavalo estava a correr muito depressa e ele é gigante.

Entrevistadora – Não tiveste medo?

Entrevistada 7 – E a menina andou no mesmo cavalo que eu, só que eu vou andar num cavalo mais pequeno.

Entrevistadora – Corajosa.

Educadora Social – Então vá, deixa lá agora a Jéssica acabar.

Entrevistadora – Os vossos pais ajudam-vos com as coisas da escola? Começa a ...

Entrevistada 6 – Ok. Às vezes ajudam.

Entrevistadora – ...

Entrevistada 7 – Ajudam às vezes.

Entrevistadora – E a ...?

Entrevistada 7 – Porque eu sei algumas.

Entrevistada 8 – Ajudam-me às vezes menos a fazer copias.

Entrevistadora – Pois.

Entrevistada 7 – E a mim também, não me ajudam a fazer copias.

Educadora Social – Têm de ser vocês.

Entrevistadora – Os vossos pais gostam quando vocês têm boas notas?

Todas – Sim!

Entrevistadora – Boa! E o que é que acontece quando têm más notas? ...

Entrevistada 6 – Às vezes quando o meu pai vai às compras eu compro só um donuts.

(risos)

Entrevistadora – Quando tens más notas, ele não diz anda?

Educadora Social – Elas não têm más notas ainda.

Entrevistadora – Não têm más notas? (risos)

Educadora Social – (risos) Não ainda fizeram poucos testes, coitadinhas. Já tiveram más notas nos testes?

Todas – Não!

Entrevistada 6 – Só tivemos erros.

Entrevistadora – Pronto, muito bem.

Educadora Social – Mas se errarem algumas coisas os pais dizem alguma coisa?

Entrevistada 7 – Para a próxima tenta fazer melhor.

Entrevistada 6 – Não faz mal, a minha diz não faz mal porque estamos a aprender.

Entrevistadora – Muito bem, é isso mesmo.

Entrevistada 8 – Toda a gente erra.

Entrevistadora – E costuma haver atividades na escola que os vossos pais vão ver? Agora com o covid não há atividades, mas fizeram online uma festinha não foi?

Todas – Sim.

Entrevistadora – E os vossos pais viram?

Entrevistada 8 – No Carnaval.

Educadora Social – No Natal. Os pais costumam ver as tuas atividades, ...? As festinhas.

Entrevistada 6 - Sim.

Entrevistadora – Matilde, eles costumam ver?

Entrevistada 7 – Sim.

Entrevistadora – ...

Entrevistada 8 – Sim. Às vezes.

Entrevistadora – Terminámos a nossa entrevista, obrigada pela vossa ajuda.

Entrevistadas 7 e 8 – De nada.

Entrevistada 6 – Não tem de que.

Todas – Beijinhos!

Entrevistadora – Xau, beijinhos!

G.7. Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 2º ano

Data: 7 de junho às 12h00.

Entrevistadora – Olá, eu chamo-me Jéssica e preciso da vossa ajuda para fazer um trabalho da minha escola, vocês querem-me ajuda?

Todos – Sim!

Entrevistadora - Em primeiro lugar queria perguntar o vosso nome, e a vossa idade, fala um de cada vez.

Entrevistada 9 – Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.

Entrevistado 10 – Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.

Entrevistada 11 – Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.

Entrevistadora – E de que turma é que são?

Todos – Do 2º ano.

Entrevistadora – Podem-me...

Entrevistado 10 – E ela é minha...

Entrevistadora – Diz, diz.

Entrevistado 10 – Ela é minha irmã.

Entrevistadora – Ahh (risos), ok. Podem-me falar um bocadinho do vosso dia-a-dia, casa e na escola? O que é que vocês fazem desde que acordam até irem dormir. Começa a ...

Entrevistada 9 – Primeiro eu acordo, depois vou tomar o pequeno-almoço. Os pais perguntam de manhã o que é que eu quero para o pequeno-almoço, depois fico um bocado na cama à espera que eles me chamem e depois vou comer, e depois a mãe prepara a roupa, depois espero, às vezes vejo um pouco de televisão e depois vou para a escola. Tenho aulas, mas tenho várias, hoje tive de música e fizemos bater nos joelhos, depois bater noutras pessoas nos joelhos e foi uma coisa que para mim foi muito complicada e depois fomos ao intervalo, mas antes da aula de música fizemos um ditado e agora a professora, neste momento deve de estar a corrigir.

Educadora Social – Como é que é o dia-a-dia? Depois tens o intervalo da manhã...

Entrevistada 9 – Depois do intervalo da manhã vou para as aulas, depois almoço, depois vou para o recreio e depois volto às aulas, depois vamos lanchar, a minha mãe vem-me buscar e provavelmente irá ao supermercado e depois vamos para casa e depois a mãe vai pedir para eu tomar banho e a seguir vou brincar e depois a mãe chama-me para ir jantar, vejo um pouco de televisão e vou para a cama.

Entrevistadora – Boa, agora o ...

Entrevistado 10 – Ah, o meu dia é todo igual ao da Kika, só que há umas coisinhas diferentes, no intervalo da manhã quase nunca brinco com ela, raramente.

Entrevistada 9 – É raro.

Entrevistado 10 – No almoço o meu companheiro é um amigo meu, que é o meu melhor amigo e atrás de mim está a melhor amiga da minha irmã.

Entrevistada 9 – A ...

Entrevistado 10 – É a Kika está na mesa ao lado da Kika.

Entrevistada 9 – Na mesa ao lado na minha melhor amiga.

Entrevistado 10 – Pois. Mas depois o que é que eu faço? Ah, o que é que eu faço... vejo programas que mais ao menos vês...

Educadora Social – Mas tens de falar só de ti, é como se vocês não se conhecessem. Diz lá como é que é o teu dia-a-dia.

Entrevistado 10 - Jogo muito futebol, adoro. Quarta-feira tenho treinos, depois sábado tenho jogo e ando num clube que se chama CADE e depois tenho alguns amigos e também a minha coisa favorita do dia-a-dia que ainda não passou, é... era... aí... é quando era quinta-feira e é feriado.

(risos)

Entrevistadora – É bom, não é?!

Entrevistado 10 – É! Na última vez, da última vez que foi feriado fomos a Aveiro, foi que o meu avô nasceu lá, materno, e o meu melhor amigo, a mãe do meu melhor amigo, acho que também nasceu lá, não sei.

Entrevistadora – Ok, agora é a ...

Entrevistada 11 – Então, no meu dia-a-dia, eu acordo, vou para a cozinha, se tiver tempo, primeiro vejo um bocadinho de televisão e depois a mãe pergunta-me o que é que eu quero comer. Vou para a escola, depois lá eu também fiz o ditado e a aula de música e depois em casa vejo também televisão um bocadinho, às vezes vejo um bocadinho o telemóvel para descontraír e depois vamos dormir.

Entrevistadora – Ok, os vossos pais costumam ajudar-vos nas coisas da escola?

Todos – Sim.

Entrevistada 11 – Muito.

Entrevistado 10 – Nos trabalhos de casa é mais o pai, em tudo é mais o pai, da escola. A mãe ajuda um bocadinho, mas a mãe tem de estender a roupa, lavar a loiça, essas coisas todas de miúdas.

Educadora Social – De miúdas? Aí que machista.

Entrevistado 10 – De casa.

Educadora Social – Aí que machista, aí Afonso nem ouvi nada disso, coisas de miúdas?

Entrevistado 10 – Eu não sei tudo sobre miúdas.

Educadora Social – Pois, mas a lida da casa é de miúdas e de miúdos!

Entrevistadora – É de todos!

Educadora Social – É dos dois, moram lá duas pessoas, em princípio...

Entrevistado 10 – Moram dois homens...

Educadora Social – E duas mulheres, é dos quatro. (risos)

Entrevistado 10 – Ya. Algumas vezes a mãe pensa trocar a Kika, que é a minha irmã, por um rapaz, porque a minha mãe diz sempre “os rapazes são mais sossegados”.

(risos)

Entrevistadora – Depende...

(risos)

Entrevistadora – E eles gostam quando vocês têm boa notas?

Todos – Sim.

Entrevistadora – E quando têm más notas, o que é que acontece?

Entrevistado 10 – O meu pai diz na brincadeira, como eu estudei muito para o ditado ele diz “Afonso se não tiveres zero erros e zero faltas no ditado, um erro é igual a um castigo”.

Entrevistada 9 -Mas às vezes isso é só brincadeira, o pai, quando é um erro ele fica muito orgulhoso, mas quando nós tivemos três erros num ditado que era muito fácil, o pai aí ralhou muito connosco, por causa que o ditado era tão fácil e havia coisas que nós sabíamos mas que nós... ah... não ... faltava-nos letras, portanto, o pai dessa vez chateou-se, mas desde um ditado que era sobre o alfabeto, eu comecei a ter zero erros a partir daí, fiquei muito feliz por ter zero erros, foi a primeira vez para mim.

Entrevistadora – ...

Entrevistada 11 – Ficam felizes.

Educadora Social – Ela não tem más notas, pois não ...?

Entrevistada 11 – Não.

Entrevistadora – Ainda bem.

Educadora Social – Eles também não!

Entrevistado 10 – Ela a matemática teve cem por cento.

Entrevistadora – Foi? Muito bem.

Entrevistado 10 – Eu tive 94.

Entrevistadora – Boa.

Entrevistada 11 – E eu 83.

Entrevistadora – Também é muito bom.

Entrevistado 10 – Subi um bocadinho, estava sempre no bom, subi.

Entrevistadora – Boa. E os pais costumam ver as atividades que vocês têm na escola? Por exemplo as festas de Natal, mesmo que sejam online?

Entrevistada 9 – Sim.

Entrevistado 10 – Às vezes quando temos um papel esquecemo-nos de entregar.

Entrevistada 9 – Mas os pais vêm sempre, depois acabamos por nos lembrar e os pais vêm sempre.

Educadora Social – E as festas, os pais costumavam assistir sempre?

Entrevistado 10 – As festas sim, costumam de assistir sempre, mas acontece uma coisa que é, primeiro chega um que é normalmente a mãe e depois chego o pai.

Educadora Social – Pois, estão a trabalhar.

Entrevistadora – ...

Entrevistada 11 – Sim.

Entrevistadora – Ok, terminámos a nossa entrevista, obrigada pela vossa ajuda.

Todos – Adeus!

Entrevistadora – Tchau!

G.8. Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 3º ano

Data: 24 de maio às 11h15.

Entrevistadora – Olá, eu chamo-me Jéssica, e queria a vossa ajuda para fazer um trabalho da minha escola. Vamos falar um bocadinho sobre vocês, sobre a vossa escola e os pais, pode ser?

Entrevistadas 12 e 14 – Sim

Entrevistado 13 – Claro.

Entrevistadora – Eu queria começar por perguntar os vossos nomes e a vossa idade, pode falar um de cada vez, pode ser?

Entrevistado 13 – Começa a ...

Entrevistadora – Então podes começar ...

Entrevistadas 12 – Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.

Entrevistado 13 – Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.

Entrevistada 14 – Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.

Entrevistadora – Ok, e vocês são de que turma?

Todos – 3º ano.

Entrevistadora – Muito bem.

Entrevistado 13 – Cá da Escola Rumo ao Futuro.

Entrevistadora – Sim. Agora queria que falassem um bocadinho sobre o vosso dia-a-dia, na escola e em casa, ou seja, desde que acordam até irem dormir. E começa a ..., pode ser ...?

Entrevistadas 12 – Eu acordo, eu vou-me vestir, vou tomar o pequeno-almoço, lavo os dentes e depois venho para a escola e na escola depois estudamos, brincamos, aprendemos, a professora ralha, depende dos dias.

Entrevistado 13 – Sim.

Entrevistadas 12 – Depois quando chego a casa, antes de ir para casa tenho atividade ou é tempo ou é patinagem e depois vou jantar, descanso, faço os trabalhos e depois vou dormir.

Entrevistadora – Muito bem, agora o ...

Entrevistado 13 – Eu vou explicar os meus dias de basquete que é a sexta-feira e a terça. É, eu acordo vou-me vestir, preparo tudo, lavo os dentes e depois saio logo às sete da manhã para ir para a escola. Depois lá na escola termino de comer, brinco com os meus amigos e a professora vem lá nos buscar. Vamos para a sala, aprendemos coisas, depende se a professora está feliz é melhor é mais nossa amiga e depois quando eu vou para casa, coloco as minhas sapatilhas para o basquete, vou treinar e depois vou-me embora, vou para casa. Fico ali a ver um bocadinho um filme, estudo, faço os TPC's, se tiver e depois vou jantar e vou para a cama.

Entrevistadora – Agora a ...

Entrevistada 14 – Eu acordo, vou tomar o pequeno-almoço, depois eu visto-me, lavo os dentes e depois vou para a escola. Quando vou para a escola eu fico lá duas horas e..., à sexta-feira tenho dança. Depois eu volto para casa para fazer os TPC's ou não. Depois eu janto e durmo.

Entrevistadora – Boa. Agora queria fazer outra pergunta, os vossos pais ajudam-vos com as coisas da escola?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Primeiro...vamos um de cada vez, primeiro a ...

Entrevistadas 12 – Se eu tiver dúvidas eles ajudam se eu não tiver dúvidas eles não ajudam e eles corrigem os TPC's.

Entrevistadora – Boa. O ...

Entrevistado 13 – A mim é praticamente igual à ..., quando eu tenho dúvidas a mãe faz ali uma explicação e depois levo as coisas... porque eu nunca costumo ter muita coisa errada. Nem eu, nem a ... nem a ... Agora és tu.

Entrevistadora – Agora a ...

Entrevistada 14 – Faço os trabalhos e depois eles corrigem, é o mesmo que a ...

Entrevistadora – Os vossos pais gostam quando têm boas notas na escola?

Todos – Adoram!

Entrevistadora – E quando têm más notas o que é que acontece?

Entrevistado 13 – Ah! Eu não sou de ter má notas, mas a minha mãe coloca-me de castigo.

Entrevistadas 12 – Não sei, nunca tive abaixo de Bom mais!

Entrevistado 13 – Nem eu! Uma vez tive suficiente, foi o primeiro teste da minha vida.

Entrevistadas 12 – Por isso eu não sei o que é que acontece.

Entrevistada 14 – Eu não fico de castigo, dei o meu melhor.

Educadora Social – Claro.

Entrevistadora – Costuma haver atividades na escola que os pais venham ver? Por exemplo festas ou outras coisas assim?

Entrevistado 13 – Sim, mas agora com o covid...

Entrevistadora – Primeiro a ...

Entrevistadas 12 – Com o covid não dá, mas antes havia no Natal e no fim do ano.

Entrevistado 13 – No magusto.

Entrevistadas 12 – E no magusto.

Educadora Social – E havia aula assistida...

Entrevistado 13 – Sim! E havia outra coisa, nós íamos andar de autocarro... houve uma em que os nossos pais ficaram lá para onde nós fomos no autocarro, um bocadinho e depois os pais foram-se embora.

Entrevistada 14 – Eles foram-se embora porque o autocarro saiu...

Entrevistado 13 – Sim.

Entrevistadora – Pronto. Terminámos a nossa entrevista, obrigada pela vossa ajuda!

Todos – De nada!

G.9. Transcrição de entrevista-conversa aos estudantes do 4º ano

Data: 25 de maio às 11h15.

Entrevistadora – Olá, eu chamo-me Jéssica e preciso da vossa ajuda para um trabalho da minha escola. Vamos falar um bocadinho sobre vocês, sobre os vossos pais e a escola, pode ser? Ajudam-me a fazer o trabalho?

Todos – Sim!

Entrevistadora – Quero saber como se chamam e a vossa idade. Têm de falar um de cada vez.

Educadora Social – Começa o ...

Entrevistado 15 – Ok. Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.

Entrevistada 16 – Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.

Entrevistada 17 – Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.

Entrevistadora – E de que turma é que são?

Todos – 4º ano.

Entrevistadora – Boa. Agora queria que falassem um bocadinho sobre o vosso dia-a-dia, o que vocês fazem desde que acordam até irem dormir. Começa o ... a falar, pode ser ...?

Entrevistado 15 – Sim.

Entrevistadora – Então vá, conta lá um bocadinho.

Entrevistado 15 Então acordo, como, visto-me, venho para a escola.

Entrevistada 16 – Não lavas os dentes? (risos)

Entrevistado 15 – Lavo os dentes primeiro que tudo, depois vou para a escola, tenho as minhas aulas, tenho os meus intervalos, volto para casa, faço os meus TPC's, estudo...

Entrevistada 16 – E depois dormes.

Entrevistado 15 – Não, primeiro janto, depois lavo os dentes, depois vou tomar banho e depois é que como. Não, e depois é que vou dormir.

Entrevistadora – Boa, agora a ...

Entrevistada 16 – Eu acordo, visto-me, como, depois lavo os dentes, lavo-me e depois vou para a escola, estou com os meus amigos um pouco, depois vou ter aulas, depois das aulas vou ter os intervalos e brinco um bocado com os meus amigos, depois outra vez aulas, depois vou para casa, depois estudo, quando é testes e depois vou dormi... ahh... vou... ahh... não, vou tomar banho, depois vou jantar, depois lavo os dentes e vou para a cama. Sonhar.

Entrevistadora – Agora a ...

Entrevistada 17 – Então eu acordo, depois visto-me normalmente, depois vou tomar o pequeno-almoço, lavo os dentes, vou para a escola, depois tenho as aulas, brinco com os amigos, depois tenho outra vez aulas, vou para casa, faço os trabalhos de casa e depois não... vou jantar, lavo os dentes, tomo banho também e depois vou dormir.

Entrevistadora – Ok. Agora...

Entrevistada 17 – Ah e...

Entrevistadora – Diz diz...

Entrevistada 17 – Nada nada.

Educadora Social – Coitados destes meninos, vão logo para a cama.

Entrevistado 15 – Pois é!

Entrevistada 16 – Não, não é. Oh é verdade, o amor amor eu vejo no dia a seguir, puxo para trás que a minha televisão dá para puxar, grava-se e pronto, está bom.

Entrevistadora – Os vossos pais ajudam-vos com as coisas da escola?

Entrevistada 16 – Sim.

Entrevistadora – Começa a responder o ...

Entrevistado 15 – Sim, às vezes, quando eu preciso de ajuda sim.

Entrevistadora – Ok, ...

Entrevistada 16 – Sim, muitas vezes quando há testes eles estudam um pouco comigo, a minha mãe... é mais a minha mãe porque ela é professora aqui.

Entrevistadora – E a ...

Entrevistada 17 – Sim, quando eu preciso de ajuda e quando tenho dúvidas.

Entrevistadora – Muito bem. E eles gostam que vocês tenham boas notas na escola?

Todos – Sim.

Entrevistadora – Começa o ...

Entrevistado 15 – Claro.

Entrevistadora – ...?

Entrevistada 16 – Sim, gostam muito.

Entrevistadora – E a ...?

Entrevistada 17 – Gostam muito!

Entrevistadora – E o que é que acontece quando têm más notas? Começa o ...

Entrevistada 16 – Ralham comigo, apenas e depois dizem... é assim, quando tiro bom é “tens de estudar mais um pouco” e bom mais é, “só mais um bocadinho” e quando tiro muito bom é “nada mais que a tua obrigação”.

(Risos)

Entrevistadora – ...

Entrevistada 16 – Não, ...

Entrevistadora – E o ... já respondeu?

Entrevistada 16 – Sim.

Educadora Social – Ele disse raspanete.

Entrevistado 15 – Levo raspanete.

Entrevistadora – Ah ok, não tinha ouvido.

(Risos)

Entrevistadora – ...

Entrevistada 17 – O meu pai diz que eu podia melhorar mais um bocadinho.

Educadora Social – Eles não têm más notas, eles nem sabem o que é que é isso.

Entrevistada 16 – Pois não.

Entrevistado 15 – É só muito bom, bom mais e bom.

Entrevistadora – Muito bem. E quando há atividades na escola, os vossos pais costumam ir ver? Por exemplo festas ou outras atividades? ...

Entrevistado 15 – Sim.

Entrevistadora – ...

Entrevistada 16 – Sim, sim, sim e eles gostam muito.

Entrevistadora – ...

Entrevistada 17 – Sim, também.

Entrevistadora – Terminámos a nossa entrevista e já está. Obrigada por me ajudarem!

Todos – De nada.

H. Análise individual de conteúdo das entrevistas

H.1. Análise de conteúdo da entrevista à Educadora Social

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista			
Entrevistados/as: Educadora Social – Entrevistada 1			
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa	
Cor	Identificar a informação básica.	<p>“... tenho quarenta e um anos. Estudei sempre aqui no <i>Entroncamento até ao secundário, quando acabei o 12º fui para Santarém tirar o curso de Educação Social, na altura que entrei, o curso era só de bacharelato... entrei para o curso em 97... mas depois entretanto abriu para licenciatura, ou seja, nós não precisámos de fazer nada e continuámos... Os três anos normais com aulas de manhã e à tarde, o 4º ano aulas de tarde/noite, acabava a última aula às 23h30 da noite... O último ano foi estágio, o estágio final de curso, e eu estagiei aqui no centro, no último ano. No ATL que agora já não existe, era um prolongamento da escola da Zona Verde, nós íamos buscá-los e levá-los e eles passavam aqui muito tempo. Eu fiz o meu projeto todo à volta desses miúdos, era do 1º ao 4º ano, tínhamos atividades todos os dias com eles e o tema era a importância da natureza e da preservação do meio. Acabei o curso em maio, se não me engano abril/maio, quando tivemos de apresentar o trabalho final de curso</i></p>	<p>A entrevistada 1 tem 41 anos de idade. Estudou sempre no <i>Entroncamento até ao 12º ano</i>, depois, em 1997, tirou o curso de Educação Social, 3 anos em bacharelato e 2 anos em licenciatura. No último ano teve o estágio final de curso onde estagiou no ATL do Centro Social Paroquial do <i>Entroncamento</i>, onde iam buscar, levar e ocupar os tempos livres das crianças da escola da Zona Verde. A entrevistada 1 realizou um projeto com essas crianças em que o tema era a importância da natureza e da preservação do meio. Em setembro do mesmo ano que terminou a licenciatura, é chamada para trabalhar no ATL</p>

		<p><i>e em setembro chamaram-me para vir aqui para o Centro, porque estavam duas raparigas que tinham o 12º ano e precisavam de uma pessoa licenciada para o ATL estar, digamos legal. Para estar legal tinham de ter uma pessoa licenciada e como eu estava a estagiar, perguntaram se tinham gostado de mim e como eu tinha feito um bom trabalho fiquei. Portanto, já estou aqui desde... Dia 9 de setembro de 2002... Estava nesse tal ATL que ia buscar os meninos da Zona Verde e levá-los, mas depois acabou... Porque nós tínhamos uma escola, a Escola Rumo ao Futuro, que tinha um ATL e que não estava tão ativo, dinamizado, então começaram aqui a pensar, as pessoas que mandam, quer dizer, estavam a prestar um serviço a uma escola pública e o ATL daqui estava um bocadinho esquecido.” (Entrevistada 1)</i></p>	<p>do Centro Social Paroquial do Entroncamento, entretanto esse ATL passou, até ao momento, a ser apenas da escola Rumo ao Futuro. A entrevistada 1, trabalha no ATL desde 9 de setembro de 2002 até agora.</p>
Cor	<p>Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro.</p>	<p><i>“... depois fiquei a tempo inteiro no ATL da Escola Rumo ao Futuro, com a responsabilidade de coordenar o ATL.” (Entrevistada 1)</i></p>	<p>A entrevistada 1 trabalha a tempo inteiro no ATL da Escola Rumo ao Futuro e tem como função a coordenação do ATL.</p>
Cor	<p>Conhecer o dia-a-dia na instituição.</p>	<p><i>“Entretanto também criámos outra valência que é o Futuro 2, em que os meninos do 5º e do 6º ano que estiveram nesta escola, vamos levá-los e buscá-los e damos apoios nas tardes livres, temos professoras específicas para certas áreas e quando não dá para</i></p>	<p>Para além do ATL, a Escola Rumo ao Futuro apresenta outra valência, da qual a entrevistada 1 também faz parte, em que acompanham as crianças do 5º e 6º ano, que tenham frequentado</p>

	<p><i>estarem a ter aula, ficam no estudo acompanhado a fazer os trabalhos de casa e tudo o que for preciso fazer. Portanto, basicamente, agora com isto do Covid, o meu dia-a-dia alterou-se um bocado, porque os horários ficaram diferentes, o 1º e o 2º ano têm um horário, o 3º e o 4º têm outro, há muitos recreios. Mas por norma, o que é que eu faço? Dou apoio educacional a crianças que precisam, com dificuldades de aprendizagem. Eu tenho uma disciplina, com muita pena minha, gostava muito de ter tirado a pós-graduação em educação especial, na altura não se proporcionou, mas fui tirar uma disciplina da psicomotricidade, porque tínhamos aqui uma criança que trabalhámos muito com ela a esse nível e eu para entender um bocadinho melhor a problemática dele e para o ajudar, fui tirar essa disciplina... Este ano temos aqui uma criança com algumas necessidades, com autismo e atraso no desenvolvimento... gostava de saber mais e perceber mais para ajudar, para fazer mais alguma coisa por ele, mas fazemos o que podemos, não é?! E tentamos fazer sempre mais e melhor. Então o meu dia-a-dia basicamente é isso, neste momento nem tanto por causa dos horários, mas por norma seria os apoios das crianças com dificuldades, ficar com eles em determinados horários. Vou ao ciclo buscá-los e levá-los, é uma das minhas funções... Também fico às vezes, este ano não porque não tenho o horário, mas por vezes tenho</i></p>	<p>a escola Rumo ao Futuro anteriormente, levando-os e buscando-os à escola atual e também apoiam as tardes livres com estudo acompanhado e auxílio nos trabalhos de casa.</p> <p>A entrevistada 1 refere que devido ao Covid o seu dia-a-dia alterou-se um pouco, os horários ficaram diferentes e há muitos recreios porque o 1º e 2º ano têm um determinado horário e o 3º e 4º ano têm outro.</p> <p>A entrevistada 1 revela que, foi tirar uma disciplina de psicomotricidade para entender e aprender mais sobre essa problemática e poder ajudar melhor uma criança com quem trabalhavam a esse nível.</p> <p>O dia-a-dia da entrevistada 1 passa por acompanhar as crianças com dificuldades, em determinados horários, ir buscar e levar as crianças ao ciclo, quando tem horário, que não é o caso deste ano, também acompanha as crianças do ciclo no estudo acompanhado e no</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>de ficar com os do ciclo à tarde no estudo acompanhado e apoio ao estudo e depois é a parte da tarde o ATL.” (Entrevistada 1)</i>	apoio ao estudo e por fim, à tarde, fica responsável pelo ATL.
Cor	Entender a sua atuação em relação à interação escola família.	<i>“... temos à vontade para falar com os pais, quase todos. O mais difícil no meio deste trabalho às vezes são as famílias, os pais, são eles que atrapalham um bocadinho as coisas, temos aqui miúdos um bocadinho, não digo problemáticos, mas que acham que o mundo gira à volta deles, mas no fundo a culpa não é deles, é os pais que vêm por trás, porque um tocou-lhe e a mãe vem logo fazer queixa, e há logo uma briga, e há logo um não sei que, e há logo participação e há logo pronto. E acho que às vezes não deixam os miúdos resolverem as coisas por eles e os miúdos são bons, todas as crianças são boas elas nascem todas boas... mas de qualquer das maneiras quando há alguma coisa para dizer a nível do meu trabalho e com eles, eu falo com os pais e eles aceitam bem... às vezes quando sabem que uma pessoa é licenciada até acabam por nos ouvir e por nos verem de outra maneira... e às vezes sinto-me um bocadinho frustrada a esse nível, confesso. Não é sempre fácil, mas gosto muito do que faço.” (Entrevistada 1)</i>	<p>Sobre a interação entre a escola e a família, a entrevista 1 diz que tem à vontade para falar com os pais quase todos.</p> <p>Isto porque, de acordo com a entrevistada 1, os pais por vezes não deixam as crianças resolverem os conflitos que têm entre crianças e acabam por se meter nesses conflitos fazendo queixas, brigas ou participações.</p> <p>Contudo, a entrevistada 1 que quando tem alguma coisa para dizer a nível do seu trabalho ou das crianças que fala com os pais e eles costumam aceitar bem.</p> <p>A entrevistada 1 confessa também que quando as famílias sabem que ela é licenciada acabam por a ouvir e por a verem de outra maneira.</p> <p>Por fim, a entrevistada 1 também nos diz que nem sempre é fácil, mas que gostam muito do que faz.</p>

Cor	<p>Conhecer as metodologias e estratégias que utiliza.</p>	<p><i>“...nós aprendemos muitas coisas na escola, não é? As metodologias e tal, mas isto depois no dia-a-dia as coisas acabam por não ser bem assim. Tu não consegues pensar quando estás a fazer certas coisas no momento com os miúdos... uma pessoa quando está no impulso tenta logo resolver as coisas. Eu acho que tenho um papel ativo, a nível dos miúdos e das famílias... Não acho que tenha alguma metodologia, é o falar, é o chegar mais perto dos pais, é estar disponível para os ouvir porque somos muitas vezes ali confidentes, na hora da entrega ouvimos muita coisa, estar disponível para eles enquanto família e para eles enquanto crianças, ralhar quando achamos que temos de ralhar, porque também acho que faz parte da educação, nós podemos chamá-los à atenção... Sermos humanos, acima de tudo, lembrarmo-nos que se fosse com o meu filho o que é que eu gostava que me fizessem, pormo-nos no lugar do pai... mostrarmo-nos sempre disponíveis e compreensíveis... Ora metodologias não te posso dizer que uso uma metodologia assim, é o falar, o escutar, o estar presente, tentar sempre ajudar, estar sempre lá. Disponibilizar-me para tudo, praticamente todos os pais têm o meu número de telemóvel, para mandarem mensagem, para perguntar, para falarem com os filhos na altura em que havia, imagina, exames, eu era capaz de mandar mensagem aos pais todos a dizer que o exame dos miúdos tinha corrido bem, mando fotos dos</i></p>	<p>Em relação às metodologias e estratégias, a entrevistada 1 diz que na escola aprendemos muitas coisas sobre isso, mas que no dia-a-dia as coisas nem sempre são assim porque por vezes não há tempo para pensar e certas situações têm de ser resolvidas no momento.</p> <p>A entrevistada 1 considera que tem um papel ativo tanto com as crianças como com as famílias.</p> <p>Apesar de considerar que não têm nenhuma metodologia, ao longo da entrevista revelou que a sua metodologia passa por comunicar, falar, chegar mais perto dos pais, estar disponível para os ouvir, ela refere ser muitas vezes uma confidente na hora da entrega das crianças aos pais. Estar disponível e presente para as famílias e também para as crianças, chamar à atenção quando necessário, ter a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, ser</p>
-----	------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p><i>recreios eles a fazerem isto ou aquilo... atividades e coisas gosto de estar perto das famílias, gosto de falar, gosto de comunicar e gosto do que faço, às vezes vou cansada e saturada... mas gosto, senão não estava aqui à 19 anos.” (Entrevistada 1)</i></p>	<p>compreensível, tentar sempre ajudar e acima de tudo ser humano.</p> <p>A entrevistada 1 menciona que praticamente todos os pais têm o número de telemóvel dela, para mandar mensagem, para falarem com os filhos, para partilhar fotografias com os pais dos filhos a fazer atividades e no recreio.</p>
Cor	<p>Recolher informações complementares</p>	<p><i>“Nem todos sabem que eu sou Educadora Social, nem todos sabem o que é que é isso, para eles eu sou mais uma auxiliar que aqui está e até sou porreirinha e tal, não... Isso é que eu sinto às vezes um bocadinho, uma certa desvalorização, pronto, digamos assim.” (Entrevistada 1)</i></p> <p><i>“...gostava que, mas isso depende todos e também do estado e isso, que é o nosso trabalho ser um bocadinho mais valorizado, termos tabelas um bocadinho mais dignas, porque estou aqui à 19 anos, não me posso queixar porque é a tabela existente não é?... a esse nível financeiro às vezes não somos tão bem vistos, digamos assim. Estamos ali, não somos nem carne nem peixe, somos um bocadinho o faz tudo, mas também cabe a nós marcar ponto e marcar a nossa posição. A nível de estado, de governo, gostava que as tabelas fossem um bocadinho mais justas em relação por exemplo aos educadores</i></p>	<p>No decorrer da entrevista, a entrevistada 1 referiu que por vezes se sente um pouco desvalorizada porque nem todos os pais sabem que ela é Educadora Social e para eles ela é só mais uma auxiliar.</p> <p>Também nos diz que gostava que o nosso trabalho, enquanto educadores sociais, fosse um bocado mais valorizado a nível financeiro, uma vez que acabamos por ser um bocado o “faz tudo” e acaba por ser um bocado injusto em relação por exemplo aos educadores de infância ou aos professores primários, mas que temos de marcar a nossa posição.</p>

		<i>de infância ou os professores primários, mas não me posso queixar, estou perto de casa e pronto, é isso.” (Entrevistada 1)</i>	
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

H.2. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 1º ano e coordenadora

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista			
Entrevistados/as: Prof. 1º ano e Diretora Pedagógica – Entrevistada 2			
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa	
Cor	Identificar a informação básica.	“...é ..., a minha idade são 48 anos, sexo feminino.” (Entrevistada 2)	A entrevistada 2 tem 48 anos e é do sexo feminino.
Cor	Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro.	“... eu sou professora de primeiro ciclo, este ano estou a lecionar o primeiro ano e acumulo com a função de diretora pedagógica” (Entrevistada 2)	Desempenha como funções professora do primeiro ciclo, no ano corrente a lecionar o 1º ano de escolaridade e também é diretora pedagógica.
Cor	Perceber a relação existente entre a escola e a família;	“O modo da nossa escola, pronto. É por isso que existimos, ela nasceu por causa disso, para haver uma maior proximidade entre a escola e entre a família, porque acreditamos que só havendo essa conjugação de sinergias, de trabalho... às vezes não é fácil e principalmente nos dias que correm, não é fácil, mas continuamos a acreditar que só com a família, com o esforço da família e com a participação da família é que os garotos são felizes e que há sucesso.” (Entrevistada 2)	A entrevistada 2 refere que a Escola Rumo ao Futuro nasceu para haver uma proximidade entre a escola e a família, porque acreditam que só com essa relação, que muitas vezes não é fácil, mas que só com o esforço e participação da família é que as crianças são felizes e têm sucesso.
Cor	Entender de que forma os pais	“... de uma maneira geral penso que sim, há pais que são muito mais participativos do que outros, por exemplo, já tive grupos em que os pais, e já passaram muitos na escola, em que os pais eram pouco	Sobre a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos, a entrevistada 2 de uma maneira

	participam na vida escolar dos filhos;	<p><i>participativos, estavam na escola apenas e pronto, deixam-se estar. Atualmente, da experiência que eu tenho e do grupo que eu tenho, a totalidade dos pais desta turma são muito participativos, aliás, até acho que são participativos de mais, preocupados de mais, estão sempre em cima, “o que é que é preciso?” e pronto, são impecáveis. Mesmo nesta situação que houve agora de confinamento, foram pais que acompanharam sempre, estiveram ali ao lado, estiveram sempre a ajudar os miúdos nos trabalhos que nós mandávamos, no plano semanal, sempre... foi impecável, os pais são impecáveis. Mas há grupos que isso não acontece, depende muito da perspetiva que as pessoas também têm do que é a escola, há pais que têm a perspetiva de, lá está, da escola relação com a família e gostam dessa conjugação, há outros pais que pronto, a escola que faça o trabalho que depois quando chegamos a casa é para brincar e não termos essa preocupação. Depende muito da perceção que os pais têm da escola.” (Entrevistada 2)</i></p>	<p>geral pensa que os pais participam com regularidade na vida dos filhos.</p> <p>No entanto refere que isso depende, pois já teve grupos em que os pais eram pouco participativos, e que isso deve à perspetiva que os pais têm da escola. Há pais que têm a perspetiva da relação entre a escola e a família e gostam dessa conjugação enquanto que outros vêem a escola como o local para fazer os trabalhos e a casa para brincar e ficar livre de preocupações.</p> <p>Atualmente, na turma que tem, refere que a totalidade dos pais são muito participativos e por vezes até preocupados de mais. Mesmo com o confinamento, a entrevistada 2 diz que os pais acompanharam e ajudaram as crianças com os trabalhos que eram mandados e com o plano semanal, que foram pais impecáveis.</p>
Cor	Aprender qual o tipo de atividades em	<p><i>“Festas de final de ano, que agora estão assim um bocadinho, como sabemos, não é?! Mas nas festas de final de ano, festas de Natal, na</i></p>	<p>Em relação às atividades que os pais costumam participar, a entrevistada 2 menciona, as festas</p>

	<p>que os pais participam;</p>	<p><i>avaliação de notas, assim de uma maneira geral, sempre que são solicitados eles aparecem, são pais que... e nas tarefas dos filhos, por exemplo quando nós mandamos um trabalho para fazer ou de planetas ou de investigação, de uma maneira geral todos participam, mas alguns são um bocadito mais...De uma maneira geral é acima da média.” (Entrevistada 2)</i></p> <p><i>“...nestas festas, nós temos também um representante de... cada turma tem um representante ou dois, este ano até temos dois como fizemos reunião de pais no início do ano com a turma dividida, temos dois representantes de turma, por cada turma e a função deles é basicamente fazer chegar à escola as preocupações, se bem que todos os pais têm abertura para fazer isso, mas se os pais quiserem fazer chegar, de dar ideias, de isto ou daquilo. Depois... há coisas que são viáveis outras coisas que não são viáveis, mas de uma maneira geral sim, os pais são participativos e participam quando são chamados a participar.” (Entrevistada 2)</i></p> <p><i>“Nós temos atividades, nós normalmente fazíamos atividades com os pais, que era o Dia da Família, em que os pais, por exemplo, faziam jogos de bola entre pais e filhos, chegámos a fazer aulas de ginástica com as mães... fazíamos no início do ano letivo uma caminhada pelas ruas do Entroncamento, com toda a escola, os pais, as famílias, os cães e vinha tudo... e era muito engraçado esse acompanhamento.</i></p>	<p>de final de ano, festas de Natal, a avaliação de notas, nos trabalhos para fazer em casa por exemplo sobre planetas ou de investigação, que de maneira geral têm uma participação acima da média. Com o Covid, as festas têm sido diferentes.</p> <p>Para além das festas, a entrevistada 2 também faz referência a que cada turma tem 2 representantes de turma que a função deles é fazer chegar à escola as suas preocupações e sugestões, se bem que a entrevistada refere que todos os pais já têm essa abertura para o fazer. A entrevistada volta a dizer que os pais são participativas e participam quando são chamados a participar.</p> <p>Antes do Covid, também eram feitas atividades em conjunto com os pais, como o Dia da Família, em que havia jogos de bola entre pais e filhos e ginástica com as mães, no início do ano letivo faziam caminhada pela cidade do</p>
--	--------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>Quando era na altura do Carnaval fazíamos também sempre a noite do pijama, lá na escola, em que os pais iam lá por os meninos... e nós fazíamos sempre umas atividades com os pais. Os pais também levavam sempre um adereço de Carnaval, pronto, era muito engraçado.” (Entrevistada 2)</i>	Entroncamento, onde ia a escola e as famílias, na altura do Carnaval faziam a noite do pijama, em que havia atividades em conjunto com os pais e levavam adereços de Carnaval.
Cor	Perceber os obstáculos existentes para esta relação.	<i>“É assim, vantagens são todas, sem dúvida. Desvantagens, vamos lá a ver, às vezes eles, hoje em dia toda a gente tem opinião para tudo, não é?! E às vezes há determinados, e atenção que eu não estou a generalizar, há determinados pais que têm a opinião que acham que sabem e que se fosse assim era melhor e se fosse assado era melhor e pronto, lá está. Mas eu acho que pesando as vantagens e as desvantagens, as vantagens são muito maiores que as desvantagens.” (Entrevistada 2)</i>	A entrevistada 2 considera que nesta relação entre a escola e a família, as vantagens são muito maiores que as desvantagens, no entanto considera que por vezes, determinados pais, não generalizando, põem em causa o trabalho dos professores dizendo que se fizessem de uma determinada maneira seria melhor.
Cor	Entender o tipo de comunicação existente entre a escola e a família.	<i>“... temos uma boa comunicação... nós inicialmente, antes era muito a nível de papel, pronto, agora fazemos mais a nível de e-mail e pronto. Mas fazemos sempre que há situações de interesse, nós participamos, fazemos participação, comunicamos com as famílias.” (Entrevistada 2)</i>	Em relação à comunicação, a entrevistada 2 diz que há uma boa comunicação com as famílias. Antes a comunicação era mais a nível do papel, mas atualmente passa pelo e-mail. Sempre que há situações de interesse, a escola comunica com as famílias.

Cor	Compreender como decorrem as reuniões de pais.	<p><i>“Habitualmente fazemos trimestralmente, agora neste tempo de confinamento temos feito por videoconferência... reunimos por videoconferência sempre que é necessário. Antes desta situação da pandemia, o que nós fazíamos era... as reuniões presenciais, fazíamos também as reuniões a meio dos trimestres, fazíamos as reuniões com os representantes de turma... somos uma escola pequenina, temos essa abertura e normalmente recebemos os pais quando eles sentem essa necessidade... De uma maneira geral, as coisas correm bem.”</i> (Entrevistada 2)</p> <p><i>“Eu acho que sim, são importantes, porque... há reuniões de pais que são muito mais participativas do que outras, há pais que entram mudos e saem calados, mas também há pais que falam, falam, falam, falam... Mas sim, é uma forma de pôr em comum as preocupações, as inquietações dos pais, as dúvidas... E há coisas que nós, como lidamos todos os dias com esta dinâmica das aulas, há coisas que nem sequer nos passa pela cabeça que podem passar pela cabeça dos pais e que nessas reuniões de pais acabam por ser postas em cima da mesa e postas em comum, acaba por ser muito importante essas reuniões.”</i> (Entrevistada 2)</p>	<p>Sobre a frequência com que a escola procura fazer reuniões com os pais, a entrevistada 2 diz que habitualmente fazem reuniões trimestrais, no tempo de confinamento as reuniões são feitas por videoconferência sempre que necessário.</p> <p>Antes da pandemia, as reuniões presenciais eram feitas também a meio dos trimestres e também com os representantes de turma, como são uma escola pequena têm abertura para receber os pais quando eles sentem necessidade.</p> <p>A entrevistada 2 considera que, apesar de haver pais mais participativos do que outros, as reuniões de pais são muito importantes porque dessa forma os pais podem expor preocupações, inquietações ou dúvidas que podem ser sentidas por outros pais e acabam por ser partilhadas entre todos, pais e professores.</p>
Cor	Perceber o papel do professor/a titular de turma;	<p><i>“Sim, pelo menos tenho essa pertença e esse objetivo, que de alguma forma possa ajudar a desbloquear ali alguma situação ou que e já tem acontecido pedir a pais ou que apertem um bocadinho</i></p>	<p>Relativamente à pergunta se considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família, a entrevistada 2 afirma que sim, que esse é o seu</p>

		<i>mais com os filhos ou que alivem também um bocadinho mais com os filhos. Mas acho que sim, é, tenho essa pertença e acho que se vai conseguindo.” (Entrevistada 2)</i>	objetivo, que de alguma forma possa ajudar a desbloquear algumas situações ou também chamar a atenção da família para serem mais rigorosos com os filhos ou, por outro lado, para serem mais liberais.
Cor	Recolher informações complementares		

H.3. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 2º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista		
Entrevistados/as: Professora 2º ano – Entrevistada 3		
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa
Cor Identificar a informação básica.	<i>“... 52 anos, este mês faço 53... ainda tenho 52 até ao dia 30. Sexo feminino.”</i> (Entrevistada 3)	A entrevistada 3 tem 52 anos de idade e é do sexo feminino.
Cor Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro.	<i>“Sou professora do primeiro ciclo e leciono nesta escola há 31 anos.”</i> (Entrevistada 3)	A entrevistada 3 é professora do primeiro ciclo, no ano letivo corrente está com o 2º ano e leciona na Escola Rumo ao Futuro há 31 anos.
Cor Perceber a relação existente entre a escola e a família;	<i>“... é essencial até porque nós tivemos um projeto de início que era mesmo com o professor Ramiro Marques, um estudo que fez... que era mesmo a ligação, e eu estive no início da escola e iniciei mesmo na escola Rumo ao Futuro com uma turma de 1º ano, depois no ano seguinte, entraram duas turmas, três... fui eu que fui pioneira nisso. E nós tivemos mesmo esse projeto defendido, a extrema importância da relação entre a escola e a família.”</i> (Entrevistada 3)	Sobre a relação entre a escola e a família na Escola Rumo ao Futuro, a entrevistada 3 considera ser essencial e revela também que a escola se iniciou com um projeto, de um estudo realizado com o professor Ramiro Marques, sobre a extrema importância da relação entre a escola e a família. A entrevistada 3 foi a pioneira a iniciar as aulas, com uma turma do 1º ano, na Escola Rumo ao Futuro.
Cor Entender de que forma os pais	<i>“Sim, de uma maneira geral temos pais interessados e que apostam, quer dizer, não são todos, não têm todos o mesmo</i>	Sobre a relação entre a família e o aluno, na perspetiva da entrevistada 3, apesar de não serem todos, mas de

	participam na vida escolar dos filhos;	<i>empenho, mas de uma maneira geral são pessoas preocupadas e empenhadas... Eu com 30 e tal anos vê-se que as pessoas valorizam coisas diferentes, hoje já não mandamos tantos trabalhos como mandávamos... os pais privilegiam também mais as atividades, não quer dizer que não se empenhem e quando é em avaliação e estimulam-nos a ir a visitas, a ver espetáculos, agora está um bocadinho tudo mais confinado, mas acabamos por... as pessoas estão menos recetivas à sobrecarga de trabalho, não é?! Se calhar antes valorizavam mais, mais trabalho e agora menos trabalho, aquele suposto trabalho de casa, mas quando é preciso acompanham e agora com estes confinamentos e tudo tem sido imprescindível a colaboração.” (Entrevistada 3)</i>	<p>uma maneira geral, os pais são interessados, preocupados e empenhados.</p> <p>A entrevistada 3 revela que com o tempo as pessoas valorizam coisas diferentes, que antigamente, se calhar valorizavam-se mais os trabalhos de casa, enquanto que atualmente se privilegiam-se mais as atividades, a ir a visitas, a ir a espetáculos. No entanto diz, que quando é preciso e sobretudo com os confinamentos, os pais tem acompanhado os filhos e a sua colaboração tem sido imprescindível.</p>
Cor	Aprender qual o tipo de atividades em que os pais participam;	<p><i>“Agora participam em quase todas. Mas participam... festinhas que nós fazíamos, hora de conto, aula aberta, no acompanhamento dos filhos nas atividades que são necessárias, na realização de trabalhos de grupo, de experiências, sim, sim, muito colaborativos.” (Entrevistada 3)</i></p> <p><i>“... nós fazíamos muitas atividades que não estamos agora a fazer, mas fazíamos isso mesmo. Até tínhamos pensado</i></p>	<p>Relativamente às atividades que os pais participam, a entrevistada 3 diz que agora, em tempo de Covid, os pais participam em quase todas as atividades, mas antes do Covid, participavam e colaboravam nas festas que faziam na escola, na hora do conto, na aula aberta, no acompanhamento dos filhos nas atividades necessárias, na realização dos trabalhos de grupo e de experiências.</p>

		<p><i>agora este ano fazer tipo uma hora do conto em que, por semana, cada pai ia ler a história, muitas vezes falam das suas profissões, mas pronto, agora é um bocadinho mais restrito. Estamos em casa dos pais e os pais na nossa, mas através do ecrã, porque agora não há ajuntamentos para nada. Mas cerimónias, o cantar dos reis, ir à igreja, como a escola tem um caris católico, muita muitas atividades. Magusto, os pais eram sempre convidados... até pais que se disponibilizavam, uns assavam castanhas... fazíamos muitas atividades. Não sempre, porque não vamos estar a sobrecarregar as pessoas e também precisamos de tempo de trabalho, tempos de qualidade e não uma quantidade enorme e estramos sempre, sempre em festa, como por assim dizer... fazíamos a noite do pijama e à noite os pais iam sempre, fazíamos assim uma rave ou um espetáculo ou uns jogos ou leituras e depois... iam embora e deixavam os meninos. E muitas vezes os pais juntavam-se e iam até um bar que era uma coisa que nunca faziam... agora pronto, não há nada, não podemos fazer nada disto.” (Entrevistada 3)</i></p>	<p>Antes do Covid, faziam muitas atividades que neste momento não fazem devido às restrições e ajuntamentos, são mencionas atividades como cerimónias, o cantar dos reis, ir à igreja, uma vez que a escola tem um carater católico, o magusto que por vezes os pais se disponibilizavam para assar as castanhas, a noite do pijama, faziam festas, espéculos, jogos ou leituras com os pais e depois as crianças dormiam na escola e os pais juntavam-se e iam até um bar que era algo que raramente faziam. Contudo, a entrevistada 3 diz que não andavam sempre a fazer festas para não sobrecarregar as pessoas e também porque é necessário o tempo de trabalho e de qualidade. No ano letivo corrente, tinham pensado em fazer uma hora do conto por semana em que cada pai ia ler a história através do ecrã.</p>
Cor	Perceber os obstáculos existentes para esta relação.	<p><i>“Eu acho que só tem vantagens. Só tem vantagens, claro que nós também sabemos e as pessoas também sabem medir os limites... Nós até facultamos o nosso número de telefone e se</i></p>	<p>A entrevistada 3 refere que só vê vantagens na relação entre a escola e a família, que os limites têm de ser estabelecidos mas que faculta o numero de telefone e</p>

		<p><i>houver alguma pessoa que passe aquela barreira nós também sabemos com postura dar a dica à pessoa que está a abusar... Mas de uma maneira geral não abusam e quando têm que falar e solicitar, pedem desculpa... Nós fazemos muito mensagem... há esta relação de proximidade e é muito bom. E quando crescem fica sempre aquele elo, entram para a faculdade... há sempre este feedback do destino deles e já tenho ido a casamentos de alunos do primeiro grupo, é muito giro, é um prolongamento da família, mesmo com as diferenças hoje, acho que é essencial.” (Entrevistada 3)</i></p>	<p>que de maneira geral os pais não abusam. A comunicação é feita muito através de mensagens e considera que essa relação de proximidade é muito boa. Refere também que apesar das crianças crescerem têm sempre um elo de ligação e que recebem sempre o feedback dos antigos alunos, confessa que já foi a casamentos de antigos alunos e que reconhece essa relação como um prolongamento da família.</p>
Cor	<p>Perceber o papel do professor/a titular de turma;</p>	<p><i>“Sempre, às vezes até com o silêncio. E em certas situações até de divórcios... não nos colocamos num lado nem noutra, sabermos gerir as coisas... o mais importante são mesmo eles e os adultos têm que se entender... e sabermos bem como gerir todas essas situações. (Entrevistada 3)</i></p> <p><i>“Nós não nos limitamos... a escola dá instrução... mas não pode ser só isso, não é?! É muito mais que isso! E se for só isso, fica aquém... não pode ser, eles são pessoas, são crianças, são seres humanos e temos de dar ali uma mãozinha e ajudá-los a ultrapassar, às vezes até o próprio... insucesso entre aspas, o não chegar tão longe como os colegas, o não... temos de estar ali para dar essa mão, esse</i></p>	<p>Em relação à pergunta se como professora titular, considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família, a entrevistada 3 diz que pode ajudar sempre e às vezes apenas com o silêncio, também refere situações como o divórcio, de não se colocar do lado de ninguém porque o mais importante são as crianças e o professor tem de saber bem como gerir todas essas situações.</p> <p>A entrevistada 3 afirma que a escola dá instrução mas não só, também têm de dar um apoio e conforto para ajudar as crianças a ultrapassar as suas barreiras, como</p>

		<p><i>conforto e também os fazer... muitas vezes confrontar com certas atitudes também... é responsabilizar.” (Entrevistada 3)</i></p> <p><i>“...sim, muitas vezes os pais até solicitam e terceiro e quarto ano, hoje em dia, que eles dão soma de frações, subtração, eles já não se levantam a dar a noção de fração, muitos pais já não conseguem acompanhar” (Entrevistada 3)</i></p> <p><i>“Dou estratégias... “Ó professora, ele não está a perceber muito bem, vi ali dificuldade nos trabalhos de casa” e às vezes até mandam... “ele não está a entender bem as frações” ... “ok, amanhã dou o reforço” ... Pronto, há este tipo de comunicação que é importantíssima.” (Entrevistada 3)</i></p>	<p>por exemplo a dificuldade de não chegar tão longe como os colegas e por outro lado, muitas vezes confrontar com certas atitudes e responsabilizar.</p> <p>Na pergunta se alguma vez deu a conhecer estratégias aos pais para apoiarem os filhos em casa, a entrevistada 3 revela que sim e que muitas vezes são os pais que solicitam porque já não conseguem acompanhar a matéria dos filhos. Quando estas situações acontecem, procuram dar a conhecer à professora e ela tenta reforçar essa matéria nas aulas. Há uma relação de proximidade que leva a este tipo de comunicação que a entrevistada 3 considera importantíssima.</p>
Cor	Compreender como decorrem as reuniões de pais.	<p><i>“São, são, são. É mais um momento que estamos ali em conjunto e que todos podem ser ouvidos e também escutarem muita coisa.” (Entrevistada 3)</i></p>	<p>Na opinião da entrevistada 3, as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família, uma vez que as reuniões são mais um momento em conjunto onde todos podem ser ouvidos e também escutarem muita coisa.</p>
Cor	Recolher informações complementares	<p><i>“Não, acho que focaste aí os pontos essenciais na temática, é mesmo isso. É a parte de os acompanhar, a parte de não ser meramente a instrução, é tudo aquilo que é preciso e esta</i></p>	<p>A entrevistada 3 refere que para a relação entre a escola e a família, é fundamental o acompanhamento, a escola não transmitir apenas a instrução e o diálogo.</p>

	<p><i>relação é fundamental. O diálogo, e também aos pais, por vezes, também por certos limites, mas de um modo geral, não tenho, até agora nas aulas e tudo as pessoas têm posturas muito educadas e estão com os meninos, estão presentes, mas nem estão visíveis. E no ano passado, tenho um segundo ano, e tinha um primeiro ano e até lhes agradei... todo o apoio, porque fiz a minha parte mas eles também fizeram muito e se eles são como estão, a ler tão bem e a interpretar, deve-se também a trabalho deles e também a mérito, muito mérito deles” (Entrevistada 3)</i></p>	<p>Menciona também que os pais estão presentes e que no ano letivo anterior agradeceu-lhes muito por todo o apoio dado durante a pandemia, porque a entrevistada 3 afirma que fez a sua parte, mas os pais também fizeram muito e o facto do ano letivo corrente estarem a ler tão bem e a interpretar bem, deve-se também ao trabalho e mérito dos pais.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

H.4. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 3º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista		
Entrevistados/as: Professora 3º ano – Entrevistada 4		
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa
Cor Identificar a informação básica.	<i>“Primeiro e último,... , 39 anos e sexo feminino.”</i> (Entrevistada 4)	A entrevistada 4 tem 39 anos e é do sexo feminino.
Cor Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro.	<i>“Sou professora do 1º ciclo, há 13 anos que estou aqui. Leciono já... há uns 16 ou 17... eu acabei o meu curso em 2003/2004... depois acabei por fazer educação, os professores era aquela complicação para as colocações e então depois fui colocada no apoio, fui professora do ensino especial e acabei depois por ingressar aqui na escola Rumo ao Futuro. E aqui estou há 13 anos e este ano estou com o 3º ano.”</i> (Entrevistada 4)	A entrevistada 4 é professora do 1º ciclo e já leciona na Escola Rumo ao Futuro há 13 anos, no ano corrente dá aulas ao 3º ano de escolaridade. Antes de ingressar na Escola Rumo ao Futuro, foi colocada no apoio e também foi professora do ensino especial.
Cor Perceber a relação existente entre a escola e a família;	<i>“A minha perspetiva é que... a família é a base, é um dos grandes pilares. Tanto a família como a escola são dois grandes pilares... é um trabalho de equipa... a família é responsável por transmitir a formação de base, os valores, o saber estar para o aluno, a criança ter autoestima e saber estar no mundo com toda a segurança, a escola é o grande pilar dos conhecimentos, onde eles convivem com os seus pares, onde aprendem regras de convivência e de respeito</i>	Na perspetiva da entrevistada 4, a família é a base e a escola e a família são dois grandes pilares para a formação da criança e por essa razão, a relação entre a escola e a família é um trabalho de equipa. Acrescenta ainda que, a família é responsável por transmitir a formação base, os valores, o saber estar, a ter autoestima

		<i>um pelo outro. Agora escola mais família são o grande pilar da formação de uma criança, sempre.” (Entrevistada 4)</i>	e a saber estar no mundo com toda a segurança, enquanto que a escola é o grande pilar dos conhecimentos, da convivência entre pares, onde aprendem as regras de convivência e o respeito pelo outro.
Cor	Entender de que forma os pais participam na vida escolar dos filhos;	<i>“Há aqueles pais muito interessados e que acompanham todo o trabalho, e alguns até, de certa forma, acho que um bocadinho exagerada porque depois eles aqui na sala sentem falta daquela moleta... ainda hoje eu digo “larguem-nos, eles têm que ser autónomos, não exagerem”... Depois tenho aqueles que fazem tudo de forma completamente autónoma e os pais não corrigem absolutamente nada e não interferem em nada, eu acho que nem percebem o que é que eles andam a dar ou deixam de dar... eu tenho aqui de tudo, mas aquilo que eu acho que é o correto... é aquele meio termo... e daí a função dos trabalhos de casa... uma das grandes funções é estabelecer esta ligação, para além de outras que possam haver... o trabalho de casa é aquele trabalhinho diário... onde a criança consegue com os pais estabelecer a ligação entre a escola e casa. Os pais apercebem-se do que eles estão a dar na escola, conseguem fazer o acompanhamento, no caso de haver dúvidas transmitem ou registam... a importância da família com a criança é</i>	Sobre a participação dos pais na vida escolar dos filhos, a entrevistada 4 diz que há pais muito interessados e acompanham todo o trabalho dos seus educandos, acrescentado que por vezes de forma até um pouco exagerada condicionando a autonomia das crianças. Por outro lado, refere que há crianças completamente autónomas e que os pais não corrigem os trabalhos nem interferem com nada, acabando por nem perceber o que é que os filhos estão a dar na escola. Sobre esta temática, a entrevistada 4 considera que deve de haver um meio termo. Também afirma que uma das funções dos trabalhos de casa é de estabelecer a ligação entre a escola e

		<p><i>este acompanhamento diário, é nos trabalhos de casa, nas tarefas diárias, no diálogo... levá-los a ganharem a confiança dos pais, que é isso que acho que falta um bocadinho, hoje em dia... tirar 10 minutinhos deles e nossos, sentarmo-nos “então como correu o teu dia? há alguma coisa que te chateie? correu tudo bem? Houve algum conflito? Houve alguma situação que te esteja a preocupar?” de forma a criança ganhar autoestima, estar segura, sentir-se bem e se houver algum problema chegarmos e ajudarmos porque eles ainda não têm ferramentas, muitas das vezes, para resolver os seus problemas. Ajudarmo-nos nesse sentido, falar com o professor... e tentarmos em equipa ajudar a criança. Isto vai desenvolver... A autoestima, a formação de base, vão ser com certeza adultos muito mais conscientes do seu papel no mundo e muito fortes em saber lidar com as contrariedades da vida... a família tem tudo isto, papel na educação, em ajudar nas tarefas e nesta formação, nesta segurança e formação de base.” (Entrevistada 4)</i></p>	<p>a família, porque dessa forma, os pais percebem o que os filhos estão a dar na escola e conseguem fazer o acompanhamento e no caso de haver dúvidas transmitir.</p> <p>A entrevistada 4 expressa que a importância da família com a criança passa pelo acompanhamento diário, nos trabalhos de casa, nas tarefas diárias e no diálogo de forma a ganharem a confiança dos pais e da criança ganhar autoestima, estar segura, sentir-se bem e estar à vontade para expor os problemas de forma a ajuda-la em equipa, entre escola e família, a resolvê-lo uma vez que eles ainda não têm ferramentas.</p>
Cor	<p>Aprender qual o tipo de atividades em que os pais participam;</p>	<p><i>“Tanto em festas temáticas que nós aqui fazíamos antes, agora com o covid já é mais difícil, o dia da mãe, o dia da família, as festas de Natal, o virem à escola, acho que esta ligação de eles entrarem no ambiente, as crianças adoram, elas sentem-se bem com os pais aqui na escola... esta ligação, este ambiente é ótimo...” (Entrevistada 4)</i></p>	<p>Segundo a entrevistada 4, a escola procura fazer festas temáticas como o dia da mãe, o dia da família, a festa de natal, o carnaval e outras datas importantes de modo a envolver os pais, afirma até que todos os meses no plano de</p>

		<p><i>“Natal, datas importantes, dia da mãe, dia do pai... uma vez por mês, no nosso plano de atividades, temos sempre um momento de ligação entre família e escola... procuramos sempre de alguma maneira que os pais venham aqui à escola... Carnaval eles também acabam por vir... todos os meses há um momento de ligação escola família.”</i></p> <p>(Entrevistada 4)</p>	<p>atividades incluem momentos de ligação entre a escola e a família.</p> <p>Atualmente com o Covid, a entrevistada 4 refere que se torna mais difícil.</p>
Cor	<p>Perceber os obstáculos existentes para esta relação.</p>	<p><i>“Eu só vejo é vantagens... Desvantagens não vejo. Vindo para ajudar, vejo só grandes vantagens... os pais as depositam, entre aspas, diariamente e que depositam em nós toda a confiança e é muito bom haver esta ligação, este contato e esta confiança e no final ficar alguma relação até de amizade... Agora noto... praticamente... um ano e meio, isto com o covid tornou-se tudo muito mais complicado, mas fazemos reuniões online, eu desde o primeiro ano, eu dou logo o meu contato telefónico... mensagem telefónica, não é preciso estarem a ligar para a escola... de forma informal eu vou procurando sempre... o contato com os pais dos meus alunos, no passeio uma conversa, uma brincadeira que surgiu na sala, qualquer situação engraçada que eu acho para lhes contar... há muito esta ligação... que eu acho que é muito importante. Claro que depois há muitas vezes que terá de ser de forma formal, através de reuniões... contato via e-mail... o contato dos pais com a escola é muito</i></p>	<p>Na opinião da entrevista 4 a relação entre a escola e a família só tem grandes vantagens, uma vez que as crianças passam a maior parte do tempo na escola e os pais depositam a sua confiança na escola e nos professores, considera que a relação existente é muito boa e por vezes até uma relação de amizade. No seu caso, os pais dos seus alunos têm o seu contacto telefónico e falam de forma informal através do telemóvel, mensagens, conversas no passeio e por vezes, quando o assunto é mais formal, procura estabelecer ligação através de reuniões online ou via e-mail.</p>

		<p><i>importante e sinto muita a falta disso e os miúdos também, as festinhas, é muito bom” (Entrevistada 4)</i></p> <p><i>“O único obstáculo que encontro é mesmo o trabalho... acho que é o ponto de impedimento dos pais virem às atividades e às reuniões que a escola proporciona, é mesmo só o horário. É a vida hoje em dia do trabalho... mas nós temos essa preocupação de facilitar.” (Entrevistada 4)</i></p>	<p>A entrevistada 4, volta a reforçar que atualmente com o covid, tornou-se tudo muito mais complicado, acha muito importante e sente muito a falta do contacto dos pais com a escola. O único obstáculo que considera haver é o horário de trabalho dos pais que acaba por condicionar e impedir que alguns pais não possam estar presentes nas atividades e reuniões que a escola proporciona, no entanto, a escola tem a preocupação de tentar facilitar os horários.</p>
Cor	Perceber o papel do professor/a titular de turma;	<p><i>“... claro, como eu costumo dizer, não tenho uma varinha de condão, não estou lá em casa e às vezes tenho consciência que muitas crianças estão bem aqui na escola, é aqui que é o grande porto de abrigo deles e estarmos muito atentos a estes pormenorzinhos todos, mas sim, considero sempre que o professor é o elo de ligação... nós, com a convivência... conhecemos muito bem os meninos... eles dão sinais de quando não estão bem, quando estão felizes, quando há algo que os preocupa. Nós também temos uma psicóloga aqui na escola que partilho muito com ela... e dá-nos ferramentas e esta partilha é muito boa... E depois é esta abertura que eu tenho logo</i></p>	<p>A entrevistada 4 considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família e que o professor é o elo de ligação entre a família e o que se passa na escola, uma vez que já conhecem as crianças e também têm à vontade para falar com os pais, por sua vez, quando se passa algo em casa, os pais também procuram dar a conhecer à professora.</p>

		<p><i>desde o início com os pais, esta abertura para fazer mesmo conversa informal... e os pais também dão o feedback lá de casa quando algo não está bem, também costumam informar-me logo... portanto sim. Acima de tudo a escola tem essa responsabilidade, também mesmo no absentismo escolar, em situações em que a criança falta muito à escola, procurar saber porque... há essa preocupação da minha parte em estabelecer esta ligação para saber se algo mais se passa e poder atuar.” (Entrevistada 4)</i></p> <p><i>“... não é a 100%, mas também... detetar uma desmotivação. Uma criança que seja motivada e de repente fique desmotivada, a escola não lhe diga nada, atraso na realização dos seus trabalhos, mais distraídos, algo se passa. E é o meu dever chamar essa criança à parte e com o diálogo tentar perceber o que é que se passa e chegar até ela e depois tentar chegar até à família se for caso disso... tenho o poder de atuar, de comunicar a entidades superiores, comunicar à minha diretora pedagógica e a partir daí a entidades superiores para acompanhar estas crianças que podem estar em risco, pode haver, nunca tive uma situação dessas, mas pode haver crianças que estejam em situação de risco e aí temos de atuar obrigatoriamente.” (Entrevistada 4)</i></p>	<p>A entrevistada 4 também refere que partilha situações dos alunos com a psicóloga da escola e que ela por vezes lhe dá ferramentas.</p> <p>A entrevistada 4, acrescenta ainda que a escola tem essa responsabilidade, falando também do caso do absentismo escolar, que quando uma criança falta muito, procura saber o porquê.</p> <p>Sobre a pergunta considera como sua função ajudar os alunos a resolver eventuais problemas que ocorram com as suas famílias, a entrevistada 4 diz que não é a 100%, mas que também faz parte das suas funções, quando deteta que os alunos estão desmotivados, com atraso na realização dos trabalhos, mais distraídos é porque se passa alguma coisa, enquanto professora tem o dever de dialogar com a criança, chegar até ela e se necessário chegar até à família, caso seja alguma situação mais grave, tem o poder de comunicar à diretora</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			pedagógica e às entidades superiores, para acompanhar a criança que poderá estar em risco.
Cor	Compreender como decorrem as reuniões de pais.	<i>“...são muito. Como eu digo, para além das festinhas que é um momento... agradável, as reuniões de pais também são... partilho tudo aquilo que eu acho que é importante para com a turma, acabo sempre por abordar o perfil da turma, aquilo que temos a melhorar e o que estamos a fazer... esta ligação e depois a relação que fica ... eles gostam e este diálogo e estas conversas e histórias que acontecem, peripécias ao longo do ano e ao longo do período ir falando com os pais... é sempre bom... Quer no carácter pedagógico, dos pais terem conhecimento de como está a turma em termos gerais e também para estabelecer mais esta relação pessoal que acaba por ser sempre positiva.”</i> (Entrevistada 4)	Na opinião da entrevistada 4, as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação entre a escola e a família, uma vez que partilha tudo o que acha importante partilhar sobre a turma como o perfil da turma, o que há a melhorar e o que andam a fazer e considera estas conversas e estes diálogos muito importante e positivos para estabelecer uma relação mais pessoal com os pais.
Cor	Recolher informações complementares	<i>“... Acho que escola família é o grande pilar da formação, é também o nosso grande auxílio do professor em saber lidar com determinados comportamentos das crianças e a base de tudo tem de ser o diálogo, muito diálogo, muita calma, saber respeitar o ritmo de cada um, o tempo de cada um, cada um de nós tem o seu tempo, cada um de nós tem a sua personalidade e temos de saber respeitar isso. Saber analisar todos esses comportamentos e todas essas diferenças para chegar à criança e chegar à família... muita sensibilidade, muita paciência... e juntos fazemos um bom trabalho... agora</i>	A entrevistada 4 termina a entrevista dizendo que escola e família são o grande pilar da formação das crianças. O professor deve saber lidar com determinados comportamentos das crianças, saber dialogar, ter muita calma, sensibilidade e saber respeitar o ritmo e a personalidade de casa um, tem de saber analisar todos os comportamentos e todas as diferenças

		<p><i>quando falta um destes pilares, isso é complicado... Mas o papel do professor, juntamente também com a educadora social e com a psicóloga da escola é arranjarmos ferramentas para chegar à família e seja de que forma for, há sempre uma forma.” (Entrevistada 4)</i></p>	<p>para chegar à criança e também à família e juntos fazer um bom trabalho.</p> <p>Acrescenta ainda que o papel do professor, juntamente com a educadora social e com a psicóloga é, em conjunto, arranjar ferramentas para chegar à família, seja de que forma for.</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

H.5. Análise de conteúdo da entrevista à Professora do 4º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista		
Entrevistados/as: Professora 4º ano – Entrevistada 5		
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa
Cor Identificar a informação básica.	“O meu nome é... , tenho 44 anos... é feminino” (Entrevistada 5)	A entrevistada 5 é do sexo feminino e tem 44 anos de idade.
Cor Função que desempenha na Escola Rumo ao Futuro.	“... sou professora de 1º ciclo, este ano estou com o 4º ano e já trabalho aqui há 13 anos...”	É professora do 1º ciclo, no ano letivo corrente dá aulas a uma turma de 4º ano e trabalha na Escola Rumo ao Futuro há 13 anos.
Cor Perceber a relação existente entre a escola e a família;	“Isto agora está um bocadinho diferente pelo facto de estarmos em pandemia... não há tanto aquela situação dos pais poderem vir à escola, nós tentamos que todo o tipo de contacto seja feito ou por telefone ou como nós estamos agora, também damos essa oportunidade aos pais que queiram falar connosco por algum motivo... a nível de empenho e da relação que os pais têm com a escola é muito positiva. Sempre que se pede para os pais virem à escola ou por algum motivo... eles costumam vir e costumam ser muito recetivos o que também acaba por ser bom, quer dizer que os pais acabam por ter algum interesse... Pela vida e pelo percurso escolar das crianças. Também, muitas vezes, eles vêm	Sobre a relação que existe entre a escola e a família na Escola Rumo ao Futuro, a entrevistada 5 menciona que atualmente as coisas estão diferentes pelo facto de estarmos em pandemia e de os pais não poderem ir presencialmente à escola, mas tenta-se que o contacto continue apesar de ser feito por telefone ou videoconferência, e os pais têm oportunidade de o solicitarem quando acham necessário. Na perspetiva da entrevistada 5, a nível de empenho e da relação que os pais têm com a

		<p><i>numa de perguntar... se está tudo a correr bem, quais é que são as dificuldades que as crianças têm... nem é tanto para saber... das coisas dos filhos a nível académico, mas sim pelos comportamentos que os outros têm para com os filhos deles.”</i> (Entrevistada 5)</p> <p><i>“... a relação que há hoje em dia escola, professor e com os pais, eles vêm muito também numa perspetiva de perceber o que é que está a acontecer com os filhos, não só a nível académico, mas sim a nível comportamental e os comportamentos que eles têm entre pares nos recreios. Acho que hoje em dia os pais preocupam-se muito com duas coisas, é, que os meninos sejam os melhores alunos do mundo, portanto, não pode haver alunos menos bons, têm que ser todos perfeitos e depois preocupam-se muito quando o menino vai para casa um bocadinho mais triste porque há uma dificuldade e uma contrariedade que eles não conseguem ultrapassá-la... Mas de resto, acho que é muito positivo os pais interessarem-se e virem, também se não vierem, também é um trabalho um bocadinho solitário e a escola tem que ser parceira com os pais senão não funciona.”</i> (Entrevistada 5)</p>	<p>escola é muito positiva, os pais costumam estar recetivos o que acaba por demonstrar interesse pela vida e percursos dos seus educandos.</p> <p>A entrevistada 5 refere que a relação que existe atualmente com a escola, professor e os pais passa por uma perspetiva de os pais perceberem o que está a acontecer com os filhos, não apenas a nível académico, mas também a nível comportamental e o comportamento que eles têm entre pares nos recreios. Neste sentido, a entrevistada 5 aponta dois aspetos com que os pais se preocupam atualmente, que os seus educandos sejam os melhores alunos, não podendo haver alunos menos bons e também com os comportamentos que os outros têm para com os seus filhos.</p> <p>Para além disso, a entrevistada 5 pensa que a relação é muito positiva e que a escola tem que ser parceira com os pais.</p>
Cor	Entender de que forma os pais	<p><i>“... eu tenho aqui duas situações, tenho alguns que são muito empenhados com os filhos e estudam com eles, trabalham com</i></p>	<p>Em relação à participação dos pais em termos do processo ensino-aprendizagem, a entrevistada 5</p>

	participam na vida escolar dos filhos;	<p><i>eles e acham que sim, que de facto se deve também trabalhar em casa e que é importante estarem a par de todo o processo dos filhos, mas depois... há os outros que quase que se demitem dessa função e acham que a escola é que tem que fazer tudo por eles..., quase que a escola é que é a tabua de salvação, desde a educação até aos conhecimentos... a escola é que tem de dar tudo. E não gostam e não apreciam muito trabalhar com os meninos em casa, acham que os meninos, a partir do momento que saem da escola, só devem brincar... eu pessoalmente, acho que deve de existir aqui um ponto de equilíbrio... Na escola deve-se dar todas as ferramentas e mais algumas, para eles poderem também ser um bocadinho autónomos, mas depois em casa também é importante que haja uma supervisão dos pais, que é para os pais perceberem as dificuldades que as crianças têm e como é que os meninos estão, como é que não estão, o que é que estão a aprender... também é importante eles terem o espaço deles e brincarem.”</i></p> <p>(Entrevistada 5)</p>	<p>aponta duas vertentes, observa que há pais que são muito empenhados com os filhos, que estudam e trabalham com eles e consideram importante estarem a par de todo o processo dos filhos, por outro lado, há pais que não gostam e não apreciam trabalhar com os seus educandos em casa, achando que a partir do momento que saem da escola só devem brincar.</p> <p>Sobre esta temática, na opinião da entrevistada 5, tem de haver um ponto de equilíbrio, na escola devem de ser dadas todas as ferramentas para que os alunos trabalhem a sua autonomia, mas em casa também é importante haver supervisão dos pais, de modo a perceberem as dificuldades dos filhos e também considera importante terem o espaço deles e de brincadeira.</p>
Cor	Aprender qual o tipo de atividades em que os pais participam;	<p><i>“Pois, agora nem tanto. É assim, eles agora no que é que têm participado?! Temos feito alguns trabalhos, fizemos pelo Dia da Família um trabalhinho em que os pais participaram... era um trabalho feito entre pais e filhos... mandámos uma dobragem</i></p>	<p>No que respeita as atividades, a entrevistada 5 diz que agora nem há tantas atividades mas que têm feito alguns trabalhos, como um trabalho no âmbito da Dia da Família em que foi realizado</p>

		<p><i>para casa por causa do dia da biodiversidade... normalmente são pais que... colaboram nessas atividades quando são pedidas. Outras vezes, é, por exemplo, nas festinhas que havia festa de final de ano, festa de Natal, que eles vinham, eram recetivos a isso e tínhamos sempre a colaboração. Este ano, foi feita um bocadinho diferente, fizemos online a transmissão e todos os pais, só mesmo aqueles que não conseguiam estar naquela hora, mas depois tiveram todos o interesse de ir ver a gravação e do que foi feito. E sim, são bastante empenhados e costumam sempre participar naquilo que é pedido.” (Entrevistada 5)</i></p>	<p>entre pais e filhos, também realizaram um trabalho de dobragens em casa sobre o dia da biodiversidade em que os pais também participaram. A entrevistada 5 refere que normalmente os pais colaboram e são empenhados nas atividades que são pedidas. Para além destas atividades também foram mencionadas a festa de final de ano e a festa de Natal, no ano letivo corrente foi diferente e a festa foi feita online e transmitida aos pais, alguns não conseguiram ver naquela hora, mas depois tiveram interesse em ver a gravação.</p>
Cor	<p>Perceber os obstáculos existentes para esta relação.</p>	<p><i>É assim, depende da perspetiva. Eu acho que é sempre vantajoso nos termos os pais como nossos parceiros e aliados. É muito bom... Facilita todo o nosso trabalho... Mas depois há alguns pais que acham que mandam em casa e também mandam na escola, nas regras, aí nessa perspetiva não me parece muito positiva. Agora sim, se estamos aqui numa perspetiva de cooperação entre escola e casa acho que sim, acho que faz todo o sentido e é muito positiva.” (Entrevistada 5)</i></p>	<p>Em relação à cooperação entre a escola e a família, a entrevistada 5 tem a opinião que é sempre vantajoso e faz todo o sentido ter os pais como parceiros e aliados da escola. Por outro lado, também há uma vertente menos positiva em que a entrevistada 5 diz que há alguns pais que acham que mandam nas regras da escola, o que acaba por ser uma desvantagem para essa relação.</p>

Cor	Perceber o papel do professor/a titular de turma;	<p><i>“... há muitas situações que nós somos aqui muito a ponte de ligação entre as crianças e a própria família. Há coisas que eles são capazes de me contar a mim e que não têm coragem de contar em casa, às vezes certos problemas que eles têm e muitas das vezes nós, e lá está, ser importante a relação entre pais e escola, nós há muitas vezes que conseguimos ajudar as próprias crianças que estão com problemas e que não conseguem resolve-los sozinhos e muitos deles vêm ter connosco e partilham... há certas coisa que eu só de olhar para eles sei que eles estão bem ou não... sendo professora deles durante 4 anos nós conhecemo-los perfeitamente e sabemos pela expressão deles se eles não estão bem... e tentá-los ajudar e depois muitas das vezes tentar chegar aos pais... é muito positivo e ainda bem que eles têm esse à vontade comigo para poderem exprimir isso e é super importante... isto é uma relação tão estreita e tão próxima que nós temos durante quatro anos que quando chega ao final... que já é uma relação mesmo muito familiar.” (Entrevistada 5)</i></p> <p><i>“Sim, sim. Mesmo em reuniões, logo quando são aquelas primeiras reuniões... como é que eles devem de os ajudar, de que forma... acho que é um poder que nós temos enquanto educadores de lhes transmitir algumas estratégias que podem ser positivas e</i></p>	<p>Como professora titular de turma, a entrevistada 5 considera que pode ajudar na relação entre a escola e a família, explicando que em muitas situações os professores são a ligação entre as crianças e a própria família, uma vez que quando as crianças têm algum problema, por vezes procuram partilhar com o professor e não partilhar em casa em casa e muitas vezes conseguem ajudar as crianças a resolver esses problemas. A entrevistada 5 também diz que como passa muito tempo com os seus alunos, por vezes basta olhar para eles para perceber se estão bem ou não e tenta ajudá-los e posteriormente a isso tentar chegar e alertar os pais. A entrevistada 5 sente que a sua relação com os alunos é de proximidade, quase como uma relação familiar o que acaba por ser bastante positivo e importante.</p> <p>A entrevistada 5 considera que dá a estratégias para aos pais para eles apoiarem os seus filhos em casa, logo nas primeiras reuniões partilha como e de que</p>
-----	---------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>boas, há muitos que aproveitam outros não, mas isso depois já fica na consciência de cada um.” (Entrevistada 5)</i>	forma devem de ajudar as crianças, há pais que são recetivos e aceitam e há outros que não aceitam, mas isso fica na consciência de cada um. No entanto, a entrevistada 5 afirma que enquanto professora, sente que é um poder que tem e transmitir algumas estratégias que podem ser positivas e boas.
Cor	Compreender como decorrem as reuniões de pais.	<i>“Sim. É assim, nós com esta situação não temos feito, fizemos, no início do ano letivo, fizemos uma reunião presencial, com dois grupos distintos, portanto, dividimos a turma ao meio... é sempre bom porque há sempre uma partilha de ideias ou um esclarecimento e todos conseguem ouvir a mesma coisa ao mesmo tempo. Acho que sim, que é muito positivo... Mas sim, acho que são muito importantes e que fazem todo o sentido acontecerem.” (Entrevistada 5)</i>	A entrevistada 5 tem a opinião de que as reuniões de pais são fundamentais para a aproximação da relação entre a escola e a família, porque há sempre uma partilha de ideias e esclarecimentos de dúvidas onde todos conseguem ouvir a mesma coisa ao mesmo tempo. No ano letivo corrente, devido ao Covid, fez-se uma reunião presencial em que a turma foi dividida ao meio devido aos ajuntamentos. No ponto de vista da entrevistada 5, as reuniões são importantes e fazem todo o sentido acontecerem.

Cor	Recolher informações complementares	<p><i>“acho que é muito importante os pais estarem presentes na vida dos alunos e perceberem a dinâmica e o funcionamento, mas eu acho que é fundamental também os pais perceberem qual é que é o papel deles e muitas das vezes os pais, esquecem-se muitas vezes que são pais, e eu acho que hoje em dia há muito a ideia que os pais são os melhores amigos, não, para mim isso... logicamente são grandes amigos dos filhos mas além disso devem de ser pais, devem de por limites e regras e muitas das vezes acho que esses papéis estão um bocadinho confundidos. Mas sim, faz todo o sentido a escola e a família estarem unidas porque é muito mais fácil neste processo todo e nesta caminhada que eles vão fazer ao longo de vários anos, mas nos primeiros anos acho que é muito importante.”</i> (Entrevistada 5)</p>	<p>Na perspetiva da entrevistada 5, é muito importante os pais estarem presentes na vida dos alunos e perceberem a dinâmica e o funcionamento da escola, contudo ela também nos diz que é fundamental os pais percebem qual é o papel deles, no sentido de impor limites e regras.</p> <p>Por fim, a entrevistada 5 revela que para ela faz todo o sentido e é importante a escola e a família estarem unidas porque para o processo e caminhada das crianças torna-se mais fácil, principalmente nos primeiros anos.</p>
-----	-------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

H.6. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 1º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista-conversa			
Entrevistados/as: Estudantes do 1º ano			
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa	
Cor	Identificar a informação básica.	<p>“Sete anos.” (Entrevistada 6)</p> <p>“Seis.” (Entrevistada 7)</p> <p>“Seis.” (Entrevistada 8)</p> <p>“Do 1º ano.” (Todas)</p>	<p>A entrevista realizou-se a 3 crianças do sexo feminino. Uma delas com 7 anos e duas com 6 anos. Do 1º ano de escolaridade da Escola Rumo ao Futuro.</p>
Cor	Conhecer o dia-a-dia na instituição e em casa	<p>“...primeiro acordo, depois vou-me vestir, vou pequenalmoçar, às vezes lavo a cara primeiro. Depois ... vou escovar os dentes, vou fazer as coisas da higiene e depois vou calçar-me, quando a mãe pode estar um bocadinho atrasada eu posso ver televisão e depois vou à escola. Depois faço trabalhos da escola, é o recreio... ATL. Depois quando chego a casa eu vou estudar às vezes porque podemos ter testes e depois vou jantar, vejo um bocadinho de televisão, vou tomar banho e deito-me.” (Entrevistada 7)</p> <p>“Eu acordo, vou-me vestir, vou comer, lavo os dentes e a cara e vou para a escola, faço os trabalhos, brinco ... almoço e depois vou brincar, depois fazer os trabalhos e depois o ATL. Depois vou para casa, tomo banho, vou jantar e vou ver um bocadinho de televisão e depois vou para a cama.” (Entrevistada 8)</p>	<p>As rotinas descritas pelos entrevistados são idênticas entre todos.</p> <p>De manhã, após acordarem, vestem-se, fazem a sua higiene e tomam o pequeno-almoço.</p> <p>De acordo com as respostas dos entrevistados, nota-se que há uma rotina bem estruturada na escola, têm um período de aulas, segue-se um intervalo para o lanche da manhã, têm outro período de aulas até à hora de almoço, depois da hora de almoço têm tempo para brincar, de seguida têm outro período de aulas e por fim, o ATL.</p>

		<p><i>“Eu acordo, vou-me vestir, vou lavar os dentes, vou comer, depois vou preparar o lanche da manhã, vou ver um bocadinho de televisão enquanto como, depois a mãe leva-nos para a escola e depois eu vou brincar um bocadinho, vamos para as aulas... Depois vamos fazer os trabalhos, depois vai ser o almoço, depois vamos brincar de novo e depois vamos estudar e depois vamos lá para baixo brincar um bocadinho, às vezes há dança. Depois a gente, eu, vou fazer o ATL, entretanto a minha mãe vem, vou para casa, depois eu vou ver um bocadinho de televisão. Depois vou comer e depois vou brincar um bocadinho, ver televisão, vou dormir...”</i> (Entrevistada 9)</p>	<p>A entrevistada 9 refere que há dias em que há a atividade de dança.</p> <p>Por fim, quando chegam a casa jantam, brincam, vêm televisão, fazem a sua higiene e vão dormir.</p>
Cor	Perceber o acompanhamento dos pais em relação ao progresso dos filhos.	<p><i>“Às vezes ajudam.”</i> (Entrevistada 6)</p> <p><i>“Ajudam às vezes. Porque eu sei algumas.”</i> (Entrevistada 7)</p> <p><i>“Ajudam-me às vezes menos a fazer copias.”</i> (Entrevista 8)</p> <p><i>“Só tivemos erros.”</i> (Entrevistada 6)</p> <p><i>“Para a próxima tenta fazer melhor.”</i> (Entrevistada 7)</p> <p><i>“Não faz mal, a minha diz não faz mal porque estamos a aprender.”</i> (Entrevistada 6)</p> <p><i>“Toda a gente erra.”</i> (Entrevistada 8)</p>	<p>De acordo com as respostas dos entrevistados, os pais por vezes ajudam nos trabalhos de casa. Gostam quando os seus educandos têm boas notas.</p> <p>Em relação às más notas, as crianças referem que ainda não tiveram más notas, que só têm erros e quando os têm os pais normalizam a situação e incentivam a fazer melhor.</p>
Cor	Conhecer as atividades realizadas na escola em	<p><i>“Sim.”</i> (Todas)</p> <p><i>“No Carnaval.”</i> (Entrevistada 8)</p> <p><i>“No Natal.”</i> (Educadora Social)</p>	<p>Relativamente às festas e atividades realizadas na escola, no presente ano letivo, fizeram festas</p>

	conjunto com a família.		online, nomeadamente no Natal e no Carnaval e as famílias assistiram.
Cor	Outras informações.		

H.7. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 2º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista-conversa			
Entrevistados/as: Estudantes do 2º ano			
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa	
Cor	Identificar a informação básica.	<p>“Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.” (Entrevistada 9)</p> <p>“Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.” (Entrevistado 10)</p> <p>“Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.” (Entrevistada 11)</p> <p>“Do 2º ano.” (Todos)</p>	<p>A entrevista realizou-se a 3 estudantes do 2º ano, da Escola Rumo ao Futuro, todos com 8 anos de idade. Duas estudantes do sexo feminino e um estudante do sexo masculino.</p>
Cor	Conhecer o dia-a-dia na instituição e em casa	<p>“Primeiro eu acordo, depois vou tomar o pequeno-almoço... depois a mãe prepara a roupa... às vezes vejo um pouco de televisão e depois vou para a escola. Tenho aulas, mas tenho várias, hoje tive de música... depois fomos ao intervalo... Depois do intervalo da manhã vou para as aulas, depois almoço, depois vou para o recreio e depois volto às aulas, depois vamos lanchar, a minha mãe vem-me buscar e provavelmente irá ao supermercado e depois vamos para casa e depois a mãe vai pedir para eu tomar banho e a seguir vou brincar e depois a mãe chama-me para ir jantar, vejo um pouco de televisão e vou para a cama.” (Entrevistada 9)</p> <p>“Ah, o meu dia é todo igual ao da..., só que há umas coisinhas diferentes, no intervalo da manhã quase nunca brinco com ela, raramente... Jogo muito futebol... Quarta-feira tenho treinos, depois</p>	<p>O dia-a-dia das crianças é semelhante.</p> <p>De manhã, após acordarem, tomam o pequeno-almoço e preparam-se para ir para a escola, quando têm tempo vêm um pouco de televisão.</p> <p>Para além das aulas com as disciplinas habituais, também têm outras atividades, no dia da entrevista a turma do 2º ano teve aula de música.</p> <p>Quando regressão a casa, tomem banho, brincam, vêm televisão, estão no telemóvel e vão dormir.</p>

		<p><i>sábado tenho jogo e ando num clube que se chama CADE...”</i> (Entrevistado 10)</p> <p><i>“Então, no meu dia-a-dia, eu acordo, vou para a cozinha, se tiver tempo, primeiro vejo um bocadinho de televisão e depois a mãe pergunta-me o que é que eu quero comer. Vou para a escola, depois lá eu também fiz o ditado e a aula de música e depois em casa vejo também televisão um bocadinho, às vezes vejo um bocadinho o telemóvel para descontraír e depois vamos dormir.”</i> (Entrevistada 11)</p>	<p>O entrevistado 10 referiu também que às quartas-feiras tem treinos de futebol e aos sábados tem jogos de futebol, algo que também faz parte da sua rotina.</p>
Cor	<p>Perceber o acompanhamento dos pais em relação ao progresso dos filhos.</p>	<p><i>“Sim.”</i> (Todos)</p> <p><i>“Sim.”</i> (Todos)</p> <p><i>“Nos trabalhos de casa é mais o pai, em tudo é mais o pai, da escola.”</i>, <i>“O meu pai diz na brincadeira... um erro é igual a um castigo.”</i> (Entrevistado 10)</p> <p><i>“Mas às vezes isso é só brincadeira, o pai, quando é um erro ele fica muito orgulhoso, mas quando nós tivemos três erros num ditado que era muito fácil, o pai aí ralhou muito connosco...”</i> (Entrevistada 9)</p> <p><i>“Não.”</i> (Entrevistada 11)</p>	<p>Os pais ajudam os seus educandos nos trabalhos de casa. O entrevistado 10 diz que quem ajuda mais com as tarefas da escola é o pai.</p> <p>Todos os entrevistados dizem que os pais gostam quando têm boas notas.</p> <p>Relativamente às más notas, os estudantes dizem que ainda não têm más notas, só erros. A entrevistada 9 conta que quando tiveram 3 erros o pai ralhou, mas quando têm apenas 1 erro o pai fica muito orgulhoso.</p>

Cor	Conhecer as atividades realizadas na escola em conjunto com a família.	<p>“Sim.” (Entrevistada 9)</p> <p>“As festas sim, costumam de assistir sempre...” (Entrevistado 10)</p> <p>“Sim.” (Entrevistada 11)</p>	Quando são realizadas atividades e festas na escola que os pais podem acompanhar, eles costumam assistir sempre.
Cor	Outras informações.	“Ela é minha irmã.” (Entrevistado 10)	Dois dos estudantes entrevistados são irmãos.

H.8. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 3º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista-conversa			
Entrevistados/as: Estudantes do 3º ano			
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa	
Cor	Identificar a informação básica.	<p>“Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.” (Entrevistada 12)</p> <p>“Eu chamo-me ... e tenho 9 anos.” (Entrevistado 13)</p> <p>“Eu chamo-me ... e tenho 8 anos.” (Entrevistada 14)</p> <p>“3º ano.” (Todos)</p> <p>“Cá da Escola Rumo ao Futuro.” (Entrevistado 13)</p>	Foram entrevistados 3 estudantes do 3º ano da Escola Rumo ao Futuro. Duas estudantes do sexo feminino e um estudante do sexo masculino. Dois dos estudantes com 9 anos e uma das estudantes com 8 anos.
Cor	Conhecer o dia-a-dia na instituição e em casa	<p>“Eu acordo, eu vou-me vestir, vou tomar o pequeno-almoço, lavo os dentes e depois venho para a escola e na escola depois estudamos, brincamos, aprendemos... antes de ir para casa tenho atividade ou é tempo ou é patinagem e depois vou jantar, descanso, faço os trabalhos e depois vou dormir.” (Entrevistada 12)</p> <p>“Eu vou explicar os meus dias de basquete que é a sexta-feira e a terça. É, eu acordo vou-me vestir, preparo tudo, lavo os dentes e depois saio logo às sete da manhã para ir para a escola. Depois lá na escola termino de comer, brinco com os meus amigos e a professora vem lá nos buscar. Vamos para a sala, aprendemos coisas... coloco as minhas sapatilhas para o basquete, vou treinar e depois... vou para casa. Fico ali a ver um</p>	<p>O dia-a-dia dos estudantes entrevistados é idêntico.</p> <p>Acordam, vestem-se, tomam o pequeno-almoço, fazem a sua higiene e preparam as coisas para ir para a escola. Na escola, referem que estudam, aprendem e brincam com os amigos.</p> <p>Todos os estudantes entrevistados para além da escola têm outras atividades em alguns dias da semana.</p>

		<p><i>bocadinho um filme, estudo, faço os TPC's, se tiver e depois vou jantar e vou para a cama.” (Entrevistado 13)</i></p> <p><i>“Eu acordo, vou tomar o pequeno-almoço, depois eu visto-me, lavo os dentes e depois vou para a escola... à sexta-feira tenho dança. Depois eu volto para casa para fazer os TPC's ou não. Depois eu janto e durmo.” (Entrevistada 14)</i></p>	<p>As atividades mencionadas foram patinagem, basquetebol e dança.</p> <p>Quando regressão a casa, fazem os trabalhos de casa, se tiverem, vêm filmes, jantam e vão dormir.</p>
Cor	<p>Perceber o acompanhamento dos pais em relação ao progresso dos filhos.</p>	<p><i>“Se eu tiver dúvidas eles ajudam se eu não tiver dúvidas eles não ajudam e eles corrigem os TPC's.” (Entrevistada 12)</i></p> <p><i>“... quando eu tenho dúvidas a mãe faz ali uma explicação e depois levo as coisas... porque eu nunca costumo ter muita coisa errada. Nem eu, nem a... nem a...” (Entrevistado 13)</i></p> <p><i>“Faço os trabalhos e depois eles corrigem...” (Entrevistada 14)</i></p> <p><i>“Adoram!” (Todos)</i></p> <p><i>“Ah! Eu não sou de ter má notas, mas a minha mãe coloca-me de castigo.” (Entrevistado 13)</i></p> <p><i>“Não sei, nunca tive abaixo de Bom mais! Por isso eu não sei o que é que acontece.” (Entrevistada 12)</i></p> <p><i>“Eu não fico de castigo, dei o meu melhor.” (Entrevistada 14)</i></p>	<p>Em relação à pergunta se os pais costumam ajudar com as tarefas da escola, praticamente todos os entrevistados responderam que ajudam, caso eles tenham dúvidas, e que os pais corrigem os trabalhos de casa. O entrevistado 13 disse que os 3 entrevistados nunca costumavam ter muita coisa errada.</p> <p>Os pais adoram quando eles têm boas notas. Relativamente às más notas, o entrevistado 13 diz que não é de ter más notas, mas se tiver a mãe mete-o de castigo, a entrevistada 12 diz que nunca teve más notas e por essa razão não sabe o que é que acontece e a</p>

			entrevistada 14 diz que não fica de castigo porque deu o seu melhor.
Cor	Conhecer as atividades realizadas na escola em conjunto com a família.	<p>“Sim, mas agora com o covid...” (Entrevistado 13)</p> <p>“Com o covid não dá, mas antes havia no Natal e no fim do ano.” (Entrevistada 12)</p> <p>“No magusto.” (Entrevistado 13)</p> <p>“E havia aula assistida...” (Educadora Social)</p> <p>“E havia outra coisa, nós íamos andar de autocarro...” (Entrevistado 13)</p>	<p>Os entrevistados dizem que os pais costumavam assistir às atividades, no entanto com o covid não assistem presencialmente.</p> <p>Mencionaram que havia festas e atividades no Natal, no fim do ano, no magusto, havia aula assistida e saídas de autocarro.</p>
Cor	Outras informações.		

H.9. Análise de conteúdo da entrevista-conversa aos estudantes do 4º ano

Grelha de análise de conteúdo da Entrevista-conversa			
Entrevistados/as: Estudantes do 4º ano			
Objetivos	Discurso dos/as entrevistados/as	Síntese interpretativa	
Cor	Identificar a informação básica.	<p>“<i>Eu chamo-me... e tenho 9 anos.</i>” (Entrevistado 15)</p> <p>“<i>Eu chamo-me... e tenho 9 anos.</i>” (Entrevistada 16)</p> <p>“<i>Eu chamo-me... e tenho 9 anos.</i>” (Entrevistada 17)</p> <p>“<i>4º ano.</i>” (Todos)</p>	Os 3 estudantes entrevistados do 4º ano têm 9 anos de idade. Duas das estudantes são do sexo feminino e um dos estudantes é do sexo masculino.
Cor	Conhecer o dia-a-dia na instituição e em casa	<p>“<i>...acordo, como, visto-me... Lavo os dentes... depois vou para a escola, tenho as minhas aulas, tenho os meus intervalos, volto para casa, faço os meus TPC's, estudo... janto, depois lavo os dentes, depois vou tomar banho e depois é que como... e depois é que vou dormir.</i>” (Entrevistado 15)</p> <p>“<i>Eu acordo, visto-me, como, depois lavo os dentes, lavo-me e depois vou para a escola, estou com os meus amigos um pouco, depois vou ter aulas, depois das aulas vou ter os intervalos e brinco um bocado com os meus amigos, depois outra vez aulas, depois vou para casa, depois estudo, quando é testes e depois vou dormi... não, vou tomar banho, depois vou jantar, depois lavo os dentes e vou para a cama. Sonhar.</i>” (Entrevistada 16)</p>	<p>No que diz respeito ao dia-a-dia dos entrevistados é idêntico entre todos.</p> <p>Eles referem que acordam, vestem-se, fazem a sua higiene, tomam o pequeno-almoço e vão para a escola.</p> <p>Na escola têm as aulas, os intervalos e brincam com os amigos.</p> <p>Depois das aulas fazem os trabalhos de casa e estudam quando têm testes.</p> <p>Antes de irem dormir, tomam banho e jantam. A entrevistada 16 também diz que costuma ver a telenovela.</p>

		<p>“... eu acordo, depois visto-me... depois vou tomar o pequeno-almoço, lavo os dentes, vou para a escola, depois tenho as aulas, brinco com os amigos, depois tenho outra vez aulas, vou para casa, faço os trabalhos de casa e... vou jantar, lavo os dentes, tomo banho também e depois vou dormir.” (Entrevistada 17)</p> <p>“Oh é verdade, o amor amor eu vejo no dia a seguir, puxo para trás que a minha televisão dá para puxar.” (Entrevistada 16)</p>	
Cor	Perceber o acompanhamento dos pais em relação ao progresso dos filhos.	<p>“Sim, às vezes, quando eu preciso de ajuda sim.” (Entrevistado 15)</p> <p>“Sim, muitas vezes quando há testes eles estudam um pouco comigo, a minha mãe... é mais a minha mãe porque ela é professora aqui.” (Entrevistada 16)</p> <p>“Sim, quando eu preciso de ajuda e quando tenho dúvidas.” (Entrevistada 17)</p> <p>“Claro.” (Entrevistado 15)</p> <p>“Sim, gostam muito.” (Entrevistada 16)</p> <p>“Gostam muito!” (Entrevistada 17)</p> <p>“Ralham comigo, apenas e depois dizem... é assim, quando tiro bom é “tens de estudar mais um pouco” e bom mais é, “só mais um bocadinho” e quando tiro muito bom é “nada mais que a tua obrigação”.” (Entrevistada 16)</p> <p>“Levo raspanete.” (Entrevistado 15)</p>	<p>Sobre as tarefas da escola, os entrevistados dizem que os pais ajudam quando eles precisam de ajuda ou têm dúvidas em alguma coisa. A entrevistada 16 diz que a mãe estuda com ela quando há testes porque é professora na escola Rumo ao Futuro.</p> <p>Todos os entrevistados dizem que os pais gostam muito quando eles têm boas notas na escola.</p> <p>Em relação às más notas, os entrevistados 15 e 16 dizem que os pais ralham com eles e a entrevistada 17 refere que o pai lhe diz que podia melhorar.</p>

		<p><i>“O meu pai diz que eu podia melhorar mais um bocadinho.”</i> (Entrevistada 17)</p> <p><i>“Eles não têm más notas, eles nem sabem o que é que é isso.”</i> (Educadora Social)</p> <p><i>“É só muito bom, bom mais e bom.”</i> (Entrevistado 15)</p>	No entanto a educadora social intervém na entrevista para dizer que eles não têm más notas e o entrevistado 15 concorda com ela.
Cor	Conhecer as atividades realizadas na escola em conjunto com a família.	<p><i>“Sim.”</i> (Entrevistado 15)</p> <p><i>“Sim, sim, sim e eles gostam muito.”</i> (Entrevistada 16)</p> <p><i>“Sim, também.”</i> (Entrevistada 17)</p>	Os entrevistados dizem que os pais costumam assistir às festas e atividades realizadas na escola e que gostam muito.
Cor	Outras informações.		

I. Análise geral de conteúdo das entrevistas

Categories	Entrevistados	Citações
Função desempenhada na escola Rumo ao Futuro	1	<i>“... fiquei a tempo inteiro no ATL da Escola Rumo ao Futuro, com a responsabilidade de coordenar o ATL.”</i> (Entrevistada 1)
	2	<i>“... eu sou professora de primeiro ciclo, este ano estou a lecionar o primeiro ano e acumulo com a função de diretora pedagógica”</i> (Entrevistada 2)
	3	<i>“Sou professora do primeiro ciclo e leciono nesta escola há 31 anos.”</i> (Entrevistada 3)
	4	<i>“Sou professora do 1º ciclo, há 13 anos que estou aqui. Leciono já... há uns 16 ou 17... eu acabei o meu curso em 2003/2004... depois acabei por fazer educação, os professores era aquela complicação para as colocações e então depois fui colocada no apoio, fui professora do ensino especial e acabei depois por ingressar aqui na escola Rumo ao Futuro. E aqui estou há 13 anos e este ano estou com o 3º ano.”</i> (Entrevistada 4)
	5	<i>“... sou professora de 1º ciclo, este ano estou com o 4º ano e já trabalho aqui há 13 anos”</i> (Entrevistada 5)
Relação entre escola e família	2	<i>“O modo da nossa escola... É por isso que existimos, ela nasceu por causa disso, para haver uma maior proximidade entre a escola e entre a família, porque acreditamos que só havendo</i>

		<p><i>essa conjugação de sinergias, de trabalho... às vezes não é fácil e principalmente nos dias que correm, não é fácil, mas continuamos a acreditar que só com a família, com o esforço da família e com a participação da família é que os garotos são felizes e que há sucesso.”</i> (Entrevistada 2)</p> <p>3 <i>“... é essencial até porque nós tivemos um projeto de início que era mesmo com o professor Ramiro Marques, um estudo que fez... que era mesmo a ligação, e eu estive no início da escola e iniciei mesmo na escola Rumo ao Futuro com uma turma de 1º ano, depois no ano seguinte, entraram duas turmas, três... fui eu que fui pioneira nisso. E nós tivemos mesmo esse projeto defendido, a extrema importância da relação entre a escola e a família.”</i> (Entrevistada 3)</p> <p>4 <i>“A minha perspectiva é que... a família é a base, é um dos grandes pilares. Tanto a família como a escola são dois grandes pilares... é um trabalho de equipa... a família é responsável por transmitir a formação de base, os valores, o saber estar para o aluno, a criança ter autoestima e saber estar no mundo com toda a segurança, a escola é o grande pilar dos conhecimentos, onde eles convivem com os seus pares, onde aprendem regras de convivência e de respeito um pelo outro. Agora escola mais família são o grande pilar da formação de uma criança, sempre.”</i> (Entrevistada 4)</p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	5	<p><i>“...a nível de empenho e da relação que os pais têm com a escola é muito positiva. Sempre que se pede para os pais virem à escola ou por algum motivo... eles costumam vir e costumam ser muito recetivos o que também acaba por ser bom, quer dizer que os pais acabam por ter algum interesse... Pela vida e pelo percurso escolar das crianças. Também, muitas vezes, eles vêm numa de perguntar... se está tudo a correr bem, quais é que são as dificuldades que as crianças têm... nem é tanto para saber... das coisas dos filhos a nível académico, mas sim pelos comportamentos que os outros têm para com os filhos deles.”</i></p> <p>(Entrevistada 5)</p> <p><i>“... a relação que há hoje em dia escola, professor e com os pais, eles vêm muito também numa perspetiva de perceber o que é que está a acontecer com os filhos, não só a nível académico, mas sim a nível comportamental e os comportamentos que eles têm entre pares nos recreios. Acho que hoje em dia os pais preocupam-se muito com duas coisas, é, que os meninos sejam os melhores alunos do mundo, portanto, não pode haver alunos menos bons, têm que ser todos perfeitos e depois preocupam-se muito quando o menino vai para casa um bocadinho mais triste porque há uma dificuldade e uma contrariedade que eles não conseguem ultrapassá-la... Mas de resto, acho que é muito positivo os pais interessarem-se e virem, também se não vierem, também é um trabalho um bocadinho solitário e a escola tem que ser parceira com os pais senão não funciona.”</i> (Entrevistada 5)</p>
Acompanhamento dos pais no progresso dos filhos	2	<p><i>“... há pais que são muito mais participativos do que outros, por exemplo, já tive grupos em que os pais... eram pouco participativos, estavam na escola apenas e... deixam-se estar.</i></p>

		<p><i>Atualmente, da experiência que eu tenho e do grupo que eu tenho, a totalidade dos pais desta turma são muito participativos, aliás, até acho que são participativos de mais, preocupados de mais, estão sempre em cima, “o que é que é preciso?... são impecáveis. Mesmo nesta situação que houve agora de confinamento, foram pais que acompanharam sempre, estiveram ali ao lado, estiveram sempre a ajudar os miúdos nos trabalhos que nós mandávamos, no plano semanal, sempre... foi impecável, os pais são impecáveis. Mas há grupos que isso não acontece, depende muito da perspetiva que as pessoas também têm do que é a escola, há pais que têm a perspetiva de, lá está, da escola relação com a família e gostam dessa conjugação, há outros pais que... a escola que faça o trabalho que depois quando chegamos a casa é para brincar e não termos essa preocupação. Depende muito da perceção que os pais têm da escola.” (Entrevistada 2)</i></p> <p>3 <i>“... de uma maneira geral temos pais interessados e que apostam, quer dizer, não são todos, não têm todos o mesmo empenho, mas de uma maneira geral são pessoas preocupadas e empenhadas... vê-se que as pessoas valorizam coisas diferentes, hoje já não mandamos tantos trabalhos como mandávamos... os pais privilegiam também mais as atividades, não quer dizer que não se empenhem e quando é em avaliação e estimulam-nos a ir a visitas, a ver espetáculos, agora está um bocadinho tudo mais confinado, mas acabamos por... as pessoas estão menos recetivas à sobrecarga de trabalho... Se calhar antes valorizavam mais, mais trabalho e agora menos trabalho, aquele suposto trabalho de casa, mas quando é</i></p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	4	<p><i>preciso acompanham e agora com estes confinamentos e tudo tem sido imprescindível a colaboração.” (Entrevistada 3)</i></p> <p><i>“Há aqueles pais muito interessados e que acompanham todo o trabalho, e alguns até, de certa forma, acho que um bocadinho exagerada porque depois eles aqui na sala sentem falta daquela moleta... ainda hoje eu digo “larguem-nos, eles têm que ser autónomos, não exagerem” ... Depois tenho aqueles que fazem tudo de forma completamente autónoma e os pais não corrigem absolutamente nada e não interferem em nada, eu acho que nem percebem o que é que eles andam a dar ou deixam de dar... eu tenho aqui de tudo, mas aquilo que eu acho que é o correto... é aquele meio termo... e daí a função dos trabalhos de casa... uma das grandes funções é estabelecer esta ligação, para além de outras que possam haver... o trabalho de casa é aquele trabalhinho diário... onde a criança consegue com os pais estabelecer a ligação entre a escola e casa. Os pais apercebem-se do que eles estão a dar na escola, conseguem fazer o acompanhamento, no caso de haver dúvidas transmitem ou registam... a importância da família com a criança é este acompanhamento diário, é nos trabalhos de casa, nas tarefas diárias, no diálogo... levá-los a ganharem a confiança dos pais, que é isso que acho que falta um bocadinho, hoje em dia... tirar 10 minutinhos deles e nossos, sentarmo-nos “então como correu o teu dia? há alguma coisa que te chateie? correu tudo bem? Houve algum conflito? Houve alguma situação que te esteja a preocupar?” de forma a criança ganhar autoestima, estar segura, sentir-se bem e se houver algum problema</i></p>
--	---	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p><i>chegarmos e ajudarmos porque eles ainda não têm ferramentas, muitas das vezes, para resolver os seus problemas. Ajudarmo-nos nesse sentido, falar com o professor... e tentarmos em equipa ajudar a criança. Isto vai desenvolver... A autoestima, a formação de base, vão ser com certeza adultos muito mais conscientes do seu papel no mundo e muito fortes em saber lidar com as contrariedades da vida... a família tem tudo isto, papel na educação, em ajudar nas tarefas e nesta formação, nesta segurança e formação de base.”</i> (Entrevistada 4)</p> <p>5 “... eu tenho aqui duas situações, tenho alguns que são muito empenhados com os filhos e estudam com eles, trabalham com eles e acham que sim, que de facto se deve também trabalhar em casa e que é importante estarem a par de todo o processo dos filhos, mas depois... há os outros que quase que se demitem dessa função e acham que a escola é que tem que fazer tudo por eles... quase que a escola é que é a tabua de salvação, desde a educação até aos conhecimentos... a escola é que tem de dar tudo. E não gostam e não apreciam muito trabalhar com os meninos em casa, acham que os meninos, a partir do momento que saem da escola, só devem brincar... eu pessoalmente, acho que deve de existir aqui um ponto de equilíbrio... Na escola deve-se dar todas as ferramentas e mais algumas, para eles poderem também ser um bocadinho autónomos, mas depois em casa também é importante que haja uma supervisão dos pais, que é para os pais perceberem as dificuldades</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>que as crianças têm e como é que os meninos estão, como é que não estão, o que é que estão a aprender... também é importante eles terem o espaço deles e brincarem.” (Entrevistada 5)</i>
	6	<i>“Às vezes ajudam.” (Entrevistada 6)</i>
		<i>“Não faz mal, a minha diz não faz mal porque estamos a aprender.” (Entrevistada 6)</i>
	7	<i>“Para a próxima tenta fazer melhor.” (Entrevistada 7)</i>
	12	<i>“Se eu tiver dúvidas eles ajudam, se eu não tiver dúvidas eles não ajudam e eles corrigem os TPC’s.” (Entrevistada 12)</i>
	13	<i>“Ah! Eu não sou de ter má notas, mas a minha mãe coloca-me de castigo.” (Entrevistado 13)</i>
	14	<i>“Faço os trabalhos e depois eles corrigem...” (Entrevistada 14)</i>
	16	<i>“Eu não fico de castigo, dei o meu melhor.” (Entrevistada 14)</i>
		<i>“Sim, muitas vezes quando há testes eles estudam um pouco comigo, a minha mãe... é mais a minha mãe porque ela é professora aqui.” (Entrevistada 16)</i>
	17	<i>“Sim, quando eu preciso de ajuda e quando tenho dúvidas.” (Entrevistada 17)</i>
		<i>“O meu pai diz que eu podia melhorar mais um bocadinho.” (Entrevistada 17)</i>

<p>Atividades realizadas na escola em conjunto com a família</p>	<p>2</p>	<p><i>“... agora estão assim um bocadinho, como sabemos... Mas nas festas de final de ano, festas de Natal, na avaliação de notas, assim de uma maneira geral, sempre que são solicitados eles aparecem... nas tarefas dos filhos, por exemplo quando nós mandamos um trabalho para fazer ou de planetas ou de investigação, de uma maneira geral todos participam... De uma maneira geral é acima da média.” (Entrevistada 2)</i></p> <p><i>“Nós temos atividades, nós normalmente fazíamos atividades com os pais, que era o Dia da Família, em que os pais, por exemplo, faziam jogos de bola entre pais e filhos, chegámos a fazer aulas de ginástica com as mães... fazíamos no início do ano letivo uma caminhada pelas ruas do Entroncamento, com toda a escola, os pais, as famílias, os cães... e era muito engraçado esse acompanhamento. Quando era na altura do Carnaval fazíamos também sempre a noite do pijama, lá na escola, em que os pais iam lá por os meninos... e nós fazíamos sempre umas atividades com os pais. Os pais também levavam sempre um adereço de Carnaval... era muito engraçado.” (Entrevistada 2)</i></p>
	<p>3</p>	<p><i>“Agora participam em quase todas. Mas participam... festinhas que nós fazíamos, hora de conto, aula aberta, no acompanhamento dos filhos nas atividades que são necessárias, na realização de trabalhos de grupo, de experiências, sim... muito colaborativos.” (Entrevistada 3)</i></p> <p><i>“... nós fazíamos muitas atividades que não estamos agora a fazer... Até tínhamos pensado agora este ano fazer tipo uma hora do conto em que, por semana, cada pai ia ler a história,</i></p>

		<p><i>muitas vezes falam das suas profissões... agora é um bocadinho mais restrito. Estamos em casa dos pais e os pais na nossa, mas através do ecrã, porque agora não há ajuntamentos para nada. Mas cerimónias, o cantar dos reis, ir à igreja, como a escola tem um caris católico, muita muitas atividades. Magusto, os pais eram sempre convidados... até pais que se disponibilizavam, uns assavam castanhas... fazíamos muitas atividades. Não sempre, porque não vamos estar a sobrecarregar as pessoas e também precisamos de tempo de trabalho, tempos de qualidade... fazíamos a noite do pijama e à noite os pais iam sempre, fazíamos assim uma rave ou um espetáculo ou uns jogos ou leituras e depois... iam embora e deixavam os meninos. E muitas vezes os pais juntavam-se e iam até um bar que era uma coisa que nunca faziam... agora... não há nada, não podemos fazer nada disto.”</i></p> <p><i>(Entrevistada 3)</i></p> <p>4 <i>“Tanto em festas temáticas que nós aqui fazíamos antes, agora com o covid já é mais difícil, o Dia da Mãe, o Dia da Família, as festas de Natal, o virem à escola, acho que esta ligação de eles entrarem no ambiente, as crianças adoram, elas sentem-se bem com os pais aqui na escola... esta ligação, este ambiente é ótimo...”</i> (Entrevistada 4)</p> <p><i>“Natal, datas importantes, Dia da Mãe, Dia do Pai... uma vez por mês, no nosso plano de atividades, temos sempre um momento de ligação entre família e escola... procuramos sempre de alguma maneira que os pais venham aqui à escola... Carnaval eles também</i></p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>acabam por vir... todos os meses há um momento de ligação escola família.” (Entrevistada 4)</i>
	5	<i>“Pois, agora nem tanto... eles agora no que é que têm participado?! Temos feito alguns trabalhos, fizemos pelo Dia da Família um trabalhinho em que os pais participaram... era um trabalho feito entre pais e filhos... mandámos uma dobragem para casa por causa do dia da biodiversidade... normalmente são pais que... colaboram nessas atividades quando são pedidas. Outras vezes, é, por exemplo, nas festinhas que havia festa de final de ano, festa de Natal, que eles vinham, eram recetivos a isso e tínhamos sempre a colaboração. Este ano, foi feita um bocadinho diferente, fizemos online a transmissão e todos os pais, só mesmo aqueles que não conseguiam estar naquela hora, mas depois tiveram todos o interesse de ir ver a gravação e do que foi feito. E sim, são bastante empenhados e costumam sempre participar naquilo que é pedido.” (Entrevistada 5)</i>
	8	<i>“No Carnaval.” (Entrevistada 8)</i>
	10	<i>“As festas sim, costumam de assistir sempre...” (Entrevistado 10)</i>
	12	<i>“Com o covid não dá, mas antes havia no Natal e no fim do ano.” (Entrevistada 12)</i>

	13	<i>“No magusto.” (Entrevistado 13)</i>
Obstáculos para a relação entre escola e família	2	<i>“É assim, vantagens são todas, sem dúvida. Desvantagens, vamos lá a ver, às vezes eles, hoje em dia toda a gente tem opinião para tudo... E às vezes há determinados, e atenção que eu não estou a generalizar, há determinados pais que têm a opinião que acham que sabem e que se fosse assim era melhor e se fosse assado era melhor e pronto... Mas eu acho que pesando as vantagens e as desvantagens, as vantagens são muito maiores que as desvantagens.” (Entrevistada 2)</i> <i>“... temos uma boa comunicação... antes era muito a nível de papel... agora fazemos mais a nível de e-mail... Mas fazemos sempre que há situações de interesse, nós... comunicamos com as famílias.” (Entrevistada 2)</i>
	3	<i>“Só tem vantagens, claro que nós também sabemos e as pessoas também sabem medir os limites... Nós até facultamos o nosso número de telefone e se houver alguma pessoa que passe aquela barreira nós também sabemos com postura dar a dica à pessoa que está a abusar... Mas de uma maneira geral não abusam e quando têm que falar e solicitar, pedem desculpa... Nós fazemos muito mensagem... há esta relação de proximidade e é muito bom. E quando crescem fica sempre aquele elo, entram para a faculdade... há sempre este feedback do destino deles e já tenho ido a casamentos de alunos do primeiro grupo, é muito giro, é um prolongamento da família, mesmo com as diferenças hoje, acho que é essencial.” (Entrevistada 3)</i>

	4	<p><i>“Eu só vejo é vantagens... Desvantagens não vejo. Vindo para ajudar, vejo só grandes vantagens... os pais as depositam, entre aspas, diariamente e que depositam em nós toda a confiança e é muito bom haver esta ligação, este contato e esta confiança e no final ficar alguma relação até de amizade... Agora noto... praticamente... um ano e meio, isto com o covid tornou-se tudo muito mais complicado, mas fazemos reuniões online, eu desde o primeiro ano, eu dou logo o meu contato telefónico... mensagem telefónica, não é preciso estarem a ligar para a escola... de forma informal eu vou procurando sempre... o contato com os pais dos meus alunos, no passeio uma conversa, uma brincadeira que surgiu na sala, qualquer situação engraçada que eu acho para lhes contar... há muito esta ligação... que eu acho que é muito importante. Claro que depois há muitas vezes que terá de ser de forma formal, através de reuniões... contato via e-mail... o contato dos pais com a escola é muito importante e sinto muita a falta disso e os miúdos também, as festinhas, é muito bom”</i></p> <p><i>(Entrevistada 4)</i></p> <p><i>“O único obstáculo que encontro é mesmo o trabalho... acho que é o ponto de impedimento dos pais virem às atividades e às reuniões que a escola proporciona, é mesmo só o horário. É a vida hoje em dia do trabalho... mas nós temos essa preocupação de facilitar.”</i></p> <p><i>(Entrevistada 4)</i></p>
	5	

		<p><i>“É assim, depende da perspectiva. Eu acho que é sempre vantajoso nós termos os pais como nossos parceiros e aliados. É muito bom... Facilita todo o nosso trabalho... Mas depois há alguns pais que acham que mandam em casa e também mandam na escola, nas regras, aí nessa perspectiva não me parece muito positiva. Agora sim, se estamos aqui numa perspectiva de cooperação entre escola e casa acho que sim, acho que faz todo o sentido e é muito positiva.” (Entrevistada 5)</i></p>
Comunicação entre a escola e a família	2	<p><i>“...cada turma tem um representante ou dois, este ano até temos dois como fizemos reunião de pais no início do ano com a turma dividida, temos dois representantes de turma, por cada turma e a função deles é basicamente fazer chegar à escola as preocupações, se bem que todos os pais têm abertura para fazer isso, mas se os pais quiserem fazer chegar, de dar ideias, de isto ou daquilo.” (Entrevistada 2)</i></p>
	3	<p><i>““Ó professora, ele não está a perceber muito bem, vi ali dificuldade nos trabalhos de casa” e às vezes até mandam... “ele não está a entender bem as frações” ... “ok, amanhã dou o reforço” ... Pronto, há este tipo de comunicação que é importantíssima.” (Entrevistada 3)</i></p>
	4	<p><i>“Agora noto... praticamente... um ano e meio, isto com o covid tornou-se tudo muito mais complicado, mas fazemos reuniões online, eu desde o primeiro ano, eu dou logo o meu contato telefónico... mensagem telefónica, não é preciso estarem a ligar para a escola... de forma informal eu vou procurando sempre... o contato com os pais dos meus alunos, no</i></p>

	5	<p><i>passaio uma conversa, uma brincadeira que surgiu na sala, qualquer situaao engraçada que eu acho para lhes contar... há muito esta ligaao... que eu acho que  muito importante. Claro que depois há muitas vezes que terá de ser de forma formal, através de reuniões... contato via e-mail... o contato dos pais com a escola  muito importante e sinto muita a falta disso e os miúdos também, as festinhas,  muito bom” (Entrevistada 4)</i></p> <p><i>“Isto agora está um bocadinho diferente pelo facto de estarmos em pandemia... não há tanto aquela situaao dos pais poderem vir  escola, nós tentamos que todo o tipo de contacto seja feito ou por telefone ou como nós estamos agora, também damos essa oportunidade aos pais que queiram falar connosco por algum motivo...” (Entrevistada 5)</i></p>
Reuniões de pais	2	<p><i>“Habitualmente fazemos trimestralmente, agora neste tempo de confinamento temos feito por videoconferência... reunimos por videoconferência sempre que  necessário. Antes desta situaao da pandemia, o que nós fazíamos era... as reuniões presenciais, fazíamos também as reuniões a meio dos trimestres, fazíamos as reuniões com os representantes de turma... somos uma escola pequenina, temos essa abertura e normalmente recebemos os pais quando eles sentem essa necessidade... De uma maneira geral, as coisas correm bem.” (Entrevistada 2)</i></p> <p><i>“... são importantes, porque... há reuniões de pais que são muito mais participativas do que outras, há pais que entram mudos e saem calados, mas também há pais que falam, falam, falam, falam... Mas...  uma forma de pôr em comum as preocupaes, as inquietaes dos pais, as dúvidas... E há coisas que nós, como lidamos todos os dias com esta dinâmica das</i></p>

		<p><i>aulas, há coisas que nem sequer nos passa pela cabeça que podem passar pela cabeça dos pais e que nessas reuniões de pais acabam por ser postas em cima da mesa e postas em comum, acaba por ser muito importante essas reuniões.” (Entrevistada 2)</i></p> <p>3 <i>“É mais um momento que estamos ali em conjunto e que todos podem ser ouvidos e também escutarem muita coisa.” (Entrevistada 3)</i></p> <p>4 <i>“... para além das festinhas que é um momento... agradável, as reuniões de pais também são... partilho tudo aquilo que eu acho que é importante para com a turma, acabo sempre por abordar o perfil da turma, aquilo que temos a melhorar e o que estamos a fazer... esta ligação e depois a relação que fica ... eles gostam e este diálogo e estas conversas e histórias que acontecem, peripécias ao longo do ano e ao longo do período ir falando com os pais... é sempre bom... Quer no carácter pedagógico, dos pais terem conhecimento de como está a turma em termos gerais e também para estabelecer mais esta relação pessoal que acaba por ser sempre positiva.” (Entrevistada 4)</i></p> <p>5 <i>“... nós com esta situação... fizemos, no início do ano letivo, fizemos uma reunião presencial, com dois grupos distintos, portanto, dividimos a turma ao meio... é sempre bom porque há sempre uma partilha de ideias ou um esclarecimento e todos conseguem ouvir a</i></p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<i>mesma coisa ao mesmo tempo. Acho que sim, que é muito positivo... Mas sim, acho que são muito importantes e que fazem todo o sentido acontecerem.” (Entrevistada 5)</i>
Papel da professora titular	2	<i>“... tenho... esse objetivo, que de alguma forma possa ajudar a desbloquear ali alguma situação... e já tem acontecido pedir a pais ou que apertem um bocadinho mais com os filhos ou que alivem também um bocadinho mais com os filhos... tenho essa pertença e acho que se vai conseguindo.” (Entrevistada 2)</i>
	3	<i>“... às vezes até com o silêncio. E em certas situações até de divórcios... não nos colocarmos num lado nem noutro, sabermos gerir as coisas... o mais importante são mesmo eles e os adultos têm que se entender... e sabermos bem como gerir todas essas situações. (Entrevistada 3)</i> <i>“Nós não nos limitamos... a escola dá instrução... mas não pode ser só isso... É muito mais que isso! E se for só isso, fica aquém... não pode ser, eles são pessoas, são crianças, são seres humanos e temos de dar ali uma mãozinha e ajudá-los a ultrapassar, às vezes até o próprio... insucesso entre aspas, o não chegar tão longe como os colegas... temos de estar ali para dar essa mão, esse conforto e também os fazer... muitas vezes confrontar com certas atitudes também... é responsabilizar.” (Entrevistada 3)</i> <i>“Dou estratégias...” (Entrevistada 3)</i>
	4	

	<p><i>“... como eu costumo dizer, não tenho uma varinha de condão, não estou lá em casa e às vezes tenho consciência que muitas crianças estão bem aqui na escola, é aqui que é o grande porto de abrigo deles e estarmos muito atentos a estes pormenorzinhos todos, mas sim, considero sempre que o professor é o elo de ligação... nós, com a convivência... conhecemos muito bem os meninos... eles dão sinais de quando não estão bem, quando estão felizes, quando há algo que os preocupa. Nós também temos uma psicóloga aqui na escola que partilho muito com ela... e dá-nos ferramentas e esta partilha é muito boa... E depois é esta abertura que eu tenho logo desde o início com os pais, esta abertura para fazer mesmo conversa informal... e os pais também dão o feedback lá de casa quando algo não está bem, também costumam informar-me logo... portanto sim. Acima de tudo a escola tem essa responsabilidade, também mesmo no absentismo escolar, em situações em que a criança falta muito à escola, procurar saber porque... há essa preocupação da minha parte em estabelecer esta ligação para saber se algo mais se passa e poder atuar.” (Entrevistada 4)</i></p> <p><i>“... detetar uma desmotivação. Uma criança que seja motivada e de repente fique desmotivada, a escola não lhe diga nada, atraso na realização dos seus trabalhos, mais distraídos, algo se passa. E é o meu dever chamar essa criança à parte e com o diálogo tentar perceber o que é que se passa e chegar até ela e depois tentar chegar até à família se for caso disso... tenho o poder de atuar, de comunicar a entidades superiores, comunicar à minha diretora pedagógica e a partir daí a entidades superiores para acompanhar estas crianças que podem estar em risco, pode haver, nunca tive uma situação dessas, mas pode</i></p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	5	<p><i>haver crianças que estejam em situação de risco e aí temos de atuar obrigatoriamente.”</i> (Entrevistada 4)</p> <p><i>“... há muitas situações que nós somos aqui muito a ponte de ligação entre as crianças e a própria família. Há coisas que eles são capazes de me contar a mim e que não têm coragem de contar em casa, às vezes certos problemas que eles têm e muitas das vezes nós, e lá está, ser importante a relação entre pais e escola... conseguimos ajudar as próprias crianças que estão com problemas e que não conseguem resolve-los sozinhos e muitos deles vêm ter connosco e partilham... há certas coisa que eu só de olhar para eles sei que eles estão bem ou não... sendo professora deles durante 4 anos nós conhecemo-los perfeitamente e sabemos pela expressão deles se eles não estão bem... e tentá-los ajudar e depois muitas das vezes tentar chegar aos pais... é muito positivo e ainda bem que eles têm esse à vontade comigo para poderem exprimir isso e é super importante... isto é uma relação tão estreita e tão próxima que nós temos durante quatro anos que quando chega ao final... que já é uma relação mesmo muito familiar.”</i> (Entrevistada 5)</p> <p><i>“Mesmo em reuniões, logo quando são aquelas primeiras reuniões... como é que eles devem de os ajudar, de que forma... acho que é um poder que nós temos enquanto educadores de lhes transmitir algumas estratégias que podem ser positivas e boas, há muitos que aproveitam outros não, mas isso depois já fica na consciência de cada um.”</i> (Entrevistada 5)</p>
--	---	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Dia-a-dia da Educadora Social na escola	1	<p><i>“... criámos outra valência que é o Futuro 2, em que os meninos do 5º e do 6º ano que estiveram nesta escola... damos apoios nas tardes livres, temos professoras específicas para certas áreas e quando não dá para estarem a ter aula, ficam no estudo acompanhado a fazer os trabalhos de casa e tudo o que for preciso fazer... agora com isto do Covid, o meu dia-a-dia alterou-se um bocado, porque os horários ficaram diferentes, o 1º e o 2º ano têm um horário, o 3º e o 4º têm outro, há muitos recreios. Mas por norma... Dou apoio educacional a crianças que precisam, com dificuldades de aprendizagem... fui tirar uma disciplina da psicomotricidade, porque tínhamos aqui uma criança que trabalhámos muito com ela a esse nível e eu para entender um bocadinho melhor a problemática dele e para o ajudar, fui tirar essa disciplina... Este ano temos aqui uma criança com algumas necessidades, com autismo e atraso no desenvolvimento... gostava de saber mais e perceber mais para ajudar, para fazer mais alguma coisa por ele, mas fazemos o que podemos... E tentamos fazer sempre mais e melhor... o meu dia-a-dia... por norma seria os apoios das crianças com dificuldades, ficar com eles em determinados horários. Vou ao ciclo buscá-los e levá-los, é uma das minhas funções... Também fico às vezes... com os do ciclo à tarde no estudo acompanhado e apoio ao estudo e depois é a parte da tarde no ATL.” (Entrevistada 1)</i></p>
Atuação da Educadora Social na interação escola-família	1	<p><i>“...temos à vontade para falar com os pais, quase todos. O mais difícil no meio deste trabalho às vezes são as famílias, os pais, são eles que atrapalham um bocadinho as coisas... acho que às vezes não deixam os miúdos resolverem as coisas por eles... mas de qualquer das maneiras quando há alguma coisa para dizer a nível do meu trabalho e com eles, eu falo</i></p>

		<p><i>com os pais e eles aceitam bem... às vezes quando sabem que uma pessoa é licenciada até acabam por nos ouvir e por nos verem de outra maneira... e às vezes sinto-me um bocadinho frustrada a esse nível, confesso. Não é sempre fácil, mas gosto muito do que faço.”</i></p> <p>(Entrevistada 1)</p>
<p>Metodologias e estratégias da Educadora Social</p>	1	<p><i>“... nós aprendemos muitas coisas na escola... mas isto depois no dia-a-dia as coisas acabam por não ser bem assim. Tu não consegues pensar quando estás a fazer certas coisas no momento com os miúdos... uma pessoa quando está no impulso tenta logo resolver as coisas. Eu acho que tenho um papel ativo, a nível dos miúdos e das famílias... Não acho que tenha alguma metodologia, é o falar, é o chegar mais perto dos pais, é estar disponível para os ouvir porque somos muitas vezes ali confidentes, na hora da entrega ouvimos muita coisa, estar disponível para eles enquanto família e para eles enquanto crianças, ralhar quando achamos que temos de ralhar, porque também acho que faz parte da educação, nós podemos chamá-los à atenção... Sermos humanos, acima de tudo, lembrarmo-nos que se fosse com o meu filho o que é que eu gostava que me fizessem, pormo-nos no lugar do pai... mostrarmos sempre disponíveis e compreensíveis... Ora metodologias não te posso dizer que uso uma metodologia assim, é o falar, o escutar, o estar presente, tentar sempre ajudar, estar sempre lá. Disponibilizar-me para tudo, praticamente todos os pais têm o meu número de telemóvel, para mandarem mensagem, para perguntar, para falarem com os filhos na altura em que havia, imagina, exames, eu era capaz de mandar mensagem aos pais todos a dizer que o exame dos miúdos tinha corrido bem, mando fotos dos recreios, eles a fazerem isto ou</i></p>

		<i>aquilo... atividades... gosto de estar perto das famílias, gosto de falar, gosto de comunicar e gosto do que faço, às vezes vou cansada e saturada... mas gosto, senão não estava aqui à 19 anos.” (Entrevistada 1)</i>
Informações complementares	1	<i>“Nem todos sabem que eu sou Educadora Social, nem todos sabem o que é que é isso, para eles eu sou mais uma auxiliar que aqui está e... eu sinto às vezes um bocadinho, uma certa desvalorização... digamos assim.” (Entrevistada 1)</i>
	3	<i>“É a parte de os acompanhar, a parte de não ser meramente a instrução, é tudo aquilo que é preciso e esta relação é fundamental. O diálogo, e também aos pais, por vezes, também pôr certos limites, mas de um modo geral... as pessoas têm posturas muito educadas e estão com os meninos, estão presentes, mas nem estão visíveis. E no ano passado, tenho um segundo ano, e tinha um primeiro ano e até lhes agradei... todo o apoio, porque fiz a minha parte mas eles também fizeram muito e se eles são como estão, a ler tão bem e a interpretar, deve-se também a trabalho deles e também a mérito, muito mérito deles” (Entrevistada 3)</i>
	4	<i>“... Acho que escola família é o grande pilar da formação, é também o nosso grande auxílio do professor em saber lidar com determinados comportamentos das crianças e a base de tudo tem de ser o diálogo, muito diálogo, muita calma, saber respeitar o ritmo de cada um, o tempo de cada um, cada um de nós tem o seu tempo, cada um de nós tem a sua personalidade e temos de saber respeitar isso. Saber analisar todos esses comportamentos e</i>

		<p><i>todas essas diferenças para chegar à criança e chegar à família... muita sensibilidade, muita paciência... e juntos fazemos um bom trabalho... agora quando falta um destes pilares, isso é complicado... Mas o papel do professor, juntamente também com a educadora social e com a psicóloga da escola é arranjarmos ferramentas para chegar à família e seja de que forma for, há sempre uma forma.” (Entrevistada 4)</i></p> <p>5 <i>“...acho que é muito importante os pais estarem presentes na vida dos alunos e perceberem a dinâmica e o funcionamento, mas eu acho que é fundamental também os pais perceberem qual é que é o papel deles e muitas das vezes os pais, esquecem-se muitas vezes que são pais, e eu acho que hoje em dia há muito a ideia que os pais são os melhores amigos, não, para mim isso... logicamente são grandes amigos dos filhos mas além disso devem de ser pais, devem de pôr limites e regras e muitas das vezes acho que esses papeis estão um bocadinho confundidos. Mas sim, faz todo o sentido a escola e a família estarem unidas porque é muito mais fácil neste processo todo e nesta caminhada que eles vão fazer ao longo de vários anos, mas nos primeiros anos acho que é muito importante.” (Entrevistada 5)</i></p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

J. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho nas tarefas escolares com sexo do respondente

Crosstab

			V22. Sexo		Total
			1	2	
V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	1	Count	3	0	3
		Expected Count	2,6	,4	3,0
		% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	100,0%	0,0%	100,0%
		% within V22. Sexo	10,3%	0,0%	9,1%
		% of Total	9,1%	0,0%	9,1%
	2	Count	6	4	10
		Expected Count	8,8	1,2	10,0
		% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	60,0%	40,0%	100,0%
		% within V22. Sexo	20,7%	100,0%	30,3%
		% of Total	18,2%	12,1%	30,3%
	3	Count	20	0	20
		Expected Count	17,6	2,4	20,0
		% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	100,0%	0,0%	100,0%
		% within V22. Sexo	69,0%	0,0%	60,6%
		% of Total	60,6%	0,0%	60,6%
Total	Count	29	4	33	
	Expected Count	29,0	4,0	33,0	
	% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	87,9%	12,1%	100,0%	
	% within V22. Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	87,9%	12,1%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,469 ^a	2	,005
Likelihood Ratio	10,916	2	,004
Linear-by-Linear Association	2,714	1	,099
N of Valid Cases	33		

a. 4 cells (66,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,36.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,563			,005
	Cramer's V	,563			,005
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	-,371	,120	-2,191	,028
	Kendall's tau-c	-,250	,114	-2,191	,028
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

K. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho nas tarefas escolares com ajuda o seu filho a estudar para os testes

Crosstab

		V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?			Total	
		1	2	3		
V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	1	Count	1	2	0	3
		Expected Count	,2	,5	2,4	3,0
		% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	33,3%	66,7%	0,0%	100,0%
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	50,0%	40,0%	0,0%	9,1%
		% of Total	3,0%	6,1%	0,0%	9,1%
	2	Count	1	2	7	10
		Expected Count	,6	1,5	7,9	10,0
		% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	10,0%	20,0%	70,0%	100,0%
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	50,0%	40,0%	26,9%	30,3%
		% of Total	3,0%	6,1%	21,2%	30,3%
	3	Count	0	1	19	20
		Expected Count	1,2	3,0	15,8	20,0
		% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	0,0%	5,0%	95,0%	100,0%
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	0,0%	20,0%	73,1%	60,6%
		% of Total	0,0%	3,0%	57,6%	60,6%
Total	Count	2	5	26	33	
	Expected Count	2,0	5,0	26,0	33,0	
	% within V3. Ajuda o seu filho com as tarefas escolares?	6,1%	15,2%	78,8%	100,0%	
	% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	6,1%	15,2%	78,8%	100,0%	

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,675			,005
	Cramer's V	,478			,005
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	,551	,126	2,980	,003
	Kendall's tau-c	,358	,120	2,980	,003
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

L. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho a estudar para os testes com a relação dos pais

Crosstab

V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?

			1	2	3	4	6	Total
V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	1	Count	0	2	0	0	0	2
		Expected Count	,2	1,3	,2	,2	,1	2,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	0,0%	9,1%	0,0%	0,0%	0,0%	6,1%
	2	Count	1	3	1	0	0	5
		Expected Count	,5	3,3	,5	,6	,2	5,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	33,3%	13,6%	33,3%	0,0%	0,0%	15,2%
	3	Count	2	17	2	4	1	26
		Expected Count	2,4	17,3	2,4	3,2	,8	26,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	7,7%	65,4%	7,7%	15,4%	3,8%	100,0%
		% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	66,7%	77,3%	66,7%	100,0%	100,0%	78,8%
Total	Count	3	22	3	4	1	33	
	Expected Count	3,0	22,0	3,0	4,0	1,0	33,0	
	% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	9,1%	66,7%	9,1%	12,1%	3,0%	100,0%	
	% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
		% of Total	9,1%	66,7%	9,1%	12,1%	3,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,504 ^a	8	,899
Likelihood Ratio	4,531	8	,806
Linear-by-Linear Association	,966	1	,326
N of Valid Cases	33		

a. 14 cells (93,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,326			,899
	Cramer's V	,230			,899
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	,150	,128	1,110	,267
	Kendall's tau-c	,096	,087	1,110	,267
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

M. Relação entre as variáveis: ajuda o seu filho a estudar para os testes com a formação do pai e da mãe

Crosstab

		V18.1. Qual é a escolaridade do pai?					Total	
		2	3	4	5	6		
V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	1	Count	0	0	1	1	0	2
		Expected Count	,2	,3	,6	,9	,1	2,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%
		% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	0,0%	0,0%	10,0%	7,1%	0,0%	6,3%
		% of Total	0,0%	0,0%	3,1%	3,1%	0,0%	6,3%
	2	Count	1	1	1	2	0	5
		Expected Count	,5	,6	1,6	2,2	,2	5,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	20,0%	20,0%	20,0%	40,0%	0,0%	100,0%
		% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	33,3%	25,0%	10,0%	14,3%	0,0%	15,6%
		% of Total	3,1%	3,1%	3,1%	6,3%	0,0%	15,6%
	3	Count	2	3	8	11	1	25
		Expected Count	2,3	3,1	7,8	10,9	,8	25,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	8,0%	12,0%	32,0%	44,0%	4,0%	100,0%
		% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	66,7%	75,0%	80,0%	78,6%	100,0%	78,1%
		% of Total	6,3%	9,4%	25,0%	34,4%	3,1%	78,1%
Total	Count	3	4	10	14	1	32	
	Expected Count	3,0	4,0	10,0	14,0	1,0	32,0	
	% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	9,4%	12,5%	31,3%	43,8%	3,1%	100,0%	
	% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,4%	12,5%	31,3%	43,8%	3,1%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,066 ^a	8	,979
Likelihood Ratio	2,531	8	,960
Linear-by-Linear Association	,043	1	,837
N of Valid Cases	32		

a. 13 cells (86,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,254			,979
	Cramer's V	,180			,979
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	,063	,155	,404	,686
	Kendall's tau-c	,047	,116	,404	,686
N of Valid Cases		32			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Crosstab

		V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?					Total	
		3	4	5	6	7		
V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	1	Count	0	1	0	0	1	2
		Expected Count	,1	,6	1,1	,1	,1	2,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	50,0%	100,0%
		% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	0,0%	10,0%	0,0%	0,0%	50,0%	6,1%
		% of Total	0,0%	3,0%	0,0%	0,0%	3,0%	6,1%
	2	Count	0	1	3	1	0	5
		Expected Count	,2	1,5	2,7	,3	,3	5,0
		% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	0,0%	20,0%	60,0%	20,0%	0,0%	100,0%
		% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	0,0%	10,0%	16,7%	50,0%	0,0%	15,2%
		% of Total	0,0%	3,0%	9,1%	3,0%	0,0%	15,2%
	3	Count	1	8	15	1	1	26
		Expected Count	,8	7,9	14,2	1,6	1,6	26,0
% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?		3,8%	30,8%	57,7%	3,8%	3,8%	100,0%	
% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?		100,0%	80,0%	83,3%	50,0%	50,0%	78,8%	
% of Total		3,0%	24,2%	45,5%	3,0%	3,0%	78,8%	
Total	Count	1	10	18	2	2	33	
	Expected Count	1,0	10,0	18,0	2,0	2,0	33,0	
	% within V4. Ajuda o seu filho a estudar para os testes?	3,0%	30,3%	54,5%	6,1%	6,1%	100,0%	
	% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	3,0%	30,3%	54,5%	6,1%	6,1%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,687 ^a	8	,220
Likelihood Ratio	7,935	8	,440
Linear-by-Linear Association	1,752	1	,186
N of Valid Cases	33		

a. 13 cells (86,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,569			,220
	Cramer's V	,402			,220
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	-,151	,187	-,788	,431
	Kendall's tau-c	-,105	,133	-,788	,431
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

N. Relação entre as variáveis: valorização das aprendizagens do filho com o sexo do respondente

Crosstab

		V22. Sexo		Total	
		1	2		
V5. Valoriza e elogia as aprendizagens do seu filho?	2	Count	0	2	2
		Expected Count	1,8	,2	2,0
		% within V5. Valoriza e elogia as aprendizagens do seu filho?	0,0%	100,0%	100,0%
		% within V22. Sexo	0,0%	50,0%	6,1%
		% of Total	0,0%	6,1%	6,1%
	3	Count	29	2	31
		Expected Count	27,2	3,8	31,0
		% within V5. Valoriza e elogia as aprendizagens do seu filho?	93,5%	6,5%	100,0%
		% within V22. Sexo	100,0%	50,0%	93,9%
		% of Total	87,9%	6,1%	93,9%
Total	Count	29	4	33	
	Expected Count	29,0	4,0	33,0	
	% within V5. Valoriza e elogia as aprendizagens do seu filho?	87,9%	12,1%	100,0%	
	% within V22. Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	87,9%	12,1%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	15,435 ^a	1	,000		
Continuity Correction ^b	7,902	1	,005		
Likelihood Ratio	9,545	1	,002		
Fisher's Exact Test				,011	,011
Linear-by-Linear Association	14,968	1	,000		
N of Valid Cases	33				

a. 3 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,24.

b. Computed only for a 2x2 table

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	-,684			,000
	Cramer's V	,684			,000
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	-,684	,182	-1,556	,120
	Kendall's tau-c	-,213	,137	-1,556	,120
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

O. Relação entre as variáveis: frequência com que entra em contacto com a escola com a relação dos pais

Crosstab

V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?

			1	2	3	4	6	Total
V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	1	Count	2	15	1	3	1	22
		Expected Count	2,0	14,7	2,0	2,7	,7	22,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	9,1%	68,2%	4,5%	13,6%	4,5%	100,0%
		% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	66,7%	68,2%	33,3%	75,0%	100,0%	66,7%
		% of Total	6,1%	45,5%	3,0%	9,1%	3,0%	66,7%
	2	Count	0	4	0	0	0	4
		Expected Count	,4	2,7	,4	,5	,1	4,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	0,0%	18,2%	0,0%	0,0%	0,0%	12,1%
		% of Total	0,0%	12,1%	0,0%	0,0%	0,0%	12,1%
	4	Count	1	3	2	1	0	7
		Expected Count	,6	4,7	,6	,8	,2	7,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	14,3%	42,9%	28,6%	14,3%	0,0%	100,0%
% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?		33,3%	13,6%	66,7%	25,0%	0,0%	21,2%	
% of Total		3,0%	9,1%	6,1%	3,0%	0,0%	21,2%	
Total	Count	3	22	3	4	1	33	
	Expected Count	3,0	22,0	3,0	4,0	1,0	33,0	
	% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	9,1%	66,7%	9,1%	12,1%	3,0%	100,0%	
	% within V17. Enquanto pais da criança, neste momento, qual é a vossa relação?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,1%	66,7%	9,1%	12,1%	3,0%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	6,680 ^a	8	,571
Likelihood Ratio	7,211	8	,514
Linear-by-Linear Association	,000	1	,990
N of Valid Cases	33		

a. 14 cells (93,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,12.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,450			,571
	Cramer's V	,318			,571
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	,036	,174	,207	,836
	Kendall's tau-c	,028	,133	,207	,836
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

P. Relação entre as variáveis: frequência com que entra em contacto com a escola com formação do pai e da mãe

Crosstab

		V18.1. Qual é a escolaridade do pai?					Total	
		2	3	4	5	6		
V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	1	Count	1	4	7	9	0	21
		Expected Count	2,0	2,6	6,6	9,2	,7	21,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	4,8%	19,0%	33,3%	42,9%	0,0%	100,0%
		% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	33,3%	100,0%	70,0%	64,3%	0,0%	65,6%
		% of Total	3,1%	12,5%	21,9%	28,1%	0,0%	65,6%
	2	Count	1	0	0	3	0	4
		Expected Count	,4	,5	1,3	1,8	,1	4,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	25,0%	0,0%	0,0%	75,0%	0,0%	100,0%
		% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	33,3%	0,0%	0,0%	21,4%	0,0%	12,5%
		% of Total	3,1%	0,0%	0,0%	9,4%	0,0%	12,5%
	4	Count	1	0	3	2	1	7
		Expected Count	,7	,9	2,2	3,1	,2	7,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	14,3%	0,0%	42,9%	28,6%	14,3%	100,0%
		% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	33,3%	0,0%	30,0%	14,3%	100,0%	21,9%
		% of Total	3,1%	0,0%	9,4%	6,3%	3,1%	21,9%
Total	Count	3	4	10	14	1	32	
	Expected Count	3,0	4,0	10,0	14,0	1,0	32,0	
	% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	9,4%	12,5%	31,3%	43,8%	3,1%	100,0%	
	% within V18.1. Qual é a escolaridade do pai?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	9,4%	12,5%	31,3%	43,8%	3,1%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,211 ^a	8	,251
Likelihood Ratio	11,816	8	,160
Linear-by-Linear Association	,106	1	,744
N of Valid Cases	32		

a. 13 cells (86,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,13.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,565			,251
	Cramer's V	,399			,251
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	,086	,165	,521	,602
	Kendall's tau-c	,076	,146	,521	,602
N of Valid Cases		32			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Crosstab

		V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?					Total	
		3	4	5	6	7		
V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	1	Count	1	7	12	1	1	22
		Expected Count	,7	6,7	12,0	1,3	1,3	22,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	4,5%	31,8%	54,5%	4,5%	4,5%	100,0%
		% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	100,0%	70,0%	66,7%	50,0%	50,0%	66,7%
		% of Total	3,0%	21,2%	36,4%	3,0%	3,0%	66,7%
	2	Count	0	1	2	0	1	4
		Expected Count	,1	1,2	2,2	,2	,2	4,0
		% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	0,0%	25,0%	50,0%	0,0%	25,0%	100,0%
		% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	0,0%	10,0%	11,1%	0,0%	50,0%	12,1%
		% of Total	0,0%	3,0%	6,1%	0,0%	3,0%	12,1%
4	Count	0	2	4	1	0	7	
	Expected Count	,2	2,1	3,8	,4	,4	7,0	
	% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	0,0%	28,6%	57,1%	14,3%	0,0%	100,0%	
	% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	0,0%	20,0%	22,2%	50,0%	0,0%	21,2%	
	% of Total	0,0%	6,1%	12,1%	3,0%	0,0%	21,2%	
Total	Count	1	10	18	2	2	33	
	Expected Count	1,0	10,0	18,0	2,0	2,0	33,0	
	% within V9. Com que frequência fala com a professora titular ou com a escola?	3,0%	30,3%	54,5%	6,1%	6,1%	100,0%	
	% within V18.2. Qual é a escolaridade do mãe?	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	3,0%	30,3%	54,5%	6,1%	6,1%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymptotic Significance (2- sided)
Pearson Chi-Square	4,567 ^a	8	,803
Likelihood Ratio	4,296	8	,829
Linear-by-Linear Association	,188	1	,664
N of Valid Cases	33		

a. 13 cells (86,7%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,12.

Symmetric Measures

		Value	Asymptotic Standard Error ^a	Approximate T ^b	Approximate Significance
Nominal by Nominal	Phi	,372			,803
	Cramer's V	,263			,803
Ordinal by Ordinal	Kendall's tau-b	,111	,150	,734	,463
	Kendall's tau-c	,091	,124	,734	,463
N of Valid Cases		33			

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.